

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

WILSON KLAIN

**ADOLF EICHMANN SE TORNANDO UM PSICOPATA: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO**

São Paulo

2020

WILSON KLAIN

**ADOLF EICHMANN SE TORNANDO UM PSICOPATA: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO**

Doutorado em Psicologia Clínica

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

São Paulo

2020

WILSON KLAIN

**ADOLF EICHMANN SE TORNANDO UM PSICOPATA: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Mezan.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Prof. Dr. Renato Mezan – Orientador)

---

( )

---

( )

---

( )

---

( )

**SUPLENTES**

---

( )

---

( )

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Finance Code 001”.

« Cette étude a été réalisé avec le soutien de la Coordination de l'amélioration du Personnel de l'enseignement Supérieur - Brésil (CAPES) - Code de financement 001»

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos que padeceram da personalidade doente de Adolf Eichmann.

Aos pesquisadores que, incansavelmente, buscam tornar o Holocausto mais evidente aos que insistem em negá-lo e para as gerações que dele somente têm seus ecos.

Aos psicanalistas que se dedicam a apontar que as marcas do nazismo ainda são encontradas nos dias atuais.

Agradeço ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP por acolher esse trabalho num momento delicado da pós-graduação.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Mezan, pelo acolhimento do projeto e pelo respeito à liberdade de pensamento necessária a essa pesquisa.

À Profa. Dra. Elisa Maria de Ulhoa Cintra, que em certa ocasião me apresentou como alguém que pesquisava a “mente de um nazista”, quando eu ainda não tinha essa dimensão. E esse acabou sendo o caminho.

À Profa. Dra. Ida Kublikowski, tolerante com meus impasses.

À Profa. Dra. Miriam Bettina Paulina Bergel Oelsner, que me recebeu nos primeiros passos dessa trajetória e me apresentou Victor Klemperer.

Aos meus colegas do curso Teoria Psicanalítica da COGEAE, que, com confiança, me acolheram nos momentos de intenso trabalho.

Aos meus colegas de Sorocaba, do Caminhos na Psicanálise, que foram “bons ouvidos” para os impasses teóricos.

Aos meus pais, Wanderley (in memoriam) e Marli, a quem dou graças pela vida.

A minha irmã, Luciana, a permanente testemunha.

À minha esposa, Ana Silvia, de paciência infinita, quando estive mais com Eichmann que com nossa vida. Um ser humano disponível que leu os intermináveis rascunhos.

Ao meu filho, Arthur Klain, que me fez rei quando nasceu e hoje é meu companheiro de muitas conversas, inclusive sobre nazismo. E que agora segue seu caminho.

Obrigado a todos.

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é investigar, à luz da Psicanálise, os fatores que levaram Otto Adolf Eichmann, um jovem de família média alemã, a se tornar o “arquiteto” da Solução Final e, portanto, responsável pelo assassinato de milhares de pessoas durante o governo nazista. O estudo se inicia com o exame de alguns elementos da história alemã, desde sua fundação, visando encontrar os ingredientes que possam ter contribuído para consolidação, em termos psicanalíticos, de uma personalidade adequada ao projeto nazista. Para isso, são apresentados fatos históricos da fundação daquele país, como fatores culturais que corroboraram o “espírito” germânico, bem como a presença do mito da “raça ariana”. A teoria psicanalítica é chamada a contribuir com o conceito de introjeção e identificação para respaldar a compreensão da importância desses fatores como ingredientes da cultura que envolveu o jovem Eichmann. Para isso ele é apresentado em vários tempos, os quais permitirão observar a formação de sua personalidade desde a infância, até tornar-se aquele que está associado ao extermínio de seis milhões de judeus. O nazismo, como proposta totalitária, é aqui compreendido como nota harmônica a esses elementos presentes na cultura e, portanto, será demonstrado como potencializador de fatores pré-edípicos, tal como proposto pela Psicanálise. Os últimos anos de Eichmann na Argentina serão apresentados como a confirmação de seus propósitos pessoais muitas vezes disfarçados pela ideologia. A discussão sobre a psicopatia em Eichmann será ilustrada pela análise de dois personagens da literatura – Hamlet e Ricardo III – examinados por Freud em dois de seus trabalhos sobre o tema.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate, in the light of Psychoanalysis, the factors that led Otto Adolf Eichmann, a young man from a German middle family, to become the “architect” of the Final Solution, and therefore responsible for the murder of thousands of people during the Nazi rule. The study begins by examining some elements of German history since its founding, seeking to find the ingredients that may have contributed to the consolidation, in psychoanalytic terms, of a personality suited to the Nazi project. For this, historical facts regarding the foundation of that country are presented as cultural factors that corroborated the Germanic “spirit”, as well as the presence of the myth of the “Aryan race”. Psychoanalytic theory is called upon to contribute with the concepts of introjection and identification, in order to support the understanding of the importance of these factors as ingredients of the culture surrounding the young Eichmann. For this he is presented at various times, which will allow us to observe the formation of his personality from childhood, until becoming one that is associated with the extermination of six million Jews. Nazism, as a totalitarian proposal, is here understood as a harmonic note to these elements present in culture and, therefore, will be demonstrated as a something that potentiates pre-oedipal factors, as proposed by Psychoanalysis. Eichmann’s last years in Argentina will be presented as confirmation of his personal purposes often disguised by ideology. Eichmann’s discussion of psychopathy will be illustrated by the analysis of two characters from the literature – Hamlet and Ricardo III – examined by Freud in two of his works on the subject.

## RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est d'étudier, à la lumière de la psychanalyse, les facteurs qui ont conduit Otto Adolf Eichmann, un jeune de la famille moyenne allemande à devenir «l'architecte» de la Solution finale et donc responsable du meurtre de milliers de personnes sous son règne Nazi. L'étude commence par examiner certains éléments de l'histoire allemande depuis sa fondation, en cherchant à trouver les ingrédients qui ont pu contribuer à la consolidation, en termes psychanalytiques, d'une personnalité adaptée au projet nazi. Pour cela, les faits historiques de la fondation de ce pays sont présentés, comme des facteurs culturels qui ont corroboré "l'esprit" germanique, ainsi que la présence du mythe de la "race aryenne". La théorie psychanalytique est appelée à contribuer au concept d'introjection et d'identification pour soutenir la compréhension de l'importance de ces facteurs en tant qu'ingrédients de la culture entourant le jeune Eichmann. Pour cela, il est présenté à différents moments, ce qui permettra d'observer la formation de sa personnalité depuis l'enfance jusqu'à devenir celle qui est associée à l'extermination de six millions de juifs. Le nazisme, en tant que proposition totalitaire, est ici compris comme une note harmonique à ces éléments présents dans la culture et, par conséquent, sera démontré comme un potentialisateur des facteurs pré-œdipiens, comme le propose la psychanalyse. Les dernières années d'Eichmann en Argentine seront présentées comme une confirmation de ses objectifs personnels souvent déguisés par l'idéologie. La discussion d'Eichmann sur la psychopathie sera illustrée par l'analyse de deux personnages de la littérature - Hamlet et Ricardo III - examinés par Freud dans deux ouvrages sur le sujet.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. O NASCIMENTO DA ALEMANHA</b> .....	13
1.1. Arminius, o pai da Alemanha .....	13
1.2. “Oitocentos” .....	15
1.3. A Alemanha unificada: o nacionalismo com a espada na mão .....	17
1.4. O caldeirão do Pangermanismo e da Ariosofia .....	18
1.5. A tropa está pronta: Arminius, esoterismo e ciência .....	20
1.6. Belle Époque .....	22
1.7. Primeira Guerra Mundial .....	26
<b>2. O ESPÍRITO INTROJETADO</b> .....	31
2.1. A Presença do Arcaico .....	31
2.2. O Indivíduo e o Arcaico .....	34
2.3. O Espelho e a “ <i>double conscience</i> ” .....	34
2.4. Da imitação à identificação: procurando o arcaico .....	36
2.5. Os ideais: uma ilusão para acalmar a alma interior .....	37
2.6. Quando o general morre no campo de batalha .....	40
2.7. Arminius só é pai porque os filhos assim o querem .....	43
<b>3. A CHEGADA DO III REICH</b> .....	47
3.1. Nos porões, a trama fascista .....	48
3.2. Recrutando o bando .....	50
3.3. Propaganda corpo-a-corpo .....	52
3.4. Quem hipnotiza quem? .....	53
3.5. A campanha .....	55
3.6. Ações para sustentar as palavras .....	58
<b>4. EICHMANN EM VÁRIOS TEMPOS</b> .....	59
4.1. Família e Infância de Adolf Eichmann .....	62
4.2. O Partido Nazista .....	64

4.3. Deportação e Extermínio .....	71
4.4. É o fim? .....	84
4.5. Conversas com Sassen .....	87
4.6. Julgamento em Jerusalém .....	89
<b>5. DE ARMINIUS A EICHMANN: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA PSICANÁLISE</b> ....	92
5.1. Da glória à humilhação .....	95
5.2. Eichmann em busca de sentido .....	96
5.3. O antissemitismo latente .....	98
5.4. Eu existo? .....	99
5.5. Escalando para a existência .....	102
5.6. O Reich, um mundo particular .....	103
5.7. A conferência de Wannsee: o ódio em cena .....	106
5.8. Dois mundos: o genocídio e a glória .....	107
5.9. De volta às origens: Eichmann sem uniforme .....	110
5.10. Tornando-se um psicopata .....	114
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	123
<b>ANEXOS</b> .....	132
a. Abreviações e nomes próprios .....	132
b. Patentes da SS e do Exército nazista .....	134
c. Lista de vídeos .....	136
d. Imagens .....	138

**ADOLF EICHMANN SE TORNANDO UM PSICOPATA: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO**

## INTRODUÇÃO

A teoria psicanalítica em muito se utilizou de registros míticos e históricos. Podemos encontrar algo em comum entre as manifestações estudadas pela ciência inaugurada por Freud e esses elementos. A questão das origens é uma dessas razões.<sup>1</sup> Freud, em diversos momentos, recorre a esses elementos para ilustrar questões teóricas, bem como para costurar tempos diferentes. O mais notável está em *Totem e tabu*. Além desse trabalho, encontraremos as tragédias gregas e as diversas obras da literatura preenchendo lacunas teóricas que se evidenciavam quando suas pesquisas o levavam para além do que lhe parecia realizável conceitualmente.

Neste trabalho, destaco um elemento histórico, bastante distante da atualidade mas relacionado ao que pretendo demonstrar, que será utilizado com a finalidade de indicar a presença do arcaico nos movimentos que sustentaram as guerras que foram promovidas pela Alemanha. Evidente que qualquer ambição de causa e efeito não se aplica a isso, apenas vão sugerir uma reflexão. O objetivo é construir uma possível explicação para o fenômeno que quero demonstrar.

Assim, verificarei se pode haver uma relação, ou pelo menos uma inspiração, de elementos presentes na origem do povo germânico com a força devastadora que a história do século XX registrou nas ações desse mesmo povo. Afinal, são duas grandes guerras que têm como protagonista a Alemanha.

---

<sup>1</sup> FREUD, 1986a; FREUD, 1986v; FREUD, 1986n.

# 1. O NASCIMENTO DA ALEMANHA

“[...] assim como no desenvolvimento de uma pessoa individual, as experiências de períodos anteriores de sua vida continuam tendo um efeito no presente, também as experiências passadas influem no desenvolvimento de uma nação”.

(Norbert Elias, *Os alemães*, 1997)

## 1.1. Arminius, o pai da Alemanha

Conta-se que foi um ato heroico que fundou a Alemanha.<sup>2</sup>

A investida do Grande Império Romano sobre as terras germânicas já se fazia desde o governo de Augusto (27 a. C.), que entendia o Reno como uma ótima fronteira para o território Romano. Para isso, foram feitas algumas incursões sobre as terras Germânicas.

Em uma dessas incursões, Arminius,<sup>3</sup> filho de um chefe Querusco,<sup>4</sup> mas treinado como comandante militar romano, é designado a tornar definitivamente a parte ocupada da Germânia uma província romana. Para isso, é incumbido de cobrar impostos e de tratar os Germanos como súditos do Império Romano.

Entretanto, o período que Arminius passa na região do Reno leva-o a mudar de ideia com relação aos seus superiores romanos. Além disso, ele se casa com a filha de Segestes, um germano assimilado ao poder romano e que se opunha às ideias de Arminius. Segestes por várias vezes advertiu Arminius da sua pretendida revolta. Mas o insubordinado era um incentivador da independência do povo germânico.

A oposição de Segestes e sua forte ligação com o Império Romano é retratada por Tácito. Ele assim a descreve:<sup>5</sup>

“Não é a primeira vez que o povo romano aprovou minha fé e adesão: a partir do momento em que fui apresentado pelo deificado Augusto com a aceitação da cidade, continuei orientado pelo seu interesse a escolher meus amigos e pelo

---

<sup>2</sup> Os *Anais* de Tácito são a fonte para as informações referentes ao período onde se deu a batalha que reuniu as tribos germânicas em torno da primeira unificação. A época em questão compreende os governos de Tibério e de Nero.

<sup>3</sup> Batizado pela história alemã com o nome de Herrman.

<sup>4</sup> Uma das tribos germânicas.

<sup>5</sup> “The Reign of Tiberius, out of the first six annals of Tacitus”. Tradução minha. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/7959/7959-h/7959-h.htm>

seu interesse, denominar meus inimigos; não tenho ódio ao meu país de origem (pois odiosos são os traidores), porque as mesmas medidas conduzem igualmente para o benefício dos romanos e dos alemães; e eu preferia a paz que guerra.

(TÁCITO, Livro I)

Entretanto, no ano 9 d. C., na Floresta de Teutoburg, as tropas dos povos germânicos comandadas por Arminius enfrentaram o império Romano, este sob as ordens do futuro Imperador Tibéius.<sup>6</sup> Segestes, por sua vez, considerando o entusiasmo de sua nação, capitaneada pela habilidade de Arminius, foi forçado à guerra.

A divergência persistiu entre eles. Por isso, diversas lutas lideradas por Arminius foram travadas entre as tribos germânicas, visando a unidade.

Mas o ódio de Segestes não se limitava às disputas entre as tribos germânicas. A hostilidade apimentava-se pela união do guerreiro com sua filha.

Tácito assim retrata a filha de Segestes: “A esposa de Armínio, a mesma filha de Segestes, uma dama mais ligada ao espírito do marido do que do pai”.<sup>7</sup> A associação de Segestes com os Romanos, permite que sua filha seja levada ao Império, afastando-a do marido. No entanto, esse cativo não afasta apenas a mulher de seu marido, mas também o filho que ela esperava. Tácito assim relata:

Dos seus olhos o cativo não forçou uma lágrima, nem dos lábios um suspiro em forma de suplicio; nenhum movimento de suas mãos; nenhum olhar escapou dela; mas, abraçou seu próprio peito e segurou o seu ventre pesado.

(TÁCITO, Livro I)

A esposa de Arminius deu à luz um menino e ele foi criado em Ravenna. Longe de seu pai.

Naturalmente o espírito violento de Arminius, e agora incendiado pelo cativo de sua esposa e filho, o faz arregimentar os queruscanos, armando-os contra Segestes.

Duas forças, uma liderada por Arminius e outra pelo pai de sua amada, entraram em guerra. Mais uma vez Arminius obteve uma vitória. Porém, no ano 21, foi assassinado, provavelmente pelo próprio sogro.

---

<sup>6</sup> TÁCITO, *Anais*, Livro I.

<sup>7</sup> Idem.

Nos anos seguintes não houve paz na Germânia, muitas lutas foram travadas nessas terras.

No ano de 98 d. C. Tácito glorificou Arminius como herói germânico, filho das tribos germânicas. Lutero, por sua vez, instrumentalizou a exaltação de Tácito e o chamou de Herrmann, o líder da guerra.<sup>8</sup> E é desta forma que Arminius, o Romano é imortalizado como herói alemão. Como pai dos alemães.

Com a figura do herói germânico, do pai da Alemanha, obtemos a cena de enfrentamento do poder constituído, no caso o grande Império Romano e da audácia de Arminius.

Freud, em *Moises e o Monoteísmo*,<sup>9</sup> quando trata do reconhecimento do herói a partir da contribuição de Rank,<sup>10</sup> argumenta que a bravura do herói está no feito de rebelar-se contra o pai e alcançar a vitória, sobrepujando-o. Assim, tal como tantos outros heróis que se opuseram à lei que os organiza, Arminius enfrenta o exército Romano, no qual tornou-se um reconhecido representante, e o derrota de forma definitiva no intento de domínio dos povos germânicos do Reno.

A figura do herói será utilizada, e muitas vezes revitalizada, como elemento identificatório a ser oferecido ao povo alemão para as intenções de seus líderes.

A história dos alemães sucede a história dos germanos. E será depois de muitas batalhas que poderemos nos referir à Alemanha. O Estado se formará somente em 1871 em Versalhes. E é para esse período que me dirigirei, a fim de contextualizar os acontecimentos que culminarão com a Primeira Guerra Mundial e, depois, o III Reich.

## 1.2. Oitocentos

Em 1806, Napoleão invadiu o território germânico. Ao mesmo tempo em que essa ação ajudou a precipitar a dissolução do Sacro-Império Romano, as ideias políticas de Napoleão ajudaram a reforçar o sentimento nacionalista germânico. A ideia de uma nação alemã já existia desde a formação do Reino da Alemanha, no início da idade média, e, segundo a crença em torno do herói Arminius, desde a antiguidade.<sup>11</sup>

Após a queda de Napoleão, no território do antigo Sacro Império Romano, formou-se a Liga Alemã que, após várias disputas entre os príncipes, seria dissolvida em 1867. Em seu lugar,

---

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE, M. C.; SILVA, D. G. G., 2017.

<sup>9</sup> FREUD, 1986n.

<sup>10</sup> Na referida passagem do texto freudiano, o psicanalista faz referência ao livro de Otto Rank *Der Mythos von der Geburt des Helden*, do qual extrai a confirmação da existência de mitos fundadores das nações civilizadas.

<sup>11</sup> ELIAS, 1997, pp. 15-31.

surgiu a Confederação da Alemanha do Norte, sob a batuta da Prússia. A Confederação existiu até 1871, quando foi fundado o Império Alemão.

Em 18 de outubro de 1838, na floresta de Floresta de Teutoburg, foi iniciada a construção do famoso e imponente *Hermannsdenkmal* (Monumento Hermann),<sup>12</sup> – um monumento ao herói Arminius. Sua construção se estendeu por 38 anos. O monumento foi inaugurado em 1875, portanto, logo após a unificação da Alemanha. A estátua porta uma espada que aponta para o alto com a seguinte inscrição: “*Deutsche Einigkeit meine Stärke/Meine Stärke Deutschlands Macht*”,<sup>13</sup> enfatizando que o herói não apenas representa as raízes da nação alemã, mas também sua unidade.

Considerando o período em que foi erguida e a sua posição voltada para a França, sugere que o herói desafia e protege a nação do país vizinho, inimigo de muitas batalhas.

“Oitocentos”<sup>14</sup> foi um período que compreendeu, entre tantos fatos, a surgimento do II Reich Alemão (1870-1918). Os alemães, pode-se dizer, contraíram uma dívida com chanceler Otto von Bismarck pela idealização e condução do Império. Foi o tempo que marcou a entrada da Alemanha no cenário das potências europeias. Na Grã-Bretanha, a Era Vitoriana (1837-1901) foi uma época que marcou a hegemonia do capitalismo, cujo centro passou a ser a Inglaterra. A prosperidade do período dividiu o espaço com o puritanismo e o moralismo, evidenciando uma grande contradição. Na França, o Segundo Império (1852-1870) foi marcado por disputas políticas ao mesmo tempo que precisou fazer frente ao desenvolvimento britânico. O clima afirmou-se com o plebiscito de 1870, mas caiu adiante com a derrota na batalha de Sédan (setembro de 1870). É, ademais, um século que se beneficia da industrialização, mas vê suas potências disputarem a colonização da África e da Ásia pelo domínio político e a exploração das riquezas naturais.

Além disso, a ganância do governo de Napoleão (1799-1815) marcou a Europa por fortes ações militares contra outros países. Foi um período de grande instabilidade em que a guerra era uma constante na vida das pessoas.

Em 1806, Napoleão invadiu o território germânico. Ao mesmo tempo que essa ação ajudou a precipitar a dissolução do Sacro-Império Romano, as ideias políticas de Napoleão ajudaram a reforçar o sentimento nacionalista germânico. A ideia de uma nação alemã já existia desde a formação do Reino da Alemanha, no início da idade média, e, segundo a crença em torno do herói Arminius, desde a antiguidade.

---

<sup>12</sup> Ver Anexo, ao final deste trabalho, para imagens.

<sup>13</sup> “A união alemã, minha força/ Minha força, o poder da Alemanha”.

<sup>14</sup> CROCE, 1950.

Enfim, um século em que a estrutura política e social do absolutismo viu, na outra extremidade do movimento pendular, a revolução intelectual do iluminismo.

Entretanto, o século XIX foi um período pendular: grandes batalhas, muitas mortes, mas importantes conquistas humanas.

### **1.3. A Alemanha unificada: o nacionalismo com a espada na mão**

O rei da Prússia, Wilhelm I, e seu primeiro ministro Bismarck, compreenderam o valor de uma Alemanha unificada, especialmente com fins a eliminar a influência da Áustria.

Bismarck, com seu estilo implacável de fazer política, apostou numa guerra para unir os alemães num só Estado. O protagonismo do Primeiro Ministro foi fundamental para a unificação. O recurso da guerra, ainda que se possa dizer da tradição guerreira dos povos germânicos, foi – e talvez, ainda seja – um forte ingrediente aglutinador. E foi isso que Bismarck fez.

Os governantes germânicos, imbuídos do mesmo espírito nacionalista que construiu com muitas lutas o caminho da unidade, ganharam nesse momento a sua face mais ideológica. Eles sabiam que os grandes impérios que dominavam a Europa faziam sombra aos pequenos estados alemães. Foi necessária uma reação.

Nesse momento as potências europeias controlavam aproximadamente 35% do mundo.<sup>15</sup> Isso não é pouco! O domínio foi obtido por meio das guerras e da submissão dos povos. Por isso é fácil deduzir que as pretensões germânicas eram grandes.

Marisa Fernandes, pesquisadora portuguesa, citando Lorot et Thual afirma:

[...] o nacionalismo é um fator geopolítico de primeira importância, não apenas porque é a afirmação da visão específica de superioridade de um grupo sobre os outros, mas também porque se constitui como uma forma de protesto.

(LOROT P.; THUAL, F., 1997, apud. FERNANDES, 2011, p. 266)

“Neste sentido”, continua Marisa Fernandes, citando Vives,

[...] é de referir a importância de que se reveste a ideia de uma Großdeutschland (Grande Alemanha), a presente ideia de um Reich integrante do subconsciente alemão em todas as épocas, crenças e ideologias, o que mais não é do que o

---

<sup>15</sup> MACMILLAN, 2014, p. 48.

desejo de regresso e concretização a um dos mitos da Nação alemã, o do Império Carolíngio.<sup>16</sup>

(VIVES, 1972, apud. FERNANDES, 2011, p. 266)

A força do trabalho temperado pelo nacionalismo alemão, no entender dos governantes, era a diferença e que os tornaria mais fortes.

Contudo, além desse tempero houve outro, uma força que correu no subterrâneo da política e da filosofia germânica.

#### 1.4. O caldeirão do Pangermanismo e da Ariosofia

O Pangermanismo já podia ser identificado no período das Guerras Napoleônicas. A defesa de uma nação alemã tornou-se uma importante força política em resposta à invasão de territórios alemães pela França de Napoleão.<sup>17</sup>

A busca da identidade se dava pela discriminação entre aqueles que estabeleciam quem era e quem não era um germânico. Esse sentimento foi potencializado entre as elites intelectuais de vários estados alemães e somente depois a população foi envolvida.

O Pangermanismo ganhou seu “argumento” esotérico através das crenças estabelecidas pela Ariosofia. A ideia era atribuir a um povo antigo, supostamente relacionado com os alemães, a marca da superioridade.

Não aleatoriamente, a Ariosofia surgiu em Viena, uma cidade germânica marcada pelo movimento nacionalista *völkisch*,<sup>18</sup> mas que apresentava um cenário multirracial, incluindo Judeus da Galícia. Era o lugar certo para o desenvolvimento de crenças místicas.

O cenário da Viena do final do século foi definido por Hitler como “um conglomerado racial da capital imperial nojento, esta mescla de Tchecos, Poloneses, Sérvios e Croatas era repulsiva. A cidade parecia a personificação da infâmia racial”.<sup>19</sup> A repulsa de Hitler ganhou argumento na sua frequente leitura da revista editada por Jörg Lanz von Liebenfels, um

---

<sup>16</sup> Império Carolíngio (Império de Carlos Magno - 742 – 814). Ocupando grande parte da região central da Europa, este estado medieval é o embrião da atual França. In Le Goff, J. *Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>17</sup> Johann Gottlieb Fichte, considerado o pai fundador do nacionalismo alemão, escreveu os seus “Discursos à Nação Alemã” em 1808. Nesse trabalho ele dedicou seu quarto discurso para a definição da nação alemã. (Cf. VARA BRANCO, A. M., 2009).

<sup>18</sup> O Movimento *völkisch* de caráter populista, esteve presente entre o final do século XIX e o período nazista. O termo *völkisch*, que significa “étnico”, deriva da palavra alemã Volk, correspondente a “povo”. Disponível em <http://trans-int.blogspot.com/2005/04/ummah-and-das-volk-on-islamist-and.html>. Para traduções deste e dos principais termos em alemão citadas pelo texto, ver tabela ao final deste trabalho, em Anexos.

<sup>19</sup> GOODRICK-CLARKE, 1985, p. 15.

jornalista austríaco conhecido por sua ideologia racista, marcada por um profundo antissemitismo.

Definido o cenário, voltemos à Ariosofia. Os seguidores da seita acreditavam que os arianos eram uma raça que submergiu no cataclismo da Atlântida, mas antes alguns elementos teriam evoluído e conquistado forças cósmicas e sobrevivido. Acreditavam que essa evolução havia permitido que construíssem as estruturas ciclópicas, ou seja, as construções com grandes pedras sobrepostas sem o uso de argamassa para fixá-las.<sup>20</sup>

Desculpo-me com o leitor pela apresentação de ideias tão “estapafúrdias”, mas elas estão cravadas nos porões da história germânica. Elas foram incremento para a atribuição de um valor místico ao pangermanismo, especialmente aquele que, como já disse, precisava das forças do agrupamento. Para eles, o ocultismo era uma maneira de resgatar a força milenar daquelas tribos antigas – e assim criar um império pangermânico em pleno século XIX.

O Pangermanismo<sup>21</sup> e a Ariosofia atendiam aos auspícios dos líderes. Isso era um fortalecimento da ideia de um sangue germânico.

Além de todas essas ideias malucas, os Ariosofistas usaram esta crença para designar os Judeus, Ciganos, Negros e Eslavos, como sobreviventes da raça inferior, os quais deverão desaparecer para a evolução plena da raça superior. E, obviamente, os fisicamente incapacitados, pois a raça superior é perfeita por definição.

Entre as ideias dos ariosofistas<sup>22</sup> está a tese de uma conspiração de interesses antigermânicos, planejada principalmente por judeus. O suposto complô baseava-se nos alegados “Protocolos dos Sábios de Sião”<sup>23</sup> que surgiram após a Revolução Russa de 1917. Segundo esse falso documento, os judeus e maçons conspiravam a fim de alcançar a dominação mundial através da destruição do mundo ocidental.

Dessa forma, a ordem seria recuperar os ensinamentos esotéricos e a virtude racial dos antepassados alemães a fim de criar um império pangermânico.

---

<sup>20</sup> PAOLA, Heitor de. “A Tradição Teutônica e as Raízes Ocultistas do Nazismo”, Parte 6. Disponível em: [http://rplib.com.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=3871:do-alto-do-meu-sof%C3%A1&Itemid=545](http://rplib.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=3871:do-alto-do-meu-sof%C3%A1&Itemid=545)

<sup>21</sup> ARENDT, 2012 (1949), p. 212.

<sup>22</sup> GOODRICK-CLARKE, 2004 (a expressão 'ariosofia' é usada genericamente para descrever as teorias ariano-racistas-ocultistas).

<sup>23</sup> BARROSO, Gustavo. “Os Protocolos dos Sábios de Sião” resumo do texto traduzido e apostilado. 1936. Sugiro ao leitor visitar o site do museu do Holocausto. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/protocols-of-the-elders-of-zion>

Na outra margem do mesmo rio, a filosofia e outras ciências apresentaram suas considerações na direção da superioridade germânica. Com o propósito de frear qualquer tese em contrário no universo das ciências, criou-se a Liga Pangermânica em 1891.<sup>24</sup>

O objetivo principal da Liga era se opor às medidas governamentais e científicas que, segundo eles, seriam prejudiciais à nação alemã. Uma espécie de “guardiães científicos” do sangue e espírito germânico.

Nesse momento havia se passado apenas doze anos da publicação de *A Origem das Espécies* e a ideia distorcida de um “*darwinismo social*”, foi usado largamente pelos políticos.

Além desses usos populistas, o espírito alemão foi reforçado pelos trabalhos dos escritores e filósofos alemães do século XVIII. Goethe e, em especial Johann Gottfried von Herder (1744-1803), aluno de Kant.<sup>25</sup> Herder reforçou a ideia de que os alemães possuíam uma herança cultural rica e comum, por meio de sua obra convocava os alemães a reencontrarem suas fontes de inspiração nas origens germânicas.

Com todo esse caldo cultural, o espírito alemão se agregou ao nacionalismo.<sup>26</sup> O povo estava reunido em torno de uma força que envolvia seu sangue. A força do nacionalismo poderá ser verificada nos séculos vindouros.

### **1.5. A tropa está pronta: Arminius, esoterismo e ciência**

A guerra franco-prussiana, planejada por Bismarck e temperada pelos elementos científicos e culturais, uniu os alemães num só Estado.

O esforço de unificação de Bismarck pode ser verificado nas palavras de Stefan Zweig. O escritor austríaco relata em sua autobiografia que Bismarck, embora não se pudesse notar,

[...] era conscientemente revolucionário e trabalhava com força brutal para destruir a monarquia austríaca em favor de uma Grande Alemanha sob liderança prussiana e protestante, sonhada já antes de Hitler.

(ZWEIG, 2014, p. 53)

---

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Alldeutscher\\_Verband\\_\(ADV\),\\_1891-1939](https://www.historisches-lexikon-bayerns.de/Lexikon/Alldeutscher_Verband_(ADV),_1891-1939).

<sup>25</sup> VARA BRANCO, A. M, 2009; ALBUQUERQUE, M. C; SILVA, D. G. G., 2017; NUNES, 2017.

<sup>26</sup> GUIMARÃES, S. P, 2008.

Conta-nos Zweig que a Liga Pangermânica,<sup>27</sup> em comparação ao Partido Social Cristão era numericamente fraco, mas compensava a sua fragilidade com agressão selvagem e brutalidade desmedida. Diz Zweig que “seus poucos deputados se tornaram o terror e a vergonha do Parlamento austríaco” (ZWEIG, 2014, p. 53).

Com a vitória prussiana, o império germânico retomou a rica região da Alsácia-Lorena. Essa perda alimentou os nacionalistas franceses de um sentimento de vingança na busca de uma reparação contra os germânicos. O próximo capítulo dessa guerra entre os dois povos acontecerá na Primeira guerra mundial.

A vitória na Guerra Franco-Prussiana encheu de orgulho o povo alemão. O espírito germânico, cultuado pelos nacionalistas e pelos exotéricos ungiu cada vez mais a mítica figura de Arminius.

Bismarck saiu do confronto ainda mais fortalecido. Foi aclamado pelos seus aliados e também por seus opositores. O “Chanceler de Ferro” estava associado a Arminius/Hermann, líder da guerra.<sup>28</sup>

A associação entre as figuras de Bismarck e do herói denotam a oferta de identificação por associação, fazendo equivaler as duas figuras. Bismarck, portanto, se valerá dessa associação para seus projetos políticos.

Todavia, sem que a memória fosse tomada inteiramente pela glória, Bismarck tranquiliza os germânicos sobre o passado de humilhações.

Em seu famoso discurso de 14 de maio de 1872 ele exorta ao povo alemão: “*Seien Sie außer Sorge, nach Kanossa gehen wir nicht, weder körperlich noch geistig*” (“Não tenham receio, não iremos a Canossa nem de corpo nem de alma!”).<sup>29</sup>

Entretanto, ao nível da vida nas cidades europeias, os valores e as instituições foram desafiados. O mundo estava mudando. Não apenas as máquinas e a arquitetura, mas a condição das pessoas. A memória do tempo das guerras, dos governos absolutistas, quando o povo era súdito, cedeu lugar ao cidadão que podia começar a participar das decisões. Reclamaram melhores condições, houve um movimento entre o estado de submissão ao de autonomia. E foi preciso tentar identificar o sentido de tudo aquilo.

---

<sup>27</sup> Hannah Arendt, em seu trabalho *A origem do Totalitarismo*, corrobora as ideias de Zweig (ARENDR, 2012, p. 222).

<sup>28</sup> ALBUQUERQUE, M. C; SILVA, D. G. G., 2017, p. 335, nota 16.

<sup>29</sup> A afirmação faz referência a uma humilhação sofrida pelo imperador germânico Henrique IV, em 1077. À época o imperador teve que ir, descalço e apenas com uma roupa grosseira, em pleno inverno, pedir perdão ao Papa Gregório VII por não se haver submetido a autoridade papal, no castelo de Canossa, na Itália. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/19399/hoje-na-historia-1077-imperador-henri-iv-ajoelha-se-aos-pes-do-papa-gregorio-vii>

No entanto, com o fim da guerra Franco-Prussiana e com os reordenamentos imperiais, o sol parecia brilhar na Europa. Os tempos de cinzas das inúmeras guerras cedeu lugar a um novo modo de vida.

### 1.6. Belle Époque

A Belle Époque (1871-1914) é, por excelência, a era das invenções e dos prazeres. A Europa desse período experimentou o atendimento às necessidades das cidades e dos cidadãos. Diferente dos cenários anteriores, o que este período proporcionou foi a evidência do sujeito.

A lista das invenções e aprimoramentos desse período é grande. Mas é possível elencar pelo menos alguns que enfatizaram o cotidiano dos moradores das cidades. A bicicleta, o automóvel, a fotografia, o cinema, o telégrafo, o telefone. Além disso as ciências passaram a atender esses moradores em suas necessidades, principalmente as relacionadas à saúde. Pasteur demonstrou que muitas doenças eram causadas pela contaminação por microrganismos, sem falar na pasteurização, que permitiu a conservação de alimentos. Mendel, o padre Gregor Mendel, deu passos importantes no estabelecimento das leis que regem a hereditariedade.

Um fator que se desprende destas invenções e descobertas é que foram influenciadas pelo movimento entre o estado de submissão e de autonomia, herdado do esgotamento do período anterior, como eu já havia sugerido acima. O cidadão foi chamado a participar das profundas transformações culturais que se traduziram em novos modos de pensar e viver o cotidiano.

É nesse período que se pode encontrar boa parte da obra de freudiana. Destaco aqui o trabalho de 1901, *A Psicopatologia da vida cotidiana*.<sup>30</sup> Com linguagem acessível, Freud mostrou nesse trabalho, por meio do caso Signorelli, as entranhas da vida mental. Demonstra que os esquecimentos do cotidiano podem ser explicados por ligações que funcionam por associações e levam, algumas vezes aos esquecimentos ou lembranças de outra ordem. Ainda que o trabalho apresente uma parte das descobertas do psicanalista, sinaliza, àqueles que andam pelas ruas, as manobras do seu próprio psiquismo.

Considerando esse cidadão da Belle Époque que começou a frequentar as ruas e a permanecer mais tempo com a família, pois suas horas de trabalho diminuíram, surge no campo do divertimento os parques de diversão. A chegada da energia elétrica proporcionou a criação deste lazer.

---

<sup>30</sup> FREUD, 1986f.

Outro invento da Belle Époque é a chegada do cinema. Em 1895, em Paris, os irmãos Lumière fizeram a primeira demonstração pública do cinematógrafo, dando início ao cinema.

Com esse empenho dos governos, a Europa começava a se apresentar de uma maneira assemelhada àquela que conhecemos dos dias atuais: vias mais largas e espaços públicos. A praça para convivência tem lugar garantido para as famílias. Os homens montados em seus cavalos dividiam o espaço das avenidas com as carruagens.<sup>31</sup>

As bicicletas cruzavam os trilhos dos bondes e as novas velocidades mostravam-se nos carros sem cavalos.<sup>32</sup>

O metro, obra surpreendente, inaugurava um meio de transporte sob as ruas ao mesmo tempo que viadutos permitiam que os bondes pudessem transportar as pessoas.

Stefan Zweig expressa o clima em 1900 enfatizando a segurança das cidades: “uma definição prática para o tempo antes da Primeira Guerra Mundial, no qual me criei, espero acertar dizendo: foi a época áurea da segurança” (ZWEIG, 2014, p. 14). E continua: “Esse sentimento de segurança era o bem mais almejado por milhões de indivíduos, era o ideal comum de vida” (idem, p. 14).

A experiência de segurança, expressa por Zweig, guarda a referência aos tempos de guerra que há pouco a Europa havia deixado para trás. Podia haver uma fé no progresso, é o que registrará o escritor austríaco.

Apesar dessas considerações, que aqui aparecem em virtude do olhar que o desenrolar dos fatos sugere, o clima de otimismo pelo progresso e pelo estado geral da sociedade ocupava principalmente as capitais da Belle Époque: Paris e Viena. Cada vez mais, as pessoas trocavam o campo pela cidade em busca de melhores oportunidades, oferecendo mão-de-obra para a indústria e comércio, ao mesmo tempo que tornavam as cercanias das grandes cidades cada vez mais populosas. Verifica-se nesse período a concentração da população operária e a consequente pobreza nas “construções insalubres”, resultado do aumento populacional e das precárias condições de abrigo.

A título de comparações: por volta de 1789, às vésperas da Revolução Francesa, Paris tinha cerca de 600 mil habitantes, mas em 1900 já eram 4 milhões. Budapest, capital da Hungria, teve o crescimento populacional mais acentuado: em 1867 eram 280 mil habitantes, e próximo de 1914, 933 mil.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Imagens de Paris em 1900 disponíveis em [https://www.youtube.com/watch?v=mdrO\\_\\_Nb9-I](https://www.youtube.com/watch?v=mdrO__Nb9-I)

<sup>32</sup> Segredos de Paris - Exposição Universal de 1900, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Q4W8RNop8kk&t=78s>

<sup>33</sup> MACMILLAN, 2014. p. 43.

Todavia, veremos a ciência se dedicando aos desdobramentos da superlotação das cidades e as precárias condições de vida da classe trabalhadora, própria da Revolução Industrial. O distúrbio dessa era foi a proliferação das doenças infecciosas ou relacionadas com a má alimentação.

A ciência foi se constituindo como o lugar de onde as soluções surgiriam.

Aos paradigmas religiosos foram oferecidos os científicos, de caráter positivista. A grande ilustração dessa mudança de cenários foi o trabalho de Darwin, colocando o ser humano em pé de igualdade com toda a natureza, questionando as ideias da sua origem divina até então dominantes.

Um final de século produtivo. Todos deveriam saber o que o período havia produzido, e como havia solucionado os problemas desse desenvolvimento.

Em 14 de abril de 1900<sup>34</sup> o presidente da França, Emile Loubet, enfatizou a justiça e a bondade humana ao abrir a Exposição Universal de Paris.<sup>35</sup>

A exposição que marcaria o fim de um século e as inspirações para o próximo recebeu nos sete meses que esteve aberta cerca de 50 milhões de pessoas.<sup>36</sup>

A exposição ocupou uma grande área, com pavilhões nacionais e temáticos, exibindo produtos das várias nações.

A exposição também fazia a disseminação da ideia da ação “civilizatória” que países como França, Inglaterra e Holanda tinham em suas colônias, ao mesmo tempo que indicavam onde estava o centro do poder mundial.

Os que visitaram a feira podiam sair “com a certeza de que sua civilização era ‘superior’ e de que seus benefícios se disseminavam pelo globo”.<sup>37</sup> E assim, voltamos ao tema do orgulho nacionalista. Todavia, não pela guerra.

O espírito da Feira demonstrava que os estados haviam encontrado uma forma de governar que estava se voltando para o povo. Experiência nova, bastante diferente daquela que os séculos anteriores testemunharam. A força do estado que oprimia o povo em busca de seus interesses começava a conviver com um estado voltado para o povo, para os habitantes e suas necessidades. O direito ao voto indicava uma direção e uma nova tarefa aos governantes.

---

<sup>34</sup> Imagens da feira disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=fxXdsk-vzs>

<sup>35</sup> Cf. DOS SANTOS, 2013.

<sup>36</sup> MACMILLAN, 2014, p. 35.

<sup>37</sup> Idem, p. 39.

Tudo indicava que a lógica da opressão havia cedido lugar à lógica da cooperação. Tal como se refere o Príncipe Yvgeny Truetskoy, citado por MacMillan: “é impossível governar contra o povo quando é necessário depender dele para defender a Rússia”.<sup>38</sup>

Todo esse progresso fazia das cidades um lugar próspero, mas populoso. Por volta de 1911 havia quase 65 milhões de cidadãos alemães, em comparação com 39 milhões na França e 40 milhões na Inglaterra.<sup>39</sup>

Em 1880, a Inglaterra era a líder nas exportações em todo o mundo, com 23% do comércio mundial, enquanto a Alemanha respondia por 10%. Em 1913, a Alemanha estava a ponto de superar a Inglaterra. Agora tinha 13% do comércio mundial, enquanto a Inglaterra chegara a 17%. Em alguns setores em que o poder econômico foi medido nesse período, a Alemanha já estava à frente. Suplantou a Inglaterra na produção de aço em 1893 e, em 1913, já era o maior exportador mundial de máquinas.<sup>40</sup>

MacMillan registra em seu trabalho que, com a unificação dos estados germânicos no Reich, em 1871, a Alemanha se tornou o país mais populoso da Europa a oeste da Rússia,

[...] o que significava ter uma vantagem potencial no recrutamento de cidadãos para as forças armadas. Além disso, seu exército era amplamente reconhecido como o mais bem treinado e com os melhores oficiais do mundo.

(MACMILLAN, 2014, p. 106)

Com o aumento populacional, o desenvolvimento industrial e a Alemanha despontando como uma grande potência, poder-se-ia verificar que a sanha da guerra não abandonara os governos. Apesar dos tempos de paz e prosperidade. Agora a busca passava a ser poder econômico.

Otto von Bismarck foi o grande estadista desse tempo. Não apenas uniu a Alemanha, como também dominou as relações internacionais na Europa.

Apesar disso, as crises não deixaram de existir no Reichstag. Por isso, tanto Bismarck quanto Wilhelm II e seus assessores, pensavam em abolir a constituição e voltar ao governo absolutista. “Cabeças-duras”, “idiotas”, “cachorros” é como Wilhelm II se referia aos membros do governo.<sup>41</sup> As dificuldades nas decisões levavam de volta ao passado: “Seria muito bom lhes ensinar quem era realmente o senhor da Alemanha”.<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> Idem, p. 44.

<sup>39</sup> Idem, p. 106.

<sup>40</sup> Idem, p. 106.

<sup>41</sup> Idem, p. 110.

<sup>42</sup> Idem, p. 110.

O clima na população também não era favorável a Wilhelm II. Os alemães sabiam da personalidade excessivamente descontraída do Kaiser. O povo fazia piadas sobre seu governante. Então, em 1890, acabou por demitir Bismarck. Era a hora de ensinar quem mandava!

No entanto, as condições das cidades apontam para um colapso. A Alemanha, nutrida pelo nacionalismo, “apadrinhada” pelo Herói Arminius, declara guerra à França.

## 1.7. Primeira Guerra Mundial

A pimenta do nacionalismo temperou a Primeira Guerra Mundial.

A teia de alianças envolvendo os impérios, a partilha da África, palco de colonizações e cobiças dos imperialistas, e o próprio nacionalismo esparramado pela Europa são alguns dos ingredientes que levaram à declaração imposta pela Alemanha à França.<sup>43</sup> O povo alemão recebeu com entusiasmo patriótico a ofensiva. As famílias de Berlim esperavam que antes do natal teriam seus combatentes aprontando-se para as ceias de final de ano.

No entanto, o Plano Schlieffen, que se baseava num ataque-relâmpago à França e à Rússia e prometia a vitória rapidamente, transformou-se num maçante e sangrento rastejar pelas trincheiras que avançava metro a metro. A mesma temperatura não se verificava em outros cantos da Europa.<sup>44</sup>

Mas a ação de ataque, por parte da Alemanha, não era fácil. Ela estava cercada de inimigos: na frente ocidental a França, na oriental o império Russo. Como sabemos, não deu certo. O ataque relâmpago não logrou êxito. A França conseguiu deter os alemães. Entraram em ação as trincheiras.

As trincheiras fizeram dos soldados répteis que rastejaram por veios rasgados no terreno europeu. A vida dos soldados, embora mais saldáveis que em outras guerras, se esvaiu. É importante ressaltar que nesta guerra a ciência prestou seus serviços colocando homens mais aptos e equipamentos mais eficazes. No entanto, isso não fez diminuir as listas de mortos e a carnificina que essa guerra expôs. A crueldade da guerra foi maior. Dados indicavam que até 1915 o exército francês já tinha sofrido 1 milhão de baixas, das quais cerca de um terço fatais.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Cf. MACMILLAN, 2014, p. 13. Cf. SONDHAUS, 2013, p. 319.

<sup>44</sup> Cf. MACMILLAN, 2014, p. 387.

<sup>45</sup> Idem, p. 87.

Um soldado alemão, Bernhard Lehnert, servindo o 4º Exército em Flandres ocidental, descreveu uma troca de canções no dia de Natal com os soldados franceses da trincheira defronte:

No dia de Natal de 1914, as sentinelas na trincheira cantaram “Stille Nacht, Heilige Nacht”. Assim que entoaram as primeiras palavras, os franceses começaram a disparar furiosamente, achando que era o início de um ataque, embora esse hino não fosse marcial. Pouco depois eles pararam de atirar, porque nada aconteceu. Devem ter entendido que a música estava relacionada ao Natal e permaneceram em silêncio. Quando terminamos a nossa “Stille Nacht, Heilige Nacht”, os franceses cantaram a “Marselhesa”. E foi assim que passamos o Natal de 1914.

(FERRO et al, 2007, p. 193)

A Segunda Batalha de Ypres, entre abril e maio de 1915 marcou um novo horror na atmosfera da batalha. O uso de gás venenoso. Os alemães testaram os efeitos do gás cloro,<sup>46</sup> desenvolvido para o exército alemão pelo químico Fritz Haber, ganhador do prêmio Nobel.

Iniciando seu ataque no fim da tarde de 22 de abril, os alemães lançaram 168 toneladas de gás cloro ao longo de 6 km da frente de batalha. A nuvem de gás mais pesada que o ar fez estragos principalmente nas trincheiras ocupadas por soldados marroquinos e argelinos das duas divisões francesas. Os que optaram por abandonar as trincheiras para não morrer asfixiados foram fuzilados por descargas de metralhadora; em dez minutos, seis mil homens estavam mortos, e quase todos os demais ficaram cegos ou incapacitados de alguma maneira.

(SONDHAUS, 2013, p. 152)

A explosão da guerra trouxe mudanças imediatas à vida das pessoas nas cidades, como por exemplo combustíveis e energia racionalizados, o que impactou diretamente os transportes e a vida noturna. Enquanto isso, a inflação atingia níveis altíssimos em todos os países e só piorava à medida que a guerra continuava.

Entre os países envolvidos no princípio do conflito, a Alemanha foi a primeira a implementar o racionamento de comida, devido aos efeitos combinados de bloqueio.<sup>47</sup> O início da escassez e do racionamento teve um efeito desproporcional sobre os alemães mais pobres.

---

<sup>46</sup> Não foi a primeira batalha a registrar o uso de gás tóxico na Primeira Guerra Mundial, mas a primeira em que ele foi usado com algum efeito.

<sup>47</sup> Idem, p. 218; MACMILLAN, 2014, p. 662.

Nos últimos meses de 1914, a Divisão de Matérias-Primas de Guerra, subordinada ao Ministério da Guerra, iniciou o processo de limitar a produção de bens de consumo e converter essa capacidade à produção de munições.

Em 1871 o marco se tornou a moeda oficial do Império Alemão. Com a início da Guerra Mundial, a conversibilidade do *reichsmark* em ouro foi suspensa. Sendo assim, o *reichsmark*, que até então era lastreado em ouro, se transformou no *papiermark*, uma moeda de papel puramente fiduciária, ou seja, baseada numa garantia dada por credor, sem nenhum lastro. A dívida pública do Reich total subiu de 5,2 bilhões de *papiermark* em 1914 para 105,3 bilhões em 1918.<sup>48</sup>

Entretanto, a guerra não é uma experiência com papeis e penas. Quando os recrutas europeus marcharam em 1914, a guerra que os envolveu foi, sem dúvida, a pior que o cidadão poderia esperar.

Os países envolvidos diretamente nessa guerra sanguinária, motivada por ilusões e impulsos de soberania de uns sobre os outros, resultou na morte de 10 milhões de pessoas, além de 20 milhões de mutilados. Uma guerra que aconteceu em terra, mar e ar.<sup>49</sup>

Uma carnificina que perverteu os avanços da ciência cunhados até a Belle Époque em armas químicas e desenvolvimento de armamentos avançados.

O resultado foi o declínio da Europa.

As diferenças sociais evidenciadas e reforçadas durante a Belle Époque, entraram em declínio. Pouco a pouco as conquistas daquele período foram se derretendo ou se transformando em armas de guerra.

As invenções e descobertas gestadas pelo incentivo ao desenvolvimento tomavam o caminho contrário.

Algo pareceu se interpor à compreensão de Freud, exposta na carta resposta a Einstein: “tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra”.<sup>50</sup>

Em tempos atuais constatamos na direção do pensamento freudiano. É bem verdade que guerreamos menos do que em tempos passados, mas também é verdade que, de tempos em tempos, os impulsos que fazem a guerra se sobrepõem ao desenvolvimento civilizatório. Lamentavelmente, o desenvolvimento alcançado é tomado perversamente pelas forças de guerra, e aquilo que parecia esperança torna-se a desgraça da civilização.

---

<sup>48</sup> Disponível em [https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=1739#\\_edn1](https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=1739#_edn1)

<sup>49</sup> Documentário sobre os resultados da 1ª Guerra Mundial. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=4&v=4j3hbR03enY&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=4j3hbR03enY&feature=emb_logo)

<sup>50</sup> FREUD, 1986r, p. 259.

Os Estados Unidos, desenvolvidos belicamente, assistiam de longe, mas não menos interessados. Abasteceram com armas e financiaram os países cuja riqueza se misturava à lama e sangue nas trincheiras.<sup>51</sup>

O idealismo moralista do presidente democrata Thomas Woodrow Wilson,<sup>52</sup> firmemente fundado na fé cristã protestante,<sup>53</sup> combinou-se com o imperialismo e o nacionalismo dos republicanos para dotar o esforço de guerra norte-americano de um zelo cruzadista. Em um trabalho cuja autoria guarda controvérsias,<sup>54</sup> Freud fez uma análise psicológica do presidente americano.<sup>55</sup> Nesse trabalho o psicanalista apresenta um homem preso às suas identificações infantis, buscando ser uma espécie de Moisés que libertaria a Europa do caos. Mas não antes da rendição alemã.

A miséria na Europa impulsionou os atores ao Tratado de Versalhes.<sup>56</sup>

Em 8 de janeiro de 1918, em um discurso no congresso do seu país, o presidente americano elucidou os catorze pontos que constituíam o plano para a paz, os quais deveriam ser cumpridos no pós-guerra.<sup>57</sup>

O povo europeu em geral recebeu calorosamente os catorze pontos de Wilson. E a Alemanha amargava mais uma humilhação.

Em 11 de novembro de 1918, a iniciativa americana fez acontecer a assinatura do Armistício de Compiègne entre os Aliados e a Alemanha. Com a assinatura foram encerradas as hostilidades da Primeira Guerra Mundial.

Mas será somente em 28 de junho 1919, em Versalhes,<sup>58</sup> que Hermann Müller ministro das Relações Exteriores assinará o tratado que expressará as punições à Alemanha pela guerra.

O ponto crucial determinava que a Alemanha aceitasse todas as responsabilidades por causar a guerra e que fizesse reparações a um certo número de nações da Tríplice Entente (França e Reino Unido, principalmente, e Rússia). Os termos impostos incluíam a perda de uma parte de seu território para um número de nações fronteiriças, dentre eles a Alsácia-Lorena para

---

<sup>51</sup> MACMILLAN, 2014, p. 668.

<sup>52</sup> Documentário biográfico de Thomas Woodrow Wilson, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkHGR-G8l-c>

<sup>53</sup> SONDHAUS, 2013, p. 37.

<sup>54</sup> Trata-se de um manuscrito descoberto por Paul Roazen em 2004, e sobre o qual há controvérsias a respeito da participação de Freud nas considerações analíticas sobre a figura do presidente Thomas Woodrow Wilson. Sobre esse ponto remeto ao trabalho de Elsa Vera Kunze Post, publicado no *Jornal de Psicanálise*, 51, 2018.

<sup>55</sup> FREUD, 1984.

<sup>56</sup> Documentário com imagens do encontro em Versalhes. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iSTr1kBInu4>

<sup>57</sup> SONDHAUS, 2013, pp. 323, 348, 349.

<sup>58</sup> MACMILLAN, 2014, p. 488.

França, além de todas as colônias sobre os oceanos e sobre o continente africano.<sup>59</sup> Ainda, no tratado foi criada uma comissão para determinar a dimensão precisa das reparações que a Alemanha deveria pagar. Em 1921, este valor foi oficialmente fixado em 33 milhões de dólares. O tratado foi ratificado pela Liga das Nações em 10 de janeiro de 1920.

Em resumo, é no plano cultural, com seus ingredientes de credo e ciência que se pode encontrar as pistas para as motivações de uma guerra. Um homem, como quase todos, preso ao seu tempo não se dá conta do que a cultura faz dele. É muito difícil tomar distância suficiente da própria cultura para perceber o que ela impõe a cada um. A política viabiliza a guerra, mas a cultura a alimenta. Não se guerreia por um estado, mas por elementos de uma cultura que estão aquém e além da política. A guerra é cultural e não política, pois a própria política é uma manifestação da cultura.

Após a Primeira Guerra Mundial, o que se viu foram os elementos identificatórios com as figuras culturais perdendo seu brilho. A derrota alemã enfraqueceu a identificação com o herói. Aquele que inspirou os líderes e o povo na unificação agora estava abalado pela derrota.

A figura do herói, objeto de identificação, só poderá manter-se no interior de cada cidadão se for investida fortemente. Esse investimento, tantas vezes apontado pela psicanálise, de carga narcísica, é aquilo que é ferido na derrota germânica. Exatamente por isso que o herói está tombado no interior de cada alemão no pós-guerra, constituindo uma grande ferida narcísica.

Num futuro bem próximo, dezenove anos depois do Tratado de Versalhes, as forças pangermânicas, associadas às crenças da Ariosofia, impregnarão o nacionalismo e, novamente, penetrarão nas diferentes camadas da sociedade. Com isso o que a história registrará será uma sociedade embriagada, mais uma vez, com o mesmo veneno.

Alguns líderes nazistas foram fortemente ligados a essas crenças. O exemplo clássico é Heinrich Himmler, o número dois de Hitler. Além de Himmler, Dietrich Eckart (personagem muito presente nos primeiros anos da carreira política de Hitler), Rudolf Hess (vice de Hitler em 1933) e Anton Drexler (fundador do Partido Nazista).

---

<sup>59</sup> MACMILLAN, 2014, p. 488.

## 2. O ESPÍRITO INTROJETADO

“No melhor dos casos, permite um progresso na evolução do ser humano que transforma a representação psíquica que este faz de si mesmo, modifica sua relação com a filo gênese e marca um progresso da consciência moral”.

(François Villa, 2011)

Considerando a linha do tempo, o início da Primeira Guerra Mundial estava muito distante de Arminius. Todavia, seu emblema, seja na forma de um monumento, seja nas palavras de ordem estampadas em sua espada, não pareceram ter deixado de oferecer um espírito de unidade aos soldados. Seria demasiado leviano argumentar, contudo, que a referência ao herói foi suficiente para tonificá-los à Primeira Guerra Mundial, ocorrida 11 séculos depois do assassinato. Porém, além de Arminius, essa pesquisa pôde apresentar, até agora, outros elementos da cultura germânica que reunidos formaram o que estou chamando de espírito germânico. Portanto, sustentarei que esse espírito voltará a figurar em outros momentos da história alemã, inclusive na disseminação da ideologia nazista.

Por enquanto, a atenção estará voltada para o esclarecimento da ação dessa sugestão, dessa referência, sobre aqueles que se alinharam para a batalha. Para essa tarefa, farei uso de alguns conceitos psicanalíticos, os quais, espero, demonstrem tal funcionamento.

### 2.1. A presença do Arcaico

Demonstrar a presença do espírito germânico nos episódios em que os alemães foram chamados a lutar pela sua nação só será possível por meio do pressuposto freudiano apresentado em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”: “A psicologia individual, [...] é, ao mesmo tempo, também psicologia social.”<sup>60</sup>

Com essa ideia, que permite justificar a presença do social no indivíduo, o trabalho para essa demonstração ficará a cargo de encontrar a forma como esse social se inscreve no individual.

Carla Penna e Claudia Garcia<sup>61</sup> em seu trabalho acerca do inconsciente social investigam, especialmente na obra freudiana, as interdependências entre indivíduo e sociedade.

---

<sup>60</sup> FREUD, 1986s, p. 39.

<sup>61</sup> PENNA; AMORIM GARCIA, 2015, pp. 46-56.

As autoras consideram os fatos sociais na relação com as manifestações inconscientes presentes nessas relações, e destacam que a noção de inconsciente social estava presente no imaginário de diversos filósofos, literatos e cientistas, bem como de “magnetizadores” desde o século XVIII.

A noção de inconsciente social, apresenta-se em vários momentos da obra freudiana em que o vienense se utilizou de elementos arcaicos para sustentar suas observações e considerações sobre o indivíduo. Acompanhando Freud, as autoras ressaltam as articulações entre a filogenia e a ontogenia e suas “repercussões sobre o processo de transmissão psíquica”,<sup>62</sup> as quais são apresentadas em *Totem e Tabu* e *Moises e o Monoteísmo*. Nesse importante texto, vê-se Freud argumentando que “não é fácil transferir os conceitos da psicologia individual para a psicologia de grupo”,<sup>63</sup> fazendo assim a indicação da presença de um paulatino retorno do reprimido na psicologia do indivíduo.

Em 1925, no artigo “Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo”, Freud destaca que a vida onírica e seu simbolismo está destacada não apenas na sua verificação mais imediata na psicologia do indivíduo, mas num modo de pensar arcaico. Nessa passagem Freud faz referência direta a Schreber. Diz-nos Freud:

Muitas dentre as coisas que estudamos nos sonhos, porque as encontramos aí, não obstante pouco ou nada têm a ver com a peculiaridade psicológica dos sonhos. Assim, por exemplo, o simbolismo não é um problema onírico, mas sim um tópico vinculado ao nosso pensar arcaico — nossa ‘língua básica’, como foi apropriadamente chamada pelo paranoico. Ele domina os mitos e o ritual religioso tão bem quanto os sonhos, e o simbolismo onírico sequer pode reivindicar ser peculiar no sentido de ocultar mais especificamente coisas que são sexualmente importantes.

(FREUD, 1896b, p. 70)

Em “Construções em Análise” a herança de uma experiência que em seu tempo – e ainda hoje – carece de compreensões coloca o indivíduo em alerta para seu retorno. Vejamos nas palavras de Freud:

Se considerarmos a humanidade como um todo e substituirmos o indivíduo humano isolado por ela, descobriremos que também ela desenvolveu delírios que são inacessíveis à crítica lógica e que contradizem a realidade. Se, apesar

---

<sup>62</sup> Idem, p. 47.

<sup>63</sup> FREUD, 1986n, p. 76.

disso, esses delírios são capazes de exercer um poder extraordinário sobre os homens, a investigação nos conduz à mesma explicação no caso do indivíduo isolado. Eles devem seu poder ao elemento de verdade histórica que trouxemos à tona a partir da repressão do passado esquecido e primevo.

(FREUD, 1986j, p. 152)

Assim, o indivíduo e seu tempo, são também influenciados pelas marcas recalçadas e “guardadas” nesse inconsciente social.

A respeito do superego, instância inconsciente que guarda, sobretudo o registro do passado, da satisfação idealizada infantil, Freud irá apontar que “[...] quando levamos em conta o superego, estamos dando um passo importante para a nossa compreensão do comportamento social da humanidade.”<sup>64</sup> Acrescenta que muito de nossas ideologias apoiam-se nos registros infantis da experiência individual e coletiva.

A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente das condições econômicas.

(FREUD, 1986h pp. 40-41)

Assim, seja considerando o Superego, seja o sonho e sua linguagem arcaica, o que se pode destacar como posição coerente com os pressupostos psicanalíticos é que as influências que agem sobre o indivíduo não se restringem ao recalçado do seu tempo. Mas, e principalmente, por aquele que ainda não ganhou sentido na vida individual ou na vida de um grupo.

Parece claro, a partir das referências acima, que o aparelho psíquico tem, entre outras tarefas, encontrar meios para “administrar” as demandas dos resíduos culturais de tempos arcaicos.

Na sequência, pretendo destacar os meios, ou o meio, disponível para essa administração.

---

<sup>64</sup> FREUD, 1986h, p. 40.

## 2.2. O Indivíduo e o Arcaico

A Psicanálise, que em muito se dedicou à pesquisa do inconsciente individual, também oferece dispositivos que podem operar na tarefa de abordar a relação do arcaico com o indivíduo. Especialmente, buscar no indivíduo os recursos que poderão “recepcionar” os registros da herança recalçada.

Nos primórdios da caminhada freudiana vemos o seu fundador perceber o mecanismo da identificação, numa forma ainda embrionária, para reconhecer que as históricas tendiam a imitar comportamentos e manifestações como forma de expressão dos seus sentimentos reprimidos.<sup>65</sup> Não creio que seria precipitado, mas com certeza, pouco rigoroso cientificamente, apostar na imitação de um herói como forma de sentir-se integrante de uma legião de soldados.

Todavia, não é o momento de desprezar indicações desse caminho.

Buscando fontes alternativas para esse mecanismo, a literatura é sempre uma fonte inesgotável. Nesse terreno encontrei algo que pode ser útil.

Do lado de cá do Atlântico, nosso romancista de primeira linha, Machado de Assis, publica num jornal em 1882 o conto “O Espelho”.<sup>66</sup>

Considerando a ponderação freudiana sobre identificação, que só surgirá em 1897 numa carta a Fliess,<sup>67</sup> a trama desenvolvida por Machado é surpreendente. Mais uma demonstração de que a literatura é uma fonte para nossas considerações teóricas.

Em poucas linhas apresento o pensamento do brasileiro, ousando percorrer com minhas palavras as linhas ocupadas de maneira habilidosa pelo romancista.

## 2.3. O Espelho e a “*double conscience*”

Machado inicia descrevendo um ambiente onde quatro ou cinco homens discutem intensamente questões sobre a alma e o universo. Dentre eles, a personagem Jacobina mostra-se um tanto quanto apático, distante da conversa de seus colegas. No momento em que um dos quatro exige uma posição de Jacobina, este se volta a eles anunciando que falará sobre a alma

---

<sup>65</sup> FREUD, 1986t, pp. 25, 44.

<sup>66</sup> In. ASSIS, 1994.

<sup>67</sup> Na correspondência com Fliess há uma indicação anterior (17 de dezembro de 1896) onde Freud utiliza-se da expressão “identificação” quando faz referência ao mecanismo da agorafobia nas mulheres. Nessa ocasião, estava indicando que haveria uma “identificação” com “as mulheres “públicas” na intenção de apanhar o primeiro homem que passar pela rua: inveja da prostituição e identificação”. Há outras cartas, no período que vai até maio de 1897 em que Freud se utiliza da expressão para fazer referência ao fenômeno. Mas, será no rascunho L (2 de maio de 1897), que Freud exporá de modo um pouco mais organizado a presença da identificação na histeria. Cf. MASSON (org.), 1986.

humana. O apático Jacobina afirma que cada pessoa possui não uma, mas duas almas humanas: uma que se dirige do interior ao exterior e outra que se manifesta no sentido contrário, ou seja, de fora para dentro.

Para esclarecer sua exposição, Jacobina pede silêncio a seus parceiros de conversa e diz que narrará uma história para provar sua teoria. Diz Machado que, tomando a palavra e a atenção dos demais, Jacobina conta um caso ocorrido com ele em sua juventude. Depois de uma infância pobre, foi nomeado alferes da Guarda Nacional, tendo tal fato revelado reações, tanto pela sua família quanto para os demais cidadãos. Quando foi passar algum tempo com sua tia, esta lhe cobriu de regalias como prova de seu orgulho perante a patente conquistada pelo sobrinho. No início, Jacobina, relutava contra os bons tratos da tia e o privilégio da atenção que lhe oferecia. Belo dia a dona da casa trouxe para seu quarto um grande espelho, proveniente da Família Real Portuguesa.

Com tantas regalias e apreços o alferes vê-se atraído às cortesias e bons tratos que o rodeavam. Desse modo, a percepção que Jacobina passou a ter de si mesmo constituiu-se por aqueles gestos exteriores a ele, estabelecendo uma personalidade arrogante somada ao luxo do meio. Diz aos ouvintes que lhe restou uma pequena parcela de humanidade, de interioridade, aquela mesma que lhe orientava para os deveres de patente. Ou, como Machado sintetiza na frase: “O alferes eliminou o homem”.<sup>68</sup>

Mais tarde a tia sai em viagem e os escravos, aproveitando a ausência da senhora, abandonam a casa. Jacobina ficou só. Passou penosos dias angustiado pela repentina perda de sua alma exterior, uma vez que sua alma interior se tornou dependente daquela. Num certo momento o alferes decide fitar o espelho – algo que não fazia havia algum tempo – e logo se depara com o reflexo de uma imagem difusa, corrompida. O vidro, apenas de um espelho, exibiu o quanto a identidade de Jacobina estava danificada em razão da ausência dos outros. A falta de reconhecimento de si mesmo diante do espelho levou o personagem a negar aquela imagem em busca de uma forma para enxergar a si mesmo com nitidez. Conta Machado que Jacobina tem a ideia de se vestir com a farda de alferes: desta vez pode ver com clareza os contornos, as formas e os detalhes como nunca. O alferes, que se sobrepôs ao homem, permaneceu se admirando com júbilo todos os dias restantes buscando evitar a solidão e a ideia de se ver distante de sua patente, recuperando, enfim, sua alma exterior que preenchia sua alma. Diz Machado que Jacobina termina sua história deixando os ouvintes em um profundo silêncio reflexivo, e sai pela porta.

---

<sup>68</sup> ASSIS, 1994, p. 3

## 2.4. Da imitação à identificação: procurando o Arcaico

Como indiquei acima, em 1897, numa carta a Fliess, Freud utiliza a expressão identificação pela primeira vez considerando-a como um mecanismo implícito nos espasmos histéricos. No caso, a paciente, que viu uma pessoa morta, identifica-se com o estado e reproduz um “*rigor mortis*”. Nesse momento, embora Freud reconheça o mecanismo escondido por trás do espasmo, o define de maneira a se assemelhar a uma imitação. Além dessa passagem, Freud continua na correspondência seus argumentos sobre a “imitação” e diz que os sintomas de histeria de seu irmão, além de suas irmãs, são resultado “em sua totalidade, de identificações” com o pai.<sup>69</sup>

A paciente à qual Freud se refere, bem como seus irmãos, espelharam-se em imagens por eles identificadas como representantes de uma imagem valorizada.

Jacobina, depois de satisfazer-se e se identificar com a tal imagem, vê a sua própria, como diz Machado, a outra alma, a de dentro, distorcida no espelho. Não a reconhecendo, busca sua farda, a qual o remete aos elogios e admirações dos que lhe deram um lugar de importância.

Além de Freud, a verificação do mecanismo subjacente acontece em Abraham, quando ele utiliza a expressão introjeção referindo-se à forma pela qual, no luto – e, portanto, em condição diferenciada da melancolia – a incorporação do objeto perdido visa a manutenção de alguma relação com a pessoa perdida.<sup>70</sup>

Em 1900, com *A Interpretação dos Sonhos*, Freud irá indicar que a identificação não é apenas uma simples imitação por assimilação, ou, de outro modo, dará maior profundidade a essa ideia afirmando que a referida imitação, ou cópia do expressado por outra pessoa, guarda a identificação com os motivos dela. Em suma, não se trata de uma imitação superficial, mas uma possibilidade de expressão dos motivos daquele que imita. De outra forma, se aqueles que imitam não o fizessem, provavelmente teriam os seus motivos reprimidos.<sup>71</sup>

Freud encerra seu raciocínio afirmando:

[...] a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente.

(FREUD, 1986a, p. 94)

---

<sup>69</sup> MASSON (org), 1986. Carta de 8 de fevereiro de 1897.

<sup>70</sup> ABRAHAM, 1970.

<sup>71</sup> Cf. FREUD, 1986a.

O “elemento comum” que permanece no inconsciente, no caso do alferes, parece ser sua “juventude pobre”,<sup>72</sup> a qual, suponho pela expressão de seu oposto (a imagem do alferes), fora marcada por sofrimentos e sentimentos de insignificância. Talvez “uma imagem difusa e corrompida”,<sup>73</sup> como poderá perceber na ausência dos outros, representada pelo espelho. A juventude pobre, geradora de sentimentos de insignificância encontra o seu oposto, a exuberância e a valorização, no olhar dos que o viram na farda de alferes.

## **2.5. Os ideais: uma ilusão para acalmar a alma interior**

Em 1914, Freud apresenta o importante artigo “Sobre o Narcisismo: Uma introdução”.<sup>74</sup> Nesse trabalho vemos o psicanalista tratar das relações entre o ego e os objetos, sobrepondo à noção de instintos de autoconservação e sexuais os de “libido do ego” e “libido objetal”. Tal referência é importante para tratar exatamente da dinâmica estabelecida entre mundo interno e externo, considerando que a libido do objeto sempre terá algo de narcísico, pois parte do ego. Nas palavras de Freud:

Formamo-nos assim a representação de um investimento libidinal original do ego; mais tarde, uma parte dele é cedida aos objetos, mas fundamentalmente o investimento do ego persiste e comporta-se para com os investimentos de objeto como o corpo de um animalculo protoplasmático para com os pseudópodos que emitiu.

(FREUD, 1986u, p.40)

Assim, está oferecida a oportunidade de verificar o que antes era apenas um investimento libidinal no objeto e investigar qual a participação do ego nessa catexia. De outro modo, qual a participação da libido do ego na escolha objetal.

Além disso, sem querer reduzir o importante texto, encontra-se nesse trabalho as noções de ideal de ego e ego ideal, que serão base importante para seu trabalho em o Ego e o Id. A noção de ideal do ego, em certa medida correlata do superego, sendo inicialmente pensada como o reduto do narcisismo primário, que em lugar de aspirar a perfeição, se oferece como modelo

---

<sup>72</sup> ASSIS, 1994, p. 3

<sup>73</sup> Idem, p. 6.

<sup>74</sup> FREUD, 1986u.

a ser buscado, tomado como ideal e que por estar diretamente associado ao conflito edipiano, torna-se o “herdeiro” desse tempo.

A ideia que retenho dessa passagem, para atender aos propósitos dessa reflexão, diz respeito ao investimento narcísico retratado no ideal do ego. O ideal do ego, depositário do ego ideal, e este, depositário das expectativas do casal parental, se oferece como um elemento de transmissão cultural. Um elemento encontrado no indivíduo que se refere a um grupo: o casal parental.

A farda de Jacobina é “costurada” nos anos de infância pobre, mas só vestida quando alcança a patente. O ideal do ego, correlato do superego, é morada de uma carga narcísica que investe as imagens constituídas a partir de experiências infantis, indicadas aqui pelo seu inverso. A satisfação do jovem pobre é a farda, imaginada em algum tempo infantil. Esta sim, compensadora da dor infantil, é guardada como elemento disponível à identificação.

Eis aqui o caráter autoconservador do ego no investimento sobre a farda. As dores de Jacobina são protegidas por uma imagem criada em seu interior. Mesmo antes da patente, possivelmente ela já funcionara como elemento impermeabilizante. Possivelmente, suportar as dores da infância só se tornou viável por esse investimento na farda e na desejada patente. Não tenho essa informação, mas posso deduzir que o evento da nomeação desencadeou reações, tanto pela sua família quanto para os demais cidadãos. O elo de ligação entre o casal parental e Jacobina está estabelecido.

Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura.

(ASSIS, 1994, p. 3)

Por fim, retomando Freud, o trabalho sobre o narcisismo apresenta a questão do retraimento da libido do mundo externo, reinvestindo o ego. Isso não é pouca coisa por tratar exatamente do caminho aberto para o estudo sobre as psicoses, mas não desenvolverei essa temática aqui. Entretanto, Jacobina ilustra tal situação. Embora ele possa expor aos colegas de conversa a consciência da existência de duas almas, uma interna e outra externa, ele apresenta-se à conversa de forma retraída – não exatamente como tomado por um isolamento psicótico, mas resguardado em seu interior – manifestando-se somente para expor sua “teoria das duas

almas”. Uma “*double conscience*”? “Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro...”<sup>75</sup>

Nesse momento é interessante retomar o início do conto e notar a sutileza com que Machado descreve a cena inicial:

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árdus problemas do universo.

(ASSIS, 1994, p. 1)

Por que quatro ou cinco? Não é uma dúvida simples, mas uma questão sobre a real presença de Jacobina. Na sequência, Machado relata que Jacobina parece um tanto quanto apático.

Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca.

(ASSIS, 1994, p. 1)

O narrador lança uma dúvida sobre a dupla existência que habita Jacobina e será apresentada por ele: são duas almas. A apatia parece ser a do jovem pobre cuja farda e patente são apenas uma miragem, uma ilusão.

Em “Luto e Melancolia”<sup>76</sup> esse desenvolvimento se fará de forma mais clara. As investigações acerca da melancolia marcaram o avanço no estudo das relações de objeto, e também da identificação, uma vez que permitiu a Freud, pela primeira vez, distinguir a identificação narcísica e a identificação histérica com o objeto. Para Freud, a diferença entre identificação narcísica e histérica pode ser vista desta forma: “enquanto na primeira o

---

<sup>75</sup> ASSIS, 1994, p. 2.

<sup>76</sup> FREUD, 1986m. Sobre novas traduções do texto freudiano, sugiro a leitura de Rivera, Tania. “Entre dor e deleite” Resenha de Freud, Sigmund; Kehl, Maria Rita; Peres, Urania T.; Carone, Modesto e Carone, Marilene (tradução de Marilene Carone). Novos estud. - CEBRAP no. 94 São Paulo Nov. 2012

investimento do objeto é abandonado, na última persiste e manifesta a sua influência, embora esteja habitualmente confinada a certas ações isoladas”.

O que se pode verificar é que tanto a identificação histórica quanto a narcísica, guardam a ligação com o objeto. Enquanto a primeira se utiliza dessa ligação para dar voz ao desejo, aos motivos, a segunda, evidencia a submissão do ego ao objeto, colocando o “objeto perdido da melancolia” no lugar do ego.

Ainda, em “Luto e Melancolia” encontramos o ego como objeto importante da investigação. É aqui, abastecido pelas considerações do trabalho anterior – “Narcisismo”, no qual o ego é investido sexualmente – que Freud trará a ênfase do investimento narcísico do objeto. Isso porque o ego, para fazer esse investimento no objeto, “acredita” ser o ele sua continuação e complemento. No entanto, a perda é inevitável. Luto, como forma de elaboração da condição do sujeito, e melancolia como ilusão onipotente e patológica.

Não sabemos o destino de Jacobina, apenas que termina sua exposição e se retira da sala deixando seus companheiros de conversa.

Jacobina, tomado pela “*double conscience*”, guarda em si o menino pobre que introjetou um ideal, narcisicamente investido, para proteger a dor da infância. O encontro com a farda e a patente “realiza” esse complemento. Jacobina identifica-se com a farda e a patente. A identificação é na verdade um reencontro. Ideal de ego reencontra o ego ideal. A farda, objeto dessa identificação, é o encontro do objeto introjetado na infância.

Machado deixa supor que Jacobina, o apático, quando estava na sala com os amigos, não vestia seu uniforme. Teria perdido a patente? Por isso sua apatia? A farda é o objeto perdido?

## **2.6. Quando o general morre no campo de batalha**

Em “Psicologia de grupo”,<sup>77</sup> Freud retomará suas ideias contidas em “Luto e Melancolia” para apontar a divisão do ego, principalmente fundamentada na introjeção do objeto que, no caso da divisão ali estabelecida, entra em conflito com a instância observadora, ideal do ego.

Essa divisão, por vezes, leva o ideal do ego a abandonar suas forças em nome do objeto introjetado. Isso ocorre pela supervalorização sexual. Freud se utiliza da ideia do “estar

---

<sup>77</sup> FREUD, 1886r.

apaixonado”<sup>78</sup> para esclarecer essa situação. Todavia, esse objeto de amor não necessariamente deve ser a mulher amada ou o homem amado pela jovem, mas qualquer um dos dois podem estar apaixonados pela paixão. Aqui, o objeto não é exatamente alguém, mas a paixão.

Machado aponta tal fenômeno no momento em que Jacobina mira-se no espelho, sem a farda, e vê uma imagem distorcida.

Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra.

(ASSIS, 1994, p. 5)

O desespero toma conta de Jacobina mas é salvo pela farda do Alferes:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro.

(ASSIS, 1994, p. 6)

Freud irá sentenciar:

[...] o ego se torna cada vez mais despretenso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o autoamor do

---

<sup>78</sup> FREUD, 1986u, p. 53.

ego, cujo autossacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego.

(FREUD, 1986s, p. 62)

Essa consumação leva a colocar o objeto amado no lugar do ideal do ego, tornando o ego submisso a esses ideais.

Ainda Freud: “Podemos apenas ver que a identificação se esforça por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo”.<sup>79</sup>

Mas a questão que Freud coloca é justamente a medida da distância entre o sujeito e a massa, o eu e o nós. Ele se pergunta:

Será inteiramente certo que a identificação pressupõe que a catexia de objeto tenha sido abandonada? Não pode haver identificação enquanto o objeto é mantido? ” Ele responde: “o objeto é colocado no lugar do ego ou do ideal do ego.

(FREUD, 1986s, p. 62)

A maneira de esclarecer essa questão leva Freud a se utilizar das condições nas quais se dá a hipnose. Considerando o caso do estar apaixonado, onde o ego dilui-se diante do objeto que vai tomando o lugar do Ideal do ego, temos, na hipnose, a mesma situação. O hipnotizador está no lugar do Ideal do ego, e o ego, sujeito às ordens desse senhor. No entanto, a diferença reside no fato que a hipnose não se propõe à satisfação sexual, pelo menos do hipnotizador. Os impulsos estão inibidos em seus objetivos.

Segundo D. Lagache, a formação do ego ideal tem implicações sadomasoquistas, especialmente a negação do outro que está em correlação com a afirmação de si mesmo.

O Ego Ideal é ainda revelado por admirações apaixonadas por grandes personagens da história ou da vida contemporânea, caracterizados pela independência, orgulho, autoridade. Quando o tratamento progride, o Ego Ideal se delinea, emerge como uma formação irreduzível ao Ideal do Ego.

(LAGACHE, 1958, p. 41)

---

<sup>79</sup> Idem, p. 58.

O conceito freudiano de identificação pode ser esclarecedor para a tentativa de compreensão dos elementos que agregaram os primeiros alemães em torno da figura de Arminius e também daqueles que dele apreenderam a imagem de herói.

## **2.7. Arminius só é pai porque os filhos assim o quiseram**

Entretanto, há um ponto na compreensão freudiana que precisa ser destacado. Freud, ao tratar da introjeção do objeto no interior do ego, e mesmo no terreno da hipnose ou do líder na massa, coloca toda a atividade na figura do líder. Líder aqui é aquele que tem poderes sobre a massa, ou sobre o hipnotizado.

Embora Freud tenha trabalhado o conceito de identificação em grande profundidade no trabalho “Psicologia de grupo”, poderemos encontrar a sua presença em outros estudos feitos pelo psicanalista.

Todavia, será com Ferenczi<sup>80</sup> que poderemos encontrar uma variação na compreensão do fenômeno da identificação. Enquanto Freud, no modelo da hipnose e do líder da massa, reconhece o hipnotizado e a massa como objetos do líder e do hipnotizador, veremos Ferenczi fazer um exercício de pensamento no sentido contrário.

Enquanto Freud verifica que o hipnotizado identifica no hipnotizador a fonte da sua satisfação, Ferenczi lançara luz sobre o hipnotizado, fazendo dele a fonte dessa satisfação.<sup>81</sup>

O tema da identificação leva-nos diretamente a ideia da introjeção, mais exatamente, os feitos a partir da oralidade.

No entender do psicanalista húngaro, será por meio da introjeção que o sujeito colocará para o interior de si as representações dos objetos externos ampliando seus recursos para com o mundo. “A este processo inverso ao da projeção, proponho denominar introjeção.”<sup>82</sup> Segundo Ferenczi, a projeção, ao colocar para o mundo externo seus objetos internos alivia suas tensões, inversamente, mas com o mesmo objetivo, a introjeção faz isso com os objetos externos. Assim, o conhecimento do mundo dá-se por meio da introjeção dos objetos, que, internalizados, farão parte dos recursos do sujeito para compreender o mundo.

Esse processo aparentemente simples amplia a possibilidade de entender a influência do mundo externo sobre o interior do sujeito. Mas, cabe aqui uma advertência: deve-se notar que o objeto externo, aqui introjetado, precisa existir antes para o sujeito, melhor dizendo, a

---

<sup>80</sup> FERENCZI, 1991a.

<sup>81</sup> Cf. MEZAN, 1993. p. 23.

<sup>82</sup> FERENCZI, 1991d, p. 84.

demanda por um objeto que é assimilado o encaminhará para uma melhor representação. Pois não se trata de ser o objeto a fonte das sensações, mas o alvo. Será por meio do objeto, assim tomado, que podemos pensar as alterações que podem ocorrer na mente. O esclarecimento aqui é o seguinte: a introjeção segue o modelo do luto, não da melancolia. Na primeira o objeto não está perdido, ele é encontrado tingido pelas sensações do sujeito; na segunda, ele é colocado para o interior do sujeito para negar sua morte. Essa operação é aquela designada pela expressão: o objeto faz sombra sobre o ego, no dizer de Freud. O objeto externo, ao ser introjetado, atende à necessidade do interno. Como o modelo aqui é o oral, ele funciona como apoio para essa operação.

Ferenczi acrescenta:

O mecanismo dinâmico de todo amor objetal e de toda a transferência para o objeto é uma extensão do eu, uma introjeção; é esta união entre os objetos e nós mesmos, esta fusão dos objetos com o nosso eu, que chamei de introjeção.

(FERENCZI, 1991a, p. 181)

Mezan destaca: “um processo autoerótico, narcísico”.<sup>83</sup>

Ricardo Etchegoyen, no seu trabalho “Identification and its vicissitudes”, afirma que Klein acreditava que a

[...] introjeção do objeto no ego traz consigo a identificação. Ou seja, a identificação secundária a uma carga objetal que teve de ser abandonada e que vai formar o superego e contribuir, ao mesmo tempo, para a organização do ego.

(ETCHEGOYEN, 1985, p. 6)

É isso que sustentará a tese de que o superego, para a psicanalista, se apresenta como um precipitado de múltiplas identificações contraditórias. Aqui está marcado que a retirada do investimento implica de forma compensatória a inscrição ao nível do superego do objeto perdido/abandonado. No artigo “Sobre a Identificação”,<sup>84</sup> Klein enfatiza a introjeção nos estágios iniciais, uma vez que os objetos primários internalizados formam a base dos processos de identificação, no seu entender.

---

<sup>83</sup> MEZAN, 1993, p. 23.

<sup>84</sup> In. KLEIN, 1991.

As relações objetais em psicanálise são tema para muitas páginas. Não será aqui que apresentarei os diversos volumes dedicados a esse tema.

Mas deve-se ressaltar que desde Klein o foco tem sido nas representações dos objetos e nas relações objetais e seus registros armazenados na mente, mas não apenas como imagens: elas também são vistas como alteradoras e estruturantes da vida mental.

A psicanalista francesa Chasseguet-Smirgel considera que “o ego da criança se enriquece pelas introjeções e sucessivas identificações (secundárias) que se opõem à reunião regressiva do ego e do ideal do ego, que tem lugar na área de identificação primária (ou primordial)”, e que estas identificações “diminuem a margem entre o ego e o ego ideal por meio de novas aquisições que foram alcançadas”.<sup>85</sup>

Vê-se na escrita de Chasseguet-Smirgel que a ideia de alargamento do ego por meio das introjeções, aqui associadas às formulações de Ideal do ego, vêm encontrar um ponto de convergência. Mas sua posição não se encontra à de Ferenczi quanto ao papel do ego como fonte da satisfação. Em Chasseguet-Smirgel o ego será depositário das identificações primárias e se beneficiará delas.

Considerando as elaborações acerca das identificações, vale ressaltar um olhar distinto do habitual atribuído à experiência hipnótica. Enquanto se imagina pensar que na situação que envolve um hipnotizador e um hipnotizado, a visão que se tem é de que o segundo está sob as ordens do primeiro. Que o primeiro é passivo diante do segundo. Ferenczi, tomando a introjeção como ponto de vista dessa situação, ressalta que a atividade está do lado do hipnotizado. A sugestão aí envolvida, implica reconhecê-la como atividade do hipnotizado e não do hipnotizador. É verdade que o hipnotizador se oferece como objeto ao hipnotizado, e que a operação de alteração do interior do hipnotizado se dará pela sua atividade. Em suma, o hipnotizador é o objeto investido narcisicamente pelo hipnotizado, é seu objeto tomado narcisicamente. E, assim o será, nessa compreensão, o líder das massas.

É assim que penso a experiência de Jacobina. O jovem pobre imagina a glória e a exaltação. Oposto de sua experiência. A farda e o posto de alferes, reconhecido pela tia e os moradores do sítio, oferecem o elemento da identificação.

Torna-se evidente, também, que Arminius é objeto da massa alemã fundadora da Alemanha, com a qual ele mesmo se identifica, visto que era um germano, treinado pelos romanos. Vale dizer, se Arminius, como disse acima, é considerado o pai da Alemanha, são os filhos que o tornaram. O homem se identifica com o pai da criança. O pai morto, como em

---

<sup>85</sup> CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991, p. 120.

*Totem em Tabu*.<sup>86</sup> E é isto que reza a lenda do fundador da Alemanha: teria sido assassinado após a sua derrota numa batalha pelo controle das tribos, pelo sogro, um germano liderado pelo herói, um filho rebelde.

Portanto, o pai, enquanto tal, não existe a não ser morto realmente ou simbolicamente.<sup>87</sup>

Essa passagem, tão conhecida daqueles familiarizados com a obra freudiana, qual seja, o assassinato do pai, se faz importante nesse momento, para darmos destaque mais uma vez à figura do herói Arminius.

Estamos novamente no terreno das identificações, mais precisamente aquelas que acima indicamos como oriundas da introjeção das figuras parentais no período pré-objetal.

Mais adiante terei a oportunidade de aprofundar o tema da identificação a fim de oferecer elementos para as reflexões sobre o Nazismo, em especial no que se refere à figura de Adolf Eichmann.

Iniciei esse capítulo indicando as considerações de Carla Penna e Claudia Garcia sobre o Inconsciente Social. A indicação da presença desse elemento na obra freudiana levou-me a rastreá-lo. Ao recuperar essas preocupações freudianas verifiquei que havia sustentação para pensar sobre a influência de elementos históricos, da pré-história da Germânica, na luta e força da Alemanha para vingar as humilhações pelas quais passou.

A identificação, laço primordial da constituição do indivíduo, é o mecanismo destacado nesse texto como aquele que pode trazer alguns esclarecimentos sobre as ações dos nazistas e do povo alemão no III Reich.

No próximo capítulo, verificarei as ações nazistas na segunda guerra, por meio da biografia de Adolf Eichmann. Os registros dos biógrafos poderão indicar a presença dos elementos identificatórios como organizadores da sua ação.

---

<sup>86</sup> FREUD, 1986v.

<sup>87</sup> FREUD, 1986v, p. 92; FREUD, 1986n, Parte D, “Aplicação”.

### 3. A CHEGADA DO III REICH

“O problema jaz na maquiavélica política de poder do Terceiro Reich e no lançamento de um comando para a dominação do mundo que por fim levou à sua destruição.”

(Richard J. Evans, 2010)

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial a Belle Époque oferecia a crença de que as batalhas jamais manchariam as conquistas. Todo o avanço não poderia ser sepultado por outras guerras sangrentas como aquelas que a Europa viveu nos séculos anteriores. Em especial aquela que terminara há poucos anos. Tolerância e conciliações pareciam estar na agenda do século XX.

Porém as esperanças escorreram pelas trincheiras abertas na Europa. Os sentimentos manifestados na exposição Universal de Paris se confundiram até desaparecerem, misturados à fumaça da guerra.

Stefan Zweig expressa esse clima em sua autobiografia:

Para nós hoje, que há muito já riscamos a palavra “segurança” do nosso vocabulário, é fácil sorrir da ilusão otimista daquela geração ofuscada pelo idealismo de que o progresso técnico da humanidade forçosamente traria consigo uma ascensão também rápida em termos morais. Nós, que no novo século aprendemos a não nos surpreender mais com nenhuma eclosão de bestialidade coletiva, nós, que de cada dia esperamos ainda mais perversidade que do anterior, somos bem mais céticos em relação a uma educabilidade moral do gênero humano. Tivemos que dar razão a Freud, que viu na nossa cultura, na nossa civilização, apenas uma fina camada que a cada momento pode ser perfurada pelas forças destrutivas do submundo.

(ZWEIG, 2014, p. 15)

A desesperança toma conta das pessoas e Freud, ainda que não a expressasse desse modo, procura apontar para a não idealização do humano. As suas ideias não indicam uma solução definitiva. Porém, estava otimista com os avanços produzidos pela democracia antes da guerra, os quais davam bom sinais com o fim das monarquias que submetiam os povos.

Mesmo após a batalha, cujo flagelo das “neuroses de guerra” bateu à porta da teoria psicanalítica, Freud fez um pronunciamento no Quinto Congresso Psicanalítico Internacional,

realizado em Budapest em 1918, no qual apresenta suas preocupações sobre o alcance da Psicanálise àqueles que não poderiam se beneficiar da prática psicanalítica.

Nesse pronunciamento Freud vislumbra que, no futuro, o tratamento psicanalítico seria gratuito. Isso sinalizou uma mudança na narrativa a respeito de uma psicopatologia exclusivamente individual para uma que compreendesse o humano envolvido pelas psicopatologias sociais. Ele não falava apenas a respeito de indivíduos com transtornos mentais, mas de maneira mais ampla, sobre mulheres que sofrem privações e crianças em situação de rua.<sup>88</sup>

O antissemitismo, elemento cultural europeu, prova mais do que vigorosa da dissociação humana e atestado das forças onipotentes que sustentaram a ideia de uma raça superior, parece nunca ter deixado de ameaçar os judeus. A parcela da população desesperada com os escombros da guerra via na ascensão dos partidos antissemitas a confirmação da ruína do que fora conquistado nas primeiras décadas após a unificação da Alemanha em 1871. Ao longo do século XIX, as restrições civis que atingiram os não cristãos nos estados alemães haviam sido gradualmente enfraquecidas, do mesmo modo que a discriminação religiosa formal havia sido abolida em outros países.<sup>89</sup>

Do mesmo modo, aqueles que apostavam no avanço sem fim, esperançosos pelo período que projetou um horizonte iluminado, agora encontram dramaticamente os governos totalitaristas e a ameaça da Segunda Guerra.

Houve, e parece que sempre haverá, uma leitura da realidade com os traços introjetados na primeira infância. Ainda que centenas de guerras tenham demonstrado que as alternativas absolutas do período pré-edípico, que insistem em se impor às experiências subsequentes, não trarão avanços, ainda assim a crença nelas subsiste.

Não me debruçarei sobre as razões registradas pela história a respeito das origens e ascensão do nazismo, mas procurarei conhecer os ingredientes culturais que tornaram esse regime o mais cruel dos últimos séculos.

### **3.1. Nos porões, a trama fascista**

Na opinião de Margaret MacMillan, “as raízes para ideologias que depois se revelariam nefastas, já existiam desde muito antes da Revolução Francesa.”<sup>90</sup> Porém, a guerra era uma

---

<sup>88</sup> FREUD, 1986l.

<sup>89</sup> EVANS, 2010.

<sup>90</sup> MACMILLAN, 2014, p. 41.

oportunidade para os idealistas que queriam impor o seu “mundo melhor” ao resto do mundo por meio de propostas de sociedades mais justas – mas, justas para quem? O anseio por esse ideal é o ingrediente que todos parecem guardar no fundo da mente. Uma nostalgia do infantil, um absoluto.

O nazismo foi tramado num ambiente de imensa insatisfação com a república de Weimar e as feridas da derrota na Primeira Guerra. Apenas quinze anos separaram a derrota da Alemanha em 1918 do surgimento do Terceiro Reich em 1933.

A democracia mostrava suas fragilidades e estava com os dias contados. Na medida em que a situação na Alemanha começou a se aproximar da ruína ao longo de 1922 e 1923, Hitler começou a pensar que poderia fazer na Alemanha o mesmo que Mussolini havia feito na Itália.

A extrema direita alemã, já inflamada desde o fim da Primeira Guerra, agora se inseria firmemente na aproximação com o fascismo. Por um longo tempo, Hitler observou Mussolini com admiração, como um exemplo a seguir.

O povo olhava temeroso para a admiração de Hitler por Mussolini: “onde nos levará essa aproximação?” Os fantasmas do passado pareciam levantar-se das tumbas. Mais uma vez os interesses nacionalistas estavam em jogo: afinal estava em jogo a “pátria”.

O fascismo italiano era violento, incessantemente ativo, desprezava as instituições parlamentares, era militarista e glorificava o conflito e a guerra.<sup>91</sup>

No texto “Ur-Fascismo”, de 1995,<sup>92</sup> Umberto Eco destaca algumas características do fascismo, as quais chama de eternas. Com o objetivo de enfatizar os propósitos que foram implantados na vida alemã nesse momento de avanço do nazismo, vale destacar o pensamento de Eco.

Entre as características desse movimento está o culto à tradição, dos saberes arcaicos; uma crítica violenta ao modernismo e suas ideias; um incentivo à ação; rechaço ao diferente, entre outros aspectos que, inevitavelmente remetem o leitor a um mundo anterior a qualquer forma de organização social que priorize o avanço e a pluralidade.

Além desses aspectos, estão aqueles que darão base de sustentação ao pangermanismo e o antissemitismo, tais como um excesso de nacionalismo e, conseqüentemente, a xenofobia. Quanto ao antissemitismo, há um pavor ao diferente, considerando-o como um intruso, atribuindo a ele a organização de complôs. Para isso, os “intrusos” têm de se sentir ameaçados.

Assim, essa aproximação entre Hitler e Mussolini foi, na verdade, uma reaproximação, um “re-conhecimento” dos aspectos disponíveis, há tempos, na cultura alemã.

---

<sup>91</sup> EVANS, 2010, pp. 26-27.

<sup>92</sup> ECO, 2002.

### 3.2. Recrutando o bando

Em 1920, Hitler estava às voltas de “recrutar” o que podemos chamar hoje de “bando de entusiastas”. Entre os primeiros “recrutados” estava o estudante da Universidade de Munique Rudolf Hess. O jovem pertencia à sociedade Thule.<sup>93</sup>

Hess condenava a “corja de judeus”, que ele culpava pela derrota da Alemanha em 1918 e, antes mesmo de conhecer Hitler, comandou expedições aos bairros operários de Munique para distribuir milhares de folhetos antissemitas sob as portas dos apartamentos dos operários.

Enquanto Hess era um agitador da causa, Dietrich Eckart, outro recrutado, era um ex-estudante de medicina. Eckart foi útil para Hitler pela sua participação e bom relacionamento nos grupos de extrema direita. Ele publicava um semanário político, *Auf gut Deutsch* (Em bom Alemão), apoiado por empresários bávaros e também pelo fundo político do Exército. Era participante de grupos racistas e supremacistas “arianos”.

Eckart ainda levou para o partido dois companheiros da Sociedade Thule que serviram Hitler por muito tempo. O primeiro era o arquiteto Alfred Rosenberg, que fugiu da Revolução Russa, odiando o bolchevismo. Ele já havia se tornado antissemita antes de 1914. Conhecedor dos “Protocolos dos Sábios do Sião”,<sup>94</sup> o arquiteto, após a guerra, escreveu panfletos polêmicos atacando judeus e maçons. Pretendia ser um intelectual da cultura.

O outro companheiro que Eckart levou para o Partido Nazista foi Hans Frank. Enquanto estudava direito, em 1919, Frank filiou-se à Sociedade Thule. Ele encantou-se por Hitler após ouvi-lo em janeiro de 1920.

Outro membro da sociedade Thule que veio compor a ala nazista foi Rudolf Höss, futuro comandante de Auschwitz.

Nessa altura do “alistamento”, outros tantos se juntaram. E o bando já era bem maior.

O partido redigiu um programa com 25 pontos para a “Grande Alemanha”, que incluíam as exigências da “união de todos os alemães em uma Alemanha Maior”, a revogação dos tratados de paz de 1919, “terra e território para alimentar nosso povo”, a prevenção de “imigração não germânica” e pena de morte para “criminosos comuns, agiotas, especuladores etc.”.

---

<sup>93</sup> A sociedade Thule estudava o ocultismo, parapsicologia, alquimia. Seu símbolo era uma suástica com uma adaga no centro. Em 1935 Hitler estabeleceu o Ahnenerbe (Departamento para o Estudo da Herança Ancestral), entre outras funções, encarregando Himmler de pesquisar runas germânicas e as origens da suástica, além de situar a origem da superioridade da raça ariana.

<sup>94</sup> BARROSO, 1936.

A força de Hitler inspirava-se no nacionalismo bismarckiano, que tanto havia feito pela Alemanha. Além disso, ele recuperava a pré-história alemã baseando sua missão na reinauguração do Sacro Império Romano Germânico, o I Reich, que durou quase mil anos (962-1806).

E aqui reencontramos o espírito germânico, a força extraída da pré-história alemã, origem do tônus necessário à empreitada nazista.

O culto à pré-história, que se apoia em antigos líderes, tem lugar garantido nas ações nazistas. Hitler, por exemplo, batizou a investida contra a União Soviética, em 1941, de Operação Barbarossa, remetendo ao imperador Frederico Barbarossa, do I Reich. Estratégia ou crença no passado?

Tudo levará a crer que a crença foi a grande estratégia. Algo como justificar as ações do presente pelo desejo dos heróis do passado. Quais heróis compõem o Olimpo germânico? Arminius, Barbarossa, Bismarck?

Um novo “destacamento” chega ao Partido no princípio da década de 20. Entre eles, um homem que desempenharia um papel destacado no Terceiro Reich, Heinrich Himmler, nascido em Munique a 7 de outubro de 1900, portanto com pouco mais de 20 anos quando ingressou no partido.

Himmler veio de uma família conservadora, seu pai era um professor católico de visão ultraconservadora. O ambiente de origem do jovem era a classe média culta. Ele recebeu uma sólida educação acadêmica em escolas de Munique e Landshut. Porém, era uma criança mal-humorada com dificuldades de visão.

Himmler casou-se em 1926 e sua esposa influenciou-o na direção do ocultismo e outras crenças não convencionais, algumas das quais mais tarde tentou impor a seus subordinados. Himmler foi mais um nessa linha que ganhava força com o esoterismo. O casamento não prosperou, mas as crenças sim.

Com a tropa pronta, Hitler tinha o domínio completo sobre o Partido Nazista. O passo seguinte era a campanha e propaganda. Não perderam tempo. Mas, esta jornada “evoluiu para a provocação e a violência”.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> EVANS, 2010, p. 210.

### 3.3. Propaganda corpo-a-corpo

Em 14 de setembro de 1921, um grupo de jovens nazistas foi com Hitler a um encontro da Liga Bávara, uma organização separatista, e marchou para cima do palanque com a intenção de calar o orador, Otto Ballerstedt.<sup>96</sup> Alguém apagou todas as luzes e, quando as acenderam de novo, brados de “Hitler” impediram Ballerstedt de prosseguir.

(EVANS, 2010, p. 210)

Ao mesmo tempo que “cala” o oponente, começa a fazer falar a voz silente e sorradeira da violência como recurso primitivo de agregação social.

Em 1924, mais uma aquisição, que se revelou de grande importância para o fortalecimento do nazismo. O jovem ideólogo Joseph Goebbels recebeu educação secundária e seguiu estudando filologia antiga, alemão e história na Universidade de Bonn, obtendo doutorado em literatura romântica na Universidade de Heidelberg em 1921. O Dr. Goebbels era uma espécie de boêmio, ocupava o tempo livre da época de estudante com a redação de peças teatrais, e sonhava com um futuro artístico.

Ao conhecer Hitler, Goebbels foi convertido imediatamente. Em seu diário confidenciou que Hitler era “brilhante”. “Adolf Hitler eu o amo porque você é grande e simples ao mesmo tempo. O que se chama de gênio”.<sup>97</sup> Esse fascínio permaneceu até o fim.

Mas o nazismo não se fez somente por esse grupo elitizado. O III Reich foi criado em boa parte pelos membros ordinários dos camisas-pardas (SA), grupo formado por homens jovens com senso de comprometimento aterrorizante e resolutivo. A violência era a marca dessa facção.

O fanatismo se apoiava na ideia de que estavam fazendo sacrifícios por uma grande causa. Aliás, a ideia de sacrifício foi reforçada por Hitler a uma plateia quando exclamou para que não se esquecessem:

hoje se trata de um sacrifício, quando muitas centenas de milhares de homens do movimento nacional-socialista sobem em caminhões todos os dias, protegem reuniões, fazem marchas, sacrificam-se noite após noite e voltam apenas ao raiar do dia – e para então voltar à oficina e à fábrica, ou para coletar seu donativo de desempregado; quando eles compram seus uniformes, suas

---

<sup>96</sup> Foi o rival político de Adolf Hitler que nos primeiros dias de sua carreira política levou Hitler a ser preso por um mês em 1922. In EVANS, 2010.

<sup>97</sup> EVANS, 2010, p. 235.

camisas, seus distintivos, e pagam até por seu transporte com o pouco que possuem – acreditem, isso já é um sinal do poder de um ideal, de um grande ideal!

(EVANS, 2010, p. 253)

Em 1923, Hitler estava na cadeia. Foi preso por tentar tomar o poder por meio de um golpe. Encarcerado, recebe a sugestão do editor nazista Max Amann para escrever um relato de sua vida. Esse relato foi publicado no ano seguinte sob o título *Mein Kampf* (*Minha Luta*).

Todavia, o trabalho foi editado por Amann, Hanfstaengl e outros, a fim de torná-lo mais literário e menos incoerente que o desconexo primeiro rascunho. Apesar da edição, era pretensioso e tedioso. O livro vendeu apenas uma quantidade modesta de cópias antes de os nazistas efetuarem seu avanço eleitoral em 1930. Depois disso, tornou-se um best-seller, sobretudo durante o III Reich, quando não possuir um exemplar era quase um ato de traição.

Entretanto, não deixa de ser uma espécie de Bíblia Nazista. Nele, entre outros temas, o nazista expressa sua excitação com as manifestações das massas socialdemocratas que abraçavam o marxismo em Viena. Hitler ficou encantado ao ver o entusiasmo da massa. Queria esse envolvimento para sua causa, e, por que não afirmar, para si mesmo.

### **3.4. Quem hipnotiza quem?**

O poder das massas que proporcionava a Hitler a experiência de êxtase remonta às discussões em torno do pensamento freudiano sobre a relação do hipnotizador e do hipnotizado.

Nas situações em que se pode observar tal fenômeno, vemos, nas reflexões de Freud, o hipnotizado entregar-se às palavras do hipnotizador, ao poder do hipnotizador. Dessa forma, entra em um sono que exclui o contato com o mundo externo. Somente as palavras do hipnotizador são “ouvidas”. Argumenta Freud, apoiando-se em Ferenczi,<sup>98</sup> que camadas mais arcaicas da mente são acionadas, sobretudo porque o hipnotizador ocupa o lugar dos pais, principalmente do pai. Assim, a relação de obediência, elemento mestre da hipnose são acionados.

Nas palavras de Freud:

---

<sup>98</sup> FERENCZI, 1991b.

Pelas medidas que toma, o hipnotizador desperta no sujeito uma parte de sua herança arcaica que também o tornara submisso aos genitores e experimentará uma reanimação individual em sua relação com o pai. [...] Como sabemos de outras reações, os indivíduos preservaram um grau variável de aptidão pessoal para reviver velhas situações desse tipo. Um certo conhecimento de que, apesar de tudo, a hipnose é apenas um jogo, uma renovação enganadora dessas antigas impressões. Contudo, pode remanescer e cuidar para que haja uma resistência contra quaisquer consequências demasiado sérias da suspensão da vontade na hipnose.

(FREUD, 1986s, p. 70)

No entanto, devemos de considerar que a força do hipnotizador sobre o hipnotizado advém da crença dos que se submetem a esse “jogo”. Na cena em que Hitler é atraído pelo poder das massas, podemos nos perguntar: quem hipnotiza quem? O fato de que o nazista se tornará o Führer, o líder das massas, nos leva a supô-lo como hipnotizador nesse jogo. Todavia, a força da massa, os elementos de agregação, a preexistência de um herói primevo, mora nas camadas mais arcaicas desse povo, filho de Arminius.

Aqui, posso afirmar que a massa o hipnotizava. Diz Hitler: “A psique das grandes massas não é receptiva a nada que seja desanimado e fraco... As massas amam um comandante mais do que um solicitante”.<sup>99</sup> Por isso, é sensato supor que Hitler ficasse magnetizado e, além de aprender com aquilo, o quisesse para si.

Mas ainda havia um caminho longo até que Hitler pudesse estar à frente da nação. Ainda que seu narcisismo ferido, bem como o da Alemanha, pudesse encontrar na ostentação da força da massa e sua condução um oásis para sua humilhação, o percurso era incerto.

Contudo, o culto à liderança que foi criado em torno de Hitler não podia ser igualado aos esforços de outros partidos em lançar seus líderes. A ideia, era projetar um novo Bismarck. Um novo herói inspirado no chanceler de ferro. Um Bismarck do futuro.

Todavia, quais eram as propostas? Elas não existiam. Apesar da realidade caótica da Alemanha nesse período – que ainda pioraria – não havia propostas sobre a realidade, só investimentos na própria força do povo, mais exatamente nas recordações investidas narcisicamente de um tempo de glórias.

---

<sup>99</sup> EVANS, 2010, p. 195.

### 3.5. A campanha

O empenho para alcançar o poder foi realizado com imagens poderosas, atividades frenéticas, marchas, comícios, manifestações, discursos, pôsteres, enfim, tudo que pudesse atingir a maioria da população.<sup>100</sup> A ação sublinhou a reivindicação nazista de ser muito mais que um partido político, mas, literalmente, uma ideologia que pretendia conduzir o povo alemão a um futuro melhor.

Por isso, para construir a liderança e a criação da figura do Führer, o aparato da propaganda nazista mirou habilidosamente grupos específicos do eleitorado alemão, dando treinamento ao pessoal em campanha para se dirigir a diferentes tipos de plateia, anunciando intensivamente os encontros com antecedência, providenciando tópicos para eventos específicos e selecionando o orador adequado à ocasião.

Os antisemitas foram usados para se dirigir a grupos com os quais havia maior sintonia. Os nazistas adaptavam-se conforme a resposta que recebiam: estudavam a plateia, produzindo todo um conjunto de pôsteres e folhetos elaborados para conquistar diferentes porções do eleitorado. Produziam filmes, comícios, canções, bandas de música, manifestações e paradas.

Joseph Goebbels, o líder da propaganda, tinha por meta soterrar o eleitorado com uma avalanche ininterrupta de assaltos aos sentidos.

Hitler e seu Partido ofereciam uma poderosa miragem: uma Alemanha unida e forte. Propuseram um movimento que transcenderia fronteiras sociais e superaria conflitos sociais, uma comunidade racial de todos os alemães trabalhando juntos, um novo Reich que reconstruiria o poder econômico da Alemanha e restituiria a nação a seu lugar de direito no mundo. As mensagens exerceram uma forte conexão com elementos preexistentes na mente dos alemães: o período bismarckiano e a força de unificação da fundação da Alemanha. A verdadeira força estava na memória e na história mítica da Alemanha. Isso permitia que sonhassem com um novo líder que ressuscitasse a glória perdida da Alemanha. A mensagem reuniu tudo que muitas pessoas achavam errado na república e deu a oportunidade de demonstrarem a desilusão com ela, votando em um movimento que lhe era oposto em todos os aspectos.

---

<sup>100</sup> Victor Klemperer (1881-1960), pouco tempo depois do término da Segunda Guerra Mundial, escreveu o livro *LTI (Lingua Tertii Imperii, Língua do III Reich)*. Klemperer foi filólogo e historiador da literatura. Esse trabalho baseia-se nos diários que manteve de 1933 a 1945 e aponta para o atravessamento da língua, supostamente pura e não contaminada, por uma língua tingida pela ideologia do nazista (KLEMPERER, 2009).

Discurso após discurso, assistido por multidões de até 20 mil pessoas nas cidades maiores, Hitler vociferou contra as iniquidades da República de Weimar, suas fatais divisões internas, sua multiplicidade de facções em guerra e de partidos interesseiros, seu fracasso econômico, sua aceitação da humilhação nacional. No lugar disso tudo, bradava, “a democracia seria superada, a autoridade da personalidade individual seria reafirmada”.<sup>101</sup>

O espetáculo do culto ao líder não se limitava a essa ostentação. Ele também se dava nas ações violentas contra os inimigos nazistas.

O episódio a seguir mostra a relação do partido, na figura de Goebbels, com a morte de um membro da causa.

O jovem ativista camisa-parda Horst Wessel, que fora preparado por Goebbels desde 1928, havia se tornado completamente odiado pelos paramilitares comunistas de Berlim em 1930. Wessel ascendeu rapidamente a uma posição de destaque na organização camisa-parda, onde liderava uma “tropa de assalto”, divisão dos paramilitares nazistas.

Foi nessa atmosfera que a senhoria de Wessel, viúva de um comunista, encaminhou-se até uma taverna a fim de pedir ajuda para resolver problemas de pagamento de alugueres do seu inquilino camisa-parda. Duas semanas depois, no dia 14 de janeiro de 1930, acompanhada do comunista Höhler, subiu as escadas até o apartamento de Wessel. Quando Wessel abriu a porta, Höhler abriu fogo. Wessel tombou com um ferimento grave na cabeça. Morreu no hospital em 23 de fevereiro.<sup>102</sup>

Após o atentado, Goebbels não titubeou. Começou a trabalhar para inflar a memória do seu pupilo em um culto no grau máximo. Diversos artigos na imprensa nazista tonaram Wessel um “mártir do III Reich”. O idealizador das propagandas nazistas organizou um funeral solene, assistido, segundo afirmou Goebbels, por mais de 30 mil pessoas.

Pelo lado dos Comunistas, a solenidade foi acompanhada por ataques e tentativas de tumulto. Ao lado do túmulo, enquanto os ataques da oposição aconteciam, Goebbels louvou Wessel colocando-o ao lado de Cristo no sacrifício pela humanidade – “Do sacrifício à redenção”. “Onde quer que a Alemanha esteja”, ele declarou, “você estará lá também, Horst Wessel!”<sup>103</sup>

Contudo, muitos alemães de classe média parecem ter aceitado que o regime possuía justificativas para a repressão violenta do “marxismo”, de qualquer variedade que fosse. Anos de espancamentos, assassinatos e confrontos nas ruas havia habituado o povo com a violência

---

<sup>101</sup> EVANS, 2010, p. 287.

<sup>102</sup> Idem, p. 295.

<sup>103</sup> Idem, p. 296.

política e embotado sua sensibilidade. Aqueles que tinham dúvidas não podiam deixar de notar o que a polícia e seus auxiliares camisas-pardas estavam fazendo aos oponentes dos nazistas naquelas semanas. Mas Goebbels soube como fazer render o assassinato de seu pupilo.

Evidentemente, todo esse processo não era alimentado somente pela situação econômica pela qual passava a Alemanha. Disputas de poder estavam presentes. Além da fome da população, havia a fome de poder. A Europa conhecia muito bem essa condição. Por isso, não se pode pensar que basta haver um oponente, é preciso construí-lo dentro do povo. A oposição política não é suficiente; o nazismo, bem como o fascismo, nos indica que a construção do inimigo é fundamental à composição da miragem.

E foi com esse espírito que Hitler orientou os camisas-pardas (SA): “jamais deviam se deixar distrair por um segundo de nosso lema, que é a destruição do marxismo”. “O levante nacional continuará a ser levado a cabo de forma metódica e com controle vindo de cima”, disse ele, e apenas “quando essas ordens deparassem com resistência” eles deveriam agir para garantir que “essa resistência fosse imediata e totalmente rompida”.<sup>104</sup> Essa última qualificação era, claro, licença suficiente para a violência continuar igual e de fato até aumentar.

E foi por esse caminho que Hitler chegou à vitória.

Em 30 de janeiro de 1933 ele assumiu a chancelaria.

No entanto, ainda era preciso mais.

Goebbels confidenciou a seu diário a sensação de que “ganhamos uma coisinha ínfima”, nada mais. “Não chegaremos à maioria absoluta desse jeito”, concluiu. Assim sendo, a eleição conferiu uma nova urgência à sensação de que, como colocou Goebbels, “tem que acontecer alguma coisa. Acabou o tempo de oposição. Agora, às ações! ”. “Havia chegado a hora de agarrar o poder”, acrescentou ele no dia seguinte, e observou que Hitler concordava com a ideia.<sup>105</sup>

Todos os meios para esse fim foram usados. Até mesmo ilusionismo barato. Goebbels organizou uma parada de camisas-pardas (SA), Capacetes de Aço e homens da SS à luz de tochas pelas ruas de Berlim, iniciada às sete da noite de 30 de janeiro de 1933 e prosseguindo até bem depois da meia-noite. Um jornal pró-nazista, arrebatado pelo entusiasmo, colocou o número de marchadores em 700 mil.

O espetáculo era típico da espécie de direção cênica que Goebbels aperfeiçoaria nos anos vindouros. Assistindo à marcha em uma rua de Berlim, o jovem Hans-Joachim

---

<sup>104</sup> EVANS, 2010, p. 375.

<sup>105</sup> Idem, p. 323.

Heldenbrand estava, ocasionalmente, parado no local onde os camisas-pardas (SA) faziam uma pausa para trocar as tochas derretidas por outras novas. Examinando seus rostos à medida que a noite avançava, ele começou a notar os mesmos homens aparecendo diante dele repetidamente. “Eis aí”, disse seu pai, “veja a falcatrua. Eles estão marchando em círculo constantemente, como se houvesse 100 mil deles”.<sup>106</sup>

### 3.6. Ações para sustentar palavras

A hora da ação chegara.

Entre 1933 e 1939, mais de 400 decretos e normas limitariam todos os aspectos da vida pública e privada dos judeus alemães. Naquele mesmo abril de 1933, o governo baniu os não arianos dos cargos estatais. Depois, limitou em 1,5% a proporção deles nas escolas. Em maio, membros da Juventude Hitlerista e da SA atearam fogo numa montanha de livros na praça Bebelplatz, em Berlim, para livrar o país das ideias “perniciosas” de intelectuais como Walter Benjamin, Bertolt Brecht e Karl Marx.

“Que progresso estamos fazendo. Na Idade Média eles teriam me queimado. Hoje se contentam em queimar meus livros”, ironizou Freud, cujos livros também foram queimados.<sup>107</sup>

Mas Hitler não se detinha. Ele também proibiu médicos, contadores, advogados e atores judeus de exercer a profissão. O expurgo afetou até mesmo seis prêmios Nobel, entre eles o químico Fritz Haber, que sintetizou a amônia — essencial à fabricação de fertilizantes e ao esforço de guerra alemão.

Haber escapou da Alemanha em 1933. Albert Einstein, que estava em viagem aos EUA, decidiu não voltar ao país. Freud preferiu permanecer na Áustria, achando que não corria risco. Natural: em 1933 era mesmo difícil conceber a dimensão do que viria pela frente.

Mas havia indícios.

O horror só estava começando.

---

<sup>106</sup> Idem, p. 336.

<sup>107</sup> Cf. EVANS, 2011, p. 728; Cf. SZKLARZ, 2015 p. 127.

## 4. EICHMANN EM VÁRIOS TEMPOS

“Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia ordens, ele também obedecia à lei.”

(Arendt, 1999)

“[...] pularia rindo nas suas sepulturas, porque a sensação de ter matado seis milhões de judeus era extraordinária.”

(Eichmann, apud. Cesarani, 2006)

Em 1960, Karl Adolf Eichmann (1906-1962), considerado o arquiteto e administrador da estrutura de transporte, deportação, expulsão e extermínio de milhões de pessoas durante o Nazismo, em particular de judeus, que resultou na Solução Final (*Endlösung*), foi capturado pelo grupo israelense Mossad e levado da Argentina, onde já vivia desde os anos 1950, para Israel.

O caráter extremamente fechado do regime nazista, os segredos e mentiras em torno da perseguição e da Solução Final da Questão Judaica, mantiveram por muito tempo esse personagem longe do conhecimento dos aliados e do resto do mundo.

Há muitas razões, próprias de uma guerra, para que a condição de segredo fosse mantida pelo Reich. Todavia, devemos considerar que essa condição foi ao encontro de motivos pessoais de muitos nazistas. Em diversos trabalhos, a psicanálise discutiu tal participação dos elementos inconscientes, especialmente na situação da guerra.

Em 1945, em Nuremberg,<sup>108</sup> no julgamento dos nazistas capturados, o nome de Eichmann começou a aparecer com expressiva frequência. É nesse momento que se pode dizer que Eichmann começa a aparecer para o mundo. As revelações de Nuremberg dão a importância que Eichmann teve no projeto da Solução Final.

Em janeiro de 1946, nesse mesmo julgamento, Dieter Wisliceny<sup>109</sup> é chamado como testemunha da acusação e entrega provas reveladoras sobre a participação (e por que não dizer, existência) de Eichmann.

---

<sup>108</sup> PEREIRA, 2014. GOLDENSOHN; GELLATELY, 2006.

<sup>109</sup> SS-Hauptsturmführer (Capitão). Durante a implementação da Solução Final, sua tarefa foi a guetização e liquidação de várias comunidades judaicas importantes na Europa ocupada pelos nazistas. Wisliceny também reintroduziu a estrela amarela nos países ocupados.

Com tudo isso Eichmann sabia que era um criminoso de guerra procurado. Bettina Stangneth<sup>110</sup> registra que seu nome apareceu em todas as listas que surgiram durante Nuremberg.

Em 1960, o arquivo CIA de Eichmann continha mais de cem relatórios e documentos. A organização que mais tarde se tornaria a Comissão de Crimes de Guerra das Nações Unidas colecionava os nomes dos perpetradores desde o outono de 1943 e, claro, o nome de Eichmann também pode ser encontrado nas listas do Registro Central de Criminosos de Guerra e Suspeitos de Segurança (CROWCASS).

(STANGNETH, 2015, p. 56)

Ainda que Hitler, o líder dessa massa de soldados, tivesse um papel importante, havemos de destacar aqui a dimensão pessoal de Adolf Eichmann.

A primeira grande fonte de informações sobre quem foi Eichmann é o trabalho da filósofa alemã Hannah Arendt.<sup>111</sup> Após acompanhar o julgamento em Jerusalém, em 11 de abril de 1961, a convite da revista *New Yorker*, a filósofa escreveu o livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. A obra de Arendt é considerada um clássico não só no que se refere ao seu objeto imediato, mas sobretudo ao tema indicado no subtítulo.

O trabalho de Hannah Arendt, após sua publicação, gerou muitas controvérsias, seja quando se refere ao próprio julgamento, visto que ela tece observações importantes sobre os interesses políticos que o envolviam, seja sobre o próprio Adolf Eichmann, que é apresentado muitas vezes com um “palhaço”.<sup>112</sup> Argumenta que ele não tinha “ódio insano de judeus”<sup>113</sup> e não sofria de qualquer tipo de “antissemitismo fanático”.<sup>114</sup> Baseada nos depoimentos, ela relata que “ele nunca tinha abrigado quaisquer maus sentimentos contra suas vítimas”.<sup>115</sup> Além disso, a filósofa faz observações sobre a participação dos conselhos judeus na deportação e extermínio pretendido com a Solução Final.<sup>116</sup>

Em suas considerações ela expressa que:

---

<sup>110</sup> STANGNETH, 2015.

<sup>111</sup> ARENDT, 1999.

<sup>112</sup> Idem, p. 36.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Idem.

<sup>115</sup> Idem.

<sup>116</sup> Idem, pp. 58, 73, 74, 76, 78, 131.

[...] o problema com Eichmann era precisamente que muitos eram como ele, e que muitos não eram nem pervertidos nem sádicos, que eram, e ainda são, terrível e terrivelmente normais.

(ARENDRT, 1999, p. 166)

Em um pós-escrito ela acrescentou que Eichmann simplesmente “nunca percebeu o que estava fazendo” e que suas ações criminosas foram devido a “pura irreflexão”.<sup>117</sup>

Assim, Arendt nos apresenta “um certo” Eichmann. Da minha parte, neste trabalho, buscarei apresentar um Eichmann que foi sendo conhecido à medida que outras informações a seu respeito foram surgindo.

O que veremos será um Eichmann bastante diferente daquele retratado por Arendt, mas que já estava presente nas suspeitas de quem acompanhou o julgamento.

Destaco aqui, além da filósofa, dois outros pesquisadores.

O primeiro, David Cesarani, um historiador inglês, especializado em História Judaica. Entre seus trabalhos está a biografia da qual me utilizarei como alternativa à referência de Arendt.

A biografia produzida por Cesarani, *Tornando-se Eichmann*, de 2006.<sup>118</sup> pretende um contra-argumento ao trabalho da filósofa, enfatizando por meio de dados de que a interpretação influente de Arendt sobre Eichmann era errada, e que a frase “banalidade do mal” foi enganosa.<sup>119</sup>

Cesarani apresentará em seu trabalho elementos que oferecem a ideia de que o nazista não era apenas um burocrata sem uma ideologia, mas um antissemita convicto que buscou o poder e a glória no exercício da sua jornada de administrador dos assuntos judaicos do III Reich.

Além da biografia de Cesarani, vou me valer do trabalho publicado em 2011 por Bettina Stangneth. Ela é uma filósofa alemã que buscou nas entrevistas gravadas por Eichmann na Argentina e em documentos liberados recentemente pelos órgãos internacionais o material para seu trabalho.

Por meio dessa pesquisa de Stangneth veremos um Eichmann que pode ser localizado no polo oposto daquele que o nazista buscou demonstrar nos tribunais de Jerusalém.

Além dessa dimensão do homem Eichmann “maquiado” em Jerusalém, verificaremos que a abertura de documentos, até então secretos, revelam que o “anonimato” de Eichmann e suas ações restringiu-se ao público, inclusive para Arendt. Stangneth teve acesso a documentos

---

<sup>117</sup> Idem, p. 172.

<sup>118</sup> CESARANI, 2006.

<sup>119</sup> Idem, p. 4.

que, além das revelações de Nuremberg, o colocam entre os responsáveis pela Solução Final. Embora, como já foi dito, Nuremberg o tornou conhecido pela participação nos genocídios.

Eichmann vai se tornando Eichmann à medida que as fontes o vão revelando. As intuições decorrentes de seu julgamento em Jerusalém vão ganhando consistência. E é isso que apresentarei nas linhas a seguir.

#### **4.1. Família e infância de Adolf Eichmann**

Desde sua execução em Jerusalém as informações sobre sua vida têm sido investigadas por diversos meios.

As informações básicas acerca do início da vida de Otto Adolf Eichmann já são bem conhecidas. Ele nasceu em 19 de março 1906 em Solingen, uma cidade industrial na Renânia. Toda a documentação pessoal ou seus escritos autobiográficos, entrevistas e interrogatórios não indicam que sua infância tenha sido de alguma forma anormal. A imagem de uma criança solitária, ou de que as condições da sua família não ofereciam ao pequeno Eichmann um ambiente desfavorável ao bom desenvolvimento, não representam a verdade.

Em 1913 os Eichmann vão viver em Linz, uma cidade católica de 100.00 habitantes, embora fossem protestantes dedicados. A posição da família na igreja era de muito respeito. Seu pai, Adolf Karl Eichmann, nascido 1878, foi um contador em uma empresa de fornecimento de eletricidade.

A mudança para essa cidade deveu-se ao novo emprego do pai de Eichmann na Companhia de Bondes e Eletricidade. Foi um passo importante para a família.

Diz Cesarani que Eichmann lembrou do seu pai com carinho, mesmo admitindo que ele era um patriarca que exigia obediência. Cesarani indica que em uma de suas “memórias” Eichmann escreveu que “confessei o meu pai como a autoridade absoluta”.<sup>120</sup> Sua mãe, Maria Eichmann (Maria Schefferling), manteve-se na tarefa de cuidar da casa da família que cresceu rápido. Ainda jovem, Adolf foi acompanhado pelos irmãos Emil, Helmuth, Irmgard e Otto.

Em agosto de 1914, a Áustria e a Alemanha entraram no que se tornou a Grande Guerra. Em 1916, quando tudo parecia sombrio, Maria Eichmann morreu. Ela tinha apenas trinta e dois anos de idade. Com uma família tão grande para cuidar, o pai de Eichmann (que viveu até fevereiro de 1960) casou-se novamente. Ele era presbítero na Igreja Evangélica e foi através de uma reunião da igreja que ele conheceu sua segunda esposa, Maria Zawrzal. Ela veio de uma

---

<sup>120</sup> CESARANI, 2006, p. 19.

família próspera que estava bem conectada à sociedade vienense. Alguns de seus parentes haviam se casado em famílias judias.

As experiências do jovem Eichmann dos últimos anos – mudança para Linz, morte da mãe, a guerra batendo à sua porta e o novo casamento de seu pai – não mobilizaram grandes sofrimentos para o garoto. Não há indicações de que elas tenham deixado resquícios. Ainda, não me parecem experiências insensíveis para um jovem.

O jovem Adolf Eichmann entrou na Escola Secundária Estadual Kaiser-Franz-Josef que foi a mesma escola onde estudou Adolf Hitler no período de 1900 a 1904.

Eichmann aprendeu história pelas palavras do Dr. Leopold Poetsch, que também foi professor de Hitler. Poetsch era um conhecido nacionalista alemão. O professor sempre enalteceu o povo germânico sobre todos os outros. Em 1900, na época escolar do jovem Hitler, era conhecido pelo temperamento nacionalista. É de se supor que ele não deve ter mudado de temperamento e posição no período em que Eichmann foi seu aluno, entre 1917 e 1921.

Todavia, quando completou o quarto ano (1921), Herr Eichmann o tirou da escola estadual e o colocou em uma escola profissional: *Höhere Bundeslehranstalt für Elektrotechnik, Maschinenbau und Hochbau* (Instituto Federal Superior de Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Construção Civil). Nesse percurso o jovem não foi bem-sucedido. Ele saiu da escola depois de alguns insucessos e não obteve qualificação. Herr Eichmann o levou para trabalhar no seu próprio negócio.

O jovem foi trabalhar na área de extração de óleo xisto, onde o pai tinha a participação de 51%, segundo informações de Cesarani.

Por vários meses, ele trabalhou nas diversas divisões da Companhia de Mineração Untersberg. Porém, nem pai, nem filho tiveram sucesso. O patriarca ainda tentou outros negócios, mas nenhum foi para frente.

Herr Eichmann, em mais uma tentativa, colocou o filho na empresa Electrotech. Ele ficou lá por dois anos e meio. Por insistência de seu pai, dedicou-se como vendedor especializado em rádios, a inovação tecnológica do momento. Mas Eichmann parecia escorregar, seu sucesso ficava longe da sua realidade. E, mais uma vez seu pai decidiu sobre um outro movimento. E Eichmann acatou, confirmando sua “autoridade absoluta”.<sup>121</sup>

Herr Eichmann notou em um anúncio de jornal vagas para um cargo como representante de vendas para a *Vacuum Oil Company* (Companhia de Petróleo a Vácuo). A madrasta de

---

<sup>121</sup> CESARANI, 2006, p. 19.

Eichmann usou uma ligação familiar para facilitar o caminho. Ela tinha um primo em Viena, Dr. Friedrich von Haymerke, que era amigo do presidente da empresa, Herr Weiss.<sup>122</sup>

Não pareceu que fizesse alguma diferença que Friedrich tivesse ligações com judeus pelo casamento, e que Herr Weiss fosse judeu e, nem tampouco, que estivessem buscando um favor de um judeu. Sem hesitar, os Eichmann se utilizaram das ligações sociais com os judeus em benefício do jovem Eichmann e da família.

Eichmann viajou a Viena para a sua entrevista de emprego. Lá foi recebido por um executivo, Herr Popper, que também era judeu.

O executivo considerou que, embora ele fosse jovem demais para a vaga, havia sido indicado pelo presidente da empresa, e guardava instruções para sua contratação.

Assim, em 1925, aos 19 anos, Eichmann estava trabalhando na *Vacuum Oil Company*.

Sobre esse período profissional Eichmann registra no “Relato Autobiográfico”, escrito à mão em 1939 para conquistar uma promoção na SS, que:

Trabalhei durante os anos de 1925 e 1927 como vendedor da Companhia Elektrobau austríaca. Deixei essa posição de livre e espontânea vontade porque a Vacuum Oil Company de Viena me ofereceu uma representação no Norte da Áustria.

(EICHMANN, apud. ARENDT, 1999, p. 22)

Como vimos acima, não se tratou de uma oferta, mas um arranjo de sua madrastra.

Arendt destaca a respeito desse episódio que: “Eichmann ficou adequadamente agradecido; os judeus de sua família estavam entre as suas ‘razões particulares’ para não odiá-los” (ARENDT, 1999, p. 22).

## 4.2. O Partido Nazista

Cesarani indica que Adolf Karl,<sup>123</sup> o pai de Eichmann, não teve filiação partidária. Todavia, Stangneth informa que, na verdade, era um nazista comprometido, tendo entrado para

---

<sup>122</sup> Idem, p. 23.

<sup>123</sup> Após o fim da guerra, em 1945, surgiu alguma confusão acerca dos nomes próprios de Eichmann, e persistiu teimosamente ao longo dos anos. Seu nome é, no entanto, claramente verificável. Aparece não apenas em sua certidão de nascimento (BA Koblenz, All. Proz. 6/236), mas também em documentos oficiais da era nazista – por exemplo, nos registros do Escritório Central de Raça e Assentamento (BA Berlin-Lichterfelde, BDC, RuSH recorde Adolf Eichmann). O nome Karl foi o resultado de uma confluência de seu nome com o de seu pai. O pai de Eichmann, que estava na lista telefônica de Linz, também era membro do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). O nome de Eichmann também foi mencionado em Israel no mesmo fôlego de

o NSDAP no final dos anos 1930. Fato que corrobora a indicação de Eichmann de que “O meu pai sempre teve um ouvido aberto para ideias nacionalistas”<sup>124</sup>

Ainda, nas revelações posteriores à morte de Eichmann, sabe-se que em algum momento da década de 1930 o pai acompanhou o filho ao Partido Nazista. Mais um fato que indica que Adolf Karl Eichmann apoiava a participação do filho no movimento nazista.

Adolf Karl foi colega de trabalho de Hugo Kaltenbrunner, um advogado e nacionalista alemão ardente. As ideias do colega sobre os judeus se expressam na afirmação de que “judeus são um ‘corpo estranho’ no organismo nacional alemão”.<sup>125</sup> Ernst Kaltenbrunner, seu filho, foi ativo em grupos de estudantes de direita e milícias na década de 1920 e, quando estes não se mostraram suficientemente radicais, juntou-se aos nazistas. Ernst Kaltenbrunner foi fundamental para levar Adolf Eichmann para o partido.

Essas informações não foram trazidas por Eichmann ao julgamento em Jerusalém. Seriam opostas à sua linha de raciocínio e tentativa de convencimento. Mas, por outro lado, Eichmann relatou no julgamento que em sua infância tinha um amigo judeu, Mischa Sebba. O pai de Sebba administrava uma farmácia na cidade e sua mãe possuía um salão de beleza. Eles visitavam as casas um do outro regularmente e Eichmann permaneceu em contato com Mischa até 1931. Eles encontravam-se para passear mesmo depois que Eichmann se juntou ao Partido Nazista.

Esta amizade é a evidência de que o jovem Eichmann não era particularmente solitário ou impopular na sua infância, nem tampouco que o “ódio aos judeus” era uma bandeira naquele momento. Contudo, indica apenas que qualquer antissemitismo não se sobrepunha à convivência familiar.

Outro amigo de infância foi Friedrich von Schmidt, cujo pai tinha sido um marechal de campo no exército austro-húngaro e cuja mãe era uma condessa. Embora a família von Schmidt houvesse decaído com a dissolução do império austríaco, a amizade dos dois rapazes mostra que Eichmann não foi marginalizado. O menino de classe média foi considerado um companheiro adequado para o filho da nobreza.

Por intermédio de seu amigo aristocrático Friedrich von Schmidt, Eichmann foi convidado à *Deutsche-Osterreichischen Frontkämpfer-Vereinigung* (Associação Alemã-Austríaca da Frente de Combate), uma associação nacionalista de veteranos de guerra

---

seu pai (Adolf, filho de Karl Adolf Eichmann), e assim o mal-entendido persistiu. Não incomum para um filho mais velho, Eichmann foi nomeado após seu avô paterno. (Cf. STANGNETH, 2015, p. 427)

<sup>124</sup> CESARANI, 2006, p. 26.

<sup>125</sup> Idem, p. 33.

antissocialista. Os pertencentes a essa associação formavam o grupo “Jovens Veteranos”, realizavam desfiles de rua e participavam de comícios nos quais o “marxismo judaico” e os “bolcheviques judeus” eram rotineiramente condenados. Nesse grupo, Eichmann aprendeu a marchar e a atirar.

Ele afirmava que havia se juntado principalmente a eles porque ele era contra o tratado de Versalhes e queria restaurar a honra e o lugar da Alemanha no mundo. Stangneth destaca que por inúmeras vezes Eichmann faz referência à frase popular sobre a “vergonha de Versalhes”. Mas em seu relato de 1956, na Argentina, ele é mais específico a respeito da derrota. “Talvez eu já fosse um adepto do pensamento nacional-socialista antes de entender e compreender adequadamente a desonra de Versalhes”.<sup>126</sup>

Cesarani cita o historiador do nazismo Bruce Pauley, que define o movimento como “claramente antissemita”. O líder, o coronel Hermann von Hiltl, odiava os judeus.

Eichmann estava cada vez mais deslumbrado com os nazistas. No final de 1920 sua leitura eram os jornais do Partido Nazista. Nos seus horários de lazer lia o *Linzer Tagepost*, o *Linzer Volkstimme* e o *Völkische Beobachter*, que traziam histórias sobre o heroísmo dos homens que lutavam com bolcheviques nas ruas da Alemanha. É de se destacar que Goebbels foi um dos editores do *Völkische Beobachter*.<sup>127</sup>

Em 1930, a título de ilustração do seu envolvimento com o antissemitismo, Cesarani nos conta do relacionamento de Eichmann com a filha de um policial, quando ele contava vinte e quatro anos. O envolvimento faz referência ao seu status social herdado das boas relações da sua família e, também da submissão à ideologia que ele abraçava. A jovem era de uma família de classe média, seu pai era um oficial de prestígio da República da Áustria.

Esse relacionamento, possivelmente, não teria sequer iniciado não fosse pelos “dotes” de Eichmann. Neste momento seu envolvimento com os “Jovens Veteranos” era a marca do seu status. Portanto, tudo parecia sugerir que ele era um cidadão bem respeitável e um empreendedor digno para uma filha da burguesia.

No entanto, em seu livro de memórias escrito na Argentina ele registra um incidente nesse relacionamento que evidencia o processo pelo qual passava. Estavam no apartamento da família da moça, do qual se podia avistar um *pub* onde os membros do Partido Nazista e homens SA estavam reunidos. Quando a moça avistou pela janela um grupo de vinte a cinquenta

---

<sup>126</sup> EICHMANN, apud. STANGNETH, 2015, p. 386.

<sup>127</sup> Agradeço à Profa. Dra. Miriam Bettina Paulina Oelsner, quando da qualificação dessa tese, pela informação de que Goebbels não era apenas um colaborador, mas um editor da revista.

“camisas marrons” carregando uma bandeira com a suástica estampada, ela os chamou de “idiotas”. Eichmann respondeu que “esses idiotas têm ordem e disciplina. E marcham bem”.<sup>128</sup>

Pouco depois, o relacionamento foi rompido.

Não parece se tratar apenas do rompimento de um relacionamento baseado na divergência de ideias, mas algo mais forte e intenso. O desfecho sugere que Eichmann passava por um período de transição. Ainda que a formação nacionalista e as influências antisemitas estivessem sendo temperadas com as suas origens familiares, a perspectiva de uma vida social elevada concorria dentro dele.

A moça, ao denigrir os “camisas marrons”, atingiu Eichmann.

De outro lado, o amigo Kaltenbrunner tinha Eichmann em alta estima, dizia que ele já estava em sintonia com o pensamento nazista e que, portanto, devia ser um deles.

Eichmann concordou.

Em 1º de abril de 1932, Eichmann se tornou um membro do Partido Nazista. Seu número, indica o biógrafo inglês, foi 899.895. A filiação à SS foi formalizada sete meses depois, quando ele foi empossado e registrado sob o número SS 45326.

Eichmann não entrou para o Partido Nazista porque ele estivesse desempregado, como 12% da população. Ele tinha um bom emprego e uma renda estável que permitia a ele sustentar-se, mas que não o tornava um burguês.

Entretanto, na visão de Arendt, Eichmann não entrou para o Partido por convicção, nem jamais se deixou convencer por ele. As razões que usava para indicar sua adesão repetiam os clichês sobre a vergonha de Versalhes e o desemprego. E, em seu depoimento no tribunal, enfatizou: “foi como ser engolido pelo Partido contra todas as expectativas e sem decisão prévia. Aconteceu muito depressa e repentinamente”.<sup>129</sup> Arendt aponta para uma ansiedade pelo trabalho e, por isso, nem teve tempo “e muito menos vontade de se informar adequadamente, jamais conheceu o programa do Partido, nunca leu *Mein Kampf*”.<sup>130</sup>

Todavia, demonstrando sua superioridade em relação aos demais, Eichmann se gabou dizendo que poderia até mesmo pagar para ter seu uniforme SS, feito sob medida.

Quando estava no quartel-general nazista em Linz, ele tratou seus companheiros mais pobres com pães e cerveja. Como ele mesmo recordou mais tarde, “eu era um dos poucos que tinha trabalho e era bem pago”.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> CESARANI, 2006, p. 30.

<sup>129</sup> ARENDT, 1999, p. 24.

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> CESARANI, 2006, p. 24.

Arendt aponta para o divisor de águas na carreira de Eichmann. O vendedor da empresa de óleo e o Nazista. A filósofa destaca que

[...] em seu interrogatório em Jerusalém, Eichmann não disse ao juiz presidente que ele havia sido um jovem ambicioso e que não aguentava mais o emprego de vendedor viajante antes mesmo de a *Vacuum Oil Company* não aguentá-lo mais.

(ARENDR, 1999, p. 24)

A vida rotineira, sem expressão, posso dizer, sem glamour, era acossada por um movimento crescente e, alguém como ele — cujos trabalhos não possibilitavam o sucesso que almejava — podia começar de novo e, ainda, construir uma carreira de sucesso.

Alguma coisa parecia se “organizar” na mente de Eichmann. O jovem que não se encontrava nos trabalhos pelos quais passava ia encontrando uma possibilidade no movimento nazista. Não se pode negar que os insucessos profissionais, sobretudo porque eram direcionados pelo pai, não causavam qualquer estrago dentro da mente de Eichmann.

Vimos que o ambiente sócio cultural, desde os tempos de Karl Adolf Eichmann — a formação escolar e o nacionalismo intenso — parecem construir argumentos que se colocam na mesma mesa de discussão a respeito de uma psicopatologia de Adolf Eichmann. Além disso, a negação do ódio aos judeus, tão afirmada por ele em Jerusalém, se opõe, da mesma forma, a essa formação cultural construída em Linz.

Todavia, podem ter havido outras razões associadas que impulsionaram sua caminhada. Vingar a humilhação de Versalhes, ou outra de cunho pessoal que tenha ganhado voz e ação naquela; atacar a ameaça comunista; desfrutar de camaradagens com os homens de pensamento similar; marchar, usar um uniforme bonito. Enfim....

Ele começou em um escritório que lidou com questões menores, em um canto do segundo escalão da agência do Partido Nazista. Em seus primeiros tempos de partido Nazista, obteve uma formação para a SS em Klosterlechfeld e Dachau. Nesses campos foi imbuído de conceitos nazistas e do que viria a ser a “questão judaica”. Adolf nunca se opôs ao que estava sendo dito, nem ao que via. Pelo contrário, seus arquivos pessoais da SS indicam que ele era um aluno adepto e um excelente Nacional Socialista.

Eichmann cresceu rapidamente.

Seu primeiro chefe foi Gregor Schwartz-Bostunich, que supostamente lhe transmitia conhecimentos especializados sobre maçons, judeus, seitas subversivas e bolchevismo.

Certa ocasião, um visitante ficou impressionado com o trabalho de Eichmann. Era o SS *Untersturmführer*<sup>132</sup> Edler von Mildenstein, um nazista nascido na Boêmia que fora contratado por Heydrich para desenvolver um escritório especializado em assuntos judaicos.

Mildenstein perguntou se ele estava interessado em um novo emprego.

O oficial impressionou Eichmann com a perspectiva de um novo movimento. Eichmann descreve Mildenstein como um “homem aberto, jovem e amigável” que não latia como os outros policiais.<sup>133</sup>

Eichmann aproveitou sua chance: "Fiquei feliz em trocar o monótono trabalho no museu por outro, e eu disse que aceitava".<sup>134</sup> Ele se juntou à equipe de Mildenstein possivelmente para escapar da monotonia de triagem dos Maçônicos, mas também sabia que estava se juntando ao trabalho da guerra ideológica contra os judeus.

Edler von Mildenstein orientou seu pupilo a se aprofundar na história do movimento sionista. Era importante saber sobre a estrutura e a atividade do movimento. Eichmann obedeceu. Descreve Cesarani que “ele estava muito feliz por ter escapado das tarefas 'mecânicas', da ordenação de cartões de maçônicos e encontrou-se neste trabalho”.<sup>135</sup>

A escolha de Mildenstein por Eichmann atestava o reconhecimento de aspirante com uma visão e temperamento para as perspectivas do trabalho. Eichmann podia não ter as qualificações escolares, mas tinha objetivos, tinha capacidade para resolução de problemas e perspectivas gerenciais, além de um nacionalismo alemão feroz baseado no orgulho racial.

O jovem, por sua vez, tinha encontrado um mentor em um homem mais velho. Eichmann parece ter seguido Mildenstein como um filho segue as orientações do pai. Aliás, como tentou fazer na sua juventude, acatando os caminhos propostos por seu pai.

Inspirado por essa admiração, Eichmann, que não falava hebraico – apenas um pouco iídiche – logo procurou aprender. Mas não foi bem-sucedido nessa empreitada. Chegou a pedir a Mildenstein a contratação de professores, o que sempre lhe foi negado.

Eichmann parecia intuir que Mildenstein reconhecia em seu interior o espírito *Volkish*. Adolf era um homem educado, racionalista e ambicioso. Confirmava, por meio de suas tarefas a afinação ao espírito do Reich. Ele era jovem, enérgico e membro da classe média da sociedade alemã e, sobretudo, era portador de uma visão política alinhada aos interesses do Partido.

---

<sup>132</sup> Para as traduções e termos correspondentes das patentes do Exército Nazista e da SS em português, conferir tabela ao final deste trabalho, em Anexos.

<sup>133</sup> CESARANI, 2006, p. 43.

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> Idem, p. 47.

Nesse perfil desejado pelo sistema estava a experiência da consequência da Grande Guerra. Eichmann, como aponteí acima, não viu apenas a derrota da Alemanha, mas a transformação em sua família após a morte da mãe. Portanto, podem-se intuir sentimentos hostis associados às velhas elites que levaram a Alemanha à derrota e uma suposta (pois não se registra nas biografias) melancolia.

Em 1933 o partido não tinha qualquer política específica para com os judeus. Uma “limpeza” nos serviços públicos é uma das primeiras iniciativas do partido. Uma das primeiras ações de Hitler foi a exclusão dos judeus do serviço público (que na Alemanha compreendia todos os postos de professor, desde a escola primária até a universidade, e a maior parte dos ramos da indústria de entretenimento, inclusive o rádio, o teatro, a ópera e os concertos) e a sua remoção de postos públicos<sup>136</sup>

Posteriormente os judeus foram considerados entre os inimigos do partido e por isso foram ostensivamente vigiados pelo SD.<sup>137</sup>

Desde 1933 várias medidas antijudaicas se somavam a fim de romper o “poder” dos judeus, até que os objetivos da política foram resumidos: “A solução da questão judaica só poderá se dar por uma total ‘desjudificação’ da Alemanha.” Isso, porém seria possível “através da emigração sionista”.<sup>138</sup>

Durante 1936 Eichmann escreveu vários relatórios sobre a Agudas Israel, uma associação de judeus ortodoxos, e várias organizações sionistas. As tarefas ordenadas por Mildenstein davam frutos. Ele investigou o funcionamento das organizações comunitárias judaicas, saindo sem o seu uniforme nazista para visitar seus escritórios e observar as suas atividades.

Em um artigo sobre “O Problema Judaico”, que Eichmann escreveu para colegas agentes da SD no início de 1937, ele apresentou os judeus como uma nação, mas unidos apenas pelo dinheiro. Enfatizou que eles eram “o eterno inimigo do Nacional Socialismo”. E conclui seu relatório dizendo que, para livrar a Alemanha dos judeus, era essencial promover a emigração, mas os judeus só emigrariam se a base econômica da vida judaica na Alemanha fosse destruída.<sup>139</sup>

---

<sup>136</sup> ARENDT, 1999, p. 27

<sup>137</sup> *Sicherheitsdienst*, (Serviço de Segurança).

<sup>138</sup> CESARANI, 2006, p. 51.

<sup>139</sup> Idem.

A imagem aqui retratada poderia indicar um Eichmann como um pesquisador sério das questões sionistas. Porém, outra impressão é explorada por Stangneth. Ela afirma que Eichmann usava os livros para apoiar suas teorias, contrariando as intenções dos autores. A distorção das informações foi uma marca na vida de Eichmann. O nazista que encontramos em Jerusalém é uma visão distorcida daquele que as biografias vão revelando.

### 4.3. Deportação e extermínio

Algumas diretrizes foram divulgadas em 1937, e elas ordenavam uma posição dos homens em ação:

A luta contra os judeus é, desde o início, um princípio básico do nacional-socialismo. A questão judaica é para o nacional-socialismo não apenas uma questão política ou religiosa, mas também racial.

(apud. CESARANI, 2006, p. 72)

Com isso Eichmann passava mais tempo “no campo”, frequentando reuniões sionistas e descobrindo sobre a emigração da Alemanha para a Palestina. Buscou aproximar-se de modo a fazer dos judeus seus informantes. Esforçou-se para ler jornais judeus publicados na Alemanha e no exterior e livros sobre o tema. Estava absolutamente envolvido com o cotidiano sionista.

Ele também participou de interrogatórios que foram realizados na sede da Gestapo. Entretanto, em Jerusalém, Eichmann declarou que o SD era exclusivamente uma organização de inteligência e que não se prestava a interrogatórios violentos.

Em 1938 o Escritório Central de Emigração Judaica iniciou suas atividades no Rothschild Palais.<sup>140</sup>

O “Escritório Central” era dirigido pela Gestapo. Eichmann havia definido que

[...] a partir de agora nenhum outro escritório pode distribuir qualquer tipo de permissão aos judeus [...] A Comunidade Religiosa Judaica em Praga [...] garante a Herr Eichmann que 250 judeus por dia irão ao Escritório Central para pedir permissão para emigrar.

(STANGNETH, 2015, p. 19)

---

<sup>140</sup> Uma enorme construção que pertenceu à família judia Rothschild.

Esse número era um grande problema. Gerou entre os judeus o desespero. Para o que Eichmann afirmou: “Tenho certeza de que todo judeu encontrará algum modo de emigrar quando for preso duas ou três vezes”. O objetivo era gerar a decisão pela sobrevivência saindo do país.<sup>141</sup>

Começava aqui a construção de uma imagem de terror associada a Eichmann que se confundia com as ações nazistas e que foi relatada tantas vezes pelas testemunhas em Jerusalém. Várias histórias foram contadas sobre essa imagem aterrorizante de Eichmann. Ele parecia se alimentar disso.

Ao mesmo tempo, colocava-se como o negociador com os líderes judaicos. Não se sabia o que esperar do nazista: negociador ou aterrorizador.

Em Jerusalém, uma testemunha da acusação, dr. Franz Meyer, antigo membro da Executiva da Organização Sionista na Alemanha, confirmou a história de Eichmann de que oferecia aos judeus um tratamento de cooperação. Diz ele que em Berlim, no período de 1936 a 1939, os funcionários judeus podiam “encaminhar reclamações e pedidos”. Continua dizendo em seu depoimento que “íamos pedir alguma coisa, e havia momentos em que ele pedia coisas para a gente”; nessa época, Eichmann estava “nos escutando genuinamente e tentava sinceramente entender a situação”; seu comportamento era “bastante correto” — “ele costumava me chamar de ‘senhor’ e me convidava a sentar”.<sup>142</sup>

Isso tudo trouxe prestígio para ele, o escritório ficou conhecido como o “modelo de Viena”. O escritório central era o protótipo dos conselhos judaicos, utilizando-os para os fins da implementação da política do SD. Entretanto, o terror era uma parte vital do processo. Um modelo que se aplicaria repetidas vezes.

Eichmann se gabava de qualquer coisa que parecesse plausível para o engrandecimento de sua imagem: seus laços genuinamente íntimos com os mais altos poderes da Hungria; seu contato indireto com os poderes do Terceiro Reich; seu acesso a tudo, desde uma “aeronave pessoal” até o controle direto das câmaras de gás em Auschwitz. “Eu sou um cão de caça!”, “Eu colocarei os moinhos de Auschwitz moendo!”, “Eu te darei os judeus que você quer”, “Sangue por bens”, “Eu informarei Himmler”, “Eu acabarei com toda a sujeira judaica de Budapeste”. Qual era o vetor que orientava essas ações em duas direções?<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Apud. STANGNETH, 2015, p. 19.

<sup>142</sup> Apud. ARENDT, 1999, p. 43.

<sup>143</sup> Apud. STANGNETH, 2015, p. 49.

Eichmann orgulhosamente mostrava aos visitantes do Escritório Central as suas ações, juntamente com o número de judeus agredidos, humilhados e empobrecidos forçados a ir para o exterior para trabalhar como empregadas domésticas e buscar refúgio em outros cantos do mundo.

Bernhard Lösener<sup>144</sup> escreveu uma descrição do Escritório.

O escritório principal foi no Rothschild Palais. As esplêndidas salas antigas e os corredores dos vários escritórios através dos quais os emigrantes tinham de passar estavam apinhados de judeus que partiam ou queriam partir. Eu não tive coragem de me aproximar deles porque também me senti sob vigilância de Eichmann. Mas ele percebeu como as pessoas reagiam à aparência de Eichmann. Nos corredores cheios, as mulheres puxavam seus filhos para o lado, horrorizados, assim que viram Eichmann, que passava casualmente por um corredor vazio, empurrando para o lado os infelizes humanos que esperavam.

(LÖSENER, apud. CESARANI, 2006, p. 68)

Lösener também visitou o escritório da IKG (*Israelitische Kultusgemeinde*, ou Comunidade Israelense) para ouvir relatórios sobre as operações.

Na minha chegada, vi um número de judeus sentados em várias cadeiras onde eles claramente esperavam por mim por horas a fio. Quando entramos, eles imediatamente saltaram; eles eram as pessoas encarregadas de vários assuntos da comunidade judaica de Viena. Eichmann apontou rapidamente cada um pelo nome, disse-me com igual rapidez que área eles iriam relatar; eles então imediatamente transmitiram suas informações como animais treinados. A expressão de um medo mortal justificável podia ser lida em cada face.

(LÖSENER, apud. CESARANI, 2006, p. 68)

Entretanto, a selvageria implantada por Eichmann teve uma resposta da população que acabou por gerar um embaraço para o regime nazista em Berlim. Poucos dias depois, Heydrich queixou-se a Josef Bürckel, o comissário do Reich para a unificação da Áustria e da Alemanha, sobre a “indisciplina”. Logo o aparato de segurança conseguiu sufocar os “excessos” dos

---

<sup>144</sup> Bernhard Lösener (27 de dezembro de 1890 - 28 de agosto de 1952) foi advogado e especialista judeu no Ministério do Interior do Reich. Juntamente com Wilhelm Stuckart, ele ajudou a redigir as Leis de Nuremberg, entre outras leis que privaram os judeus alemães de seus direitos e, finalmente, levaram à sua deportação para campos de concentração.

cidadãos. Mas o partido continuou sua maratona voraz e apenas canalizou a alucinação antijudaica para certas direções, como a apreensão de apartamentos onde os judeus viviam.<sup>145</sup>

Eichmann reunia a capacidade para escolher seu pessoal. Seu vice, Rolf Günther, era um veterano nazista que tinha entrado no AS (*Sturmabteilung*)<sup>146</sup> em 1929, quando tinha apenas 16 anos de idade. Ele foi totalmente dedicado ao seu trabalho. De acordo com Eichmann, “Ele era alguém que não tem uma disposição sociável – ele não fumava nem bebia ou ia a qualquer local de entretenimento”.<sup>147</sup> Mais importante, ele era totalmente leal a Eichmann, confiava nele completamente. Günther manteve o registro estatístico do genocídio. Esse progresso foi exibido na forma de um grande gráfico que dominava uma parede de seu escritório

É nesse período que se pode verificar Eichmann experimentando o poder real pela primeira vez. Ele era o executivo da “desjudificação” e gozava do controle ditatorial sobre os judeus infelizes.

‘Amanhã inspecionarei novamente o escritório da comunidade judaica e dos sionistas: faço isso toda semana pelo menos uma vez. Eu os tenho completamente em minhas mãos, eles não ousam dar um passo sem primeiro me consultar. É assim que deve ser, porque então um melhor controle é estabelecido’, disse isso a Hagen.

(EICHMANN, apud. CESARANI, 2006, p. 363)

Eichmann gabava-se de seu sucesso. Em suas memórias escritas na Argentina indica que havia chegado “às primeiras páginas da imprensa internacional, alcançando o tipo de fama que muitas pessoas ainda sonham hoje”. Acrescenta: “Nesse período de paz antes de 1939, o número de artigos sobre mim na imprensa estrangeira era tão grande que Wurm, do *Der Stürmer* (ex-professor), os recolheu e os deu a mim como um presente”.<sup>148</sup>

Outra iniciativa que veio a contribuir para o enaltecimento de sua carreira aos olhos de seus superiores – e principalmente os seus – foi a elaboração de um mecanismo de financiamento para as deportações.

A emigração imposta aos judeus foi um negócio caro para as famílias. Eles tinham que pagar todos os seus impostos e limpar todas as suas dívidas antes de deixar o país legalmente. Mas nem todos tinham condições para isso.

---

<sup>145</sup> CESARANI, 2006, p. 64.

<sup>146</sup> Era a força paramilitar do Partido Nazista. Ela desempenhou um papel significativo na ascensão de Hitler ao poder.

<sup>147</sup> Apud. CESARANI, 2006, p. 127.

<sup>148</sup> STANGNETH, 2015, p. 15.

Então, Eichmann providenciou que os fundos da comunidade judaica e dos judeus individuais, todos congelados, fossem colocados à disposição do *Zentralstelle* (escritório Central de Emigração Judaica). Dessa forma, os “judeus ricos” pagavam pelos pobres e os nazistas se livrariam de todos.

Ainda, este confisco “legalizado” se estendia às quantias que vinham das comunidades judaicas da Grã-Bretanha e EUA. Todo o dinheiro deveria ser centralizado no *Zentralstelle*.

Neste último caso, a “legalização” se dava na troca da moeda. A taxa para a conversão era um verdadeiro roubo. Mas se houvesse reclamações, Eichmann oferecia uma alternativa à emigração: os campos de concentração. Mais uma confirmação da força motriz do sistema: o terror.

Em 1939, Göring criou o Gabinete Central de Emigração Judaica do Reich. Heydrich foi nomeado para chefiar o escritório e colocou sua gestão nas mãos do SS *Brigadeführer* Heinrich Müller, chefe da Gestapo.

Mas algo ainda o frustrava. Apesar do seu maior poder e responsabilidade, ainda era apenas um SS *Untersturmführer*, um segundo-tenente.

Entre 1937 e 1941, Eichmann recebeu quatro promoções: em catorze meses, passou de *Untersturmführer* para *Hauptsturmführer* (isto é, de segundo-tenente a capitão); e em um ano e meio passou a *Obersturmbannführer*, ou tenente-coronel. Isso aconteceu em outubro de 1941, logo depois de lhe ser atribuído o papel na Solução Final que acabaria por levá-lo à Corte Distrital de Jerusalém.<sup>149</sup>

Uma delegação, liderada por Heinrich Stahl,<sup>150</sup> viajou de Berlin à Viena para encontrar-se com Eichmann. Eles ficaram estupefatos com o que viram no Rothschild Palais:

O salão principal cheio de judeus amedrontados e desesperados, as mesas em que a propriedade, riqueza e direitos foram trocadas por pedaços de papel, cujo único valor era permitir o portador de sair da Áustria. Não era uma linha de montagem, mas uma linha de desmontagem: homens profissionais, proprietários, famílias, tudo surgiu despojado e quebrados, suas vidas anteriores em pedaços.

(STAHL, apud. CESARANI, 2006, p. 73)

---

<sup>149</sup> ARENDT, 1999, p. 43.

<sup>150</sup> Heinrich Stahl foi presidente da Comunidade Judaica de Berlim de 1933 a 1940.

De acordo com um membro da delegação: “Percebemos que esta instituição não levaria a lidar com a emigração ordenada, mas para deportação”.<sup>151</sup>

Mas o mesmo Dr. Franz Meyer, que em seu depoimento havia afirmado o bom tratamento dispensado pelo nazista antes de 1939, afirmava que, a partir daquele ano, tudo isso havia mudado. Eichmann os recebia sentado em sua grande sala no andar térreo do Palácio Rothschild, reconhecível, é claro, mas completamente mudado:

Imediatamente eu disse a meus amigos que não sabia se estava diante do mesmo homem. Era tão terrível a mudança [...] Ali estava um homem que se comportava como se fosse senhor da vida e da morte. Ele nos recebeu com insolência e grosseria. Não nos deixou chegar nem perto de sua mesa. Tivemos de ficar de pé.

(MEYER, apud. ARENDT, 1999, p. 43)

A promoção de Eichmann, o poder nele reconhecido, o haviam transformado.

Em 01 de setembro de 1939 a Alemanha invadiu a Polônia.

Com essa nova posição em sua carreira o trabalho de Eichmann estava prestes a mudar fundamentalmente: cumprir a visão de Hitler para o território ocupado.

Durante outubro de 1939, Eichmann e sua equipe foram responsáveis pela deportação de milhares de judeus da Alemanha, Áustria e terras checas para a Polônia, para um lugar minúsculo chamado Nisko.

A operação foi uma iniciativa de Eichmann que atendia a duas missões: cumprir as ordens de Hitler e impressionar os seus chefes.

Eichmann queria encontrar algum território para os judeus; isso associa-se não só aos propósitos nazistas, mas à perspectiva de sua carreira. Arendt argumenta que

[...] o plano Nisko ‘nasceu’ durante a época de seu rápido progresso, e é mais do que possível que ele se considerasse futuro governador-geral de um ‘Estado Judeu’, como Hans Frank na Polônia, ou futuro Protetor, como Heydrich na Tchecoslováquia.

(ARENDT, 1999, p. 49)

A forma pela qual Eichmann tentava tornar as deportações convincentes baseava-se na linguagem e no imaginário de esquemas voluntários de restabelecimento sionista. Eichmann

---

<sup>151</sup> CESARANI, 2006, p. 73.

dizia aos deportados: “O Führer prometeu aos judeus uma nova pátria”,<sup>152</sup> aproveitando-se da história judaica pela busca de um lugar próprio.

A promessa de Nisko não se realizou. Não havia nada lá, muito menos alguém para ajudar os deportados. Não havia nenhuma construção, não havia água. Os poços na área do leito estavam infestados: cólera, disenteria e febre tifoide eram certas.

Eichmann conseguiu o que queria para sua missão pessoal. A deportação aconteceu. A linguagem do “reassentamento” e a negociação por meio do argumento sionista de “soluções territoriais”, um retorno à terra e a formação de “colônias” autogovernadas. Uma miragem para os judeus.

A sua “perícia” lhe trouxe recompensas e promoções junto aos seus superiores, além de tarefas ainda maiores.

Em seu julgamento, mantendo seu raciocínio adequado à ideia de ser o bom nazista, Eichmann afirmou que apenas tinha sido envolvido na organização de “horários” para os trens “evacuação”.<sup>153</sup>

No entanto toda a “experiência de deportações e destituição de posses” se repetiram. Os deportados foram levados para a estação ferroviária mais próxima em caminhões do Exército, sob a guarda da polícia, e depois empurrados para dentro vagões de gado. As viagens de trem duraram até três dias e nunca havia condições adequadas de saneamento, água ou alimentos nos vagões. As fugas foram impedidas pela polícia e grandes destacamentos de milícia foram organizados entre os alemães étnicos. Muitos morreram no caminho.<sup>154</sup>

Em meados de agosto de 1940, Eichmann preparou uma proposta detalhada e confiável; um documento rico em detalhes, que na verdade foi escrito por Dannecker, que abrangia judeus no Grande Reich, Polônia ocupada, o Protetorado, Bélgica, França, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca, Noruega e Eslováquia – um total de 4 milhões: o plano Madagascar.

A descrição das etapas preparatórias assemelhava-se aos procedimentos já empregados em exercícios de deportação anteriores. Dois navios por dia deixariam a Europa, cada um carregando 1.500 judeus, embora isso dependesse do livre trânsito. Assim a RSHA<sup>155</sup> tinha que ter um papel na negociação de qualquer paz com as partes derrotadas.

Eichmann novamente se utilizou da linguagem do movimento sionista, descrevendo que os primeiros imigrantes judeus, os “pioneiros”, seriam aqueles que construiriam tudo, a partir

---

<sup>152</sup> CESARANI, 2006, p. 79.

<sup>153</sup> ARENDT, 1999, p. 94.

<sup>154</sup> CESARANI, 2006, p. 74.

<sup>155</sup> *Reichssicherheitshauptamt*, Gabinete Central de Segurança do Reich, era um órgão do Partido Nazista que controlava as polícias do Reich.

do nada. Além de quaisquer ferramentas para a prática de seus ofícios, os judeus não poderiam levar mais de 200 quilos de "bagagem não volumosa". Toda a operação estaria sob a supervisão do aparato de segurança da SS.<sup>156</sup>

O plano de Madagascar repercutiu vigorosamente entre as agências de reassentamento e nos territórios orientais ocupados, embora fosse óbvio para todos que era impraticável, pelo menos durante a guerra com a Grã-Bretanha. A decisão de Hitler em 14 de setembro de 1940 pelo “adiamento” da invasão da Inglaterra condenou a “solução” a Madagascar.

É notável a base sobre a qual tal ideia foi planejada. Não se mediu a impossibilidade desse transporte, a menos que o plano se sustentasse num pensamento onipotente, o qual, obviamente, não levava em consideração o fato de que muitos morreriam no caminho. Além disso, a comunidade internacional teria provas dos maus tratos aos judeus, sobretudo pelo fato de que a transferência para uma ilha primitiva, sem a infraestrutura ou recursos para apoiá-los, seria um túmulo e não um novo “lar”.

Em setembro de 1941, Eichmann organizou suas primeiras deportações em massa da Alemanha e do Protetorado, de acordo com um “desejo” de Hitler, que pediu a Himmler que tornasse o *Reich Judenrein* (limpo dos judeus) o mais depressa possível.

Segundo informações de Arendt, o primeiro carregamento continha 20 mil judeus do Vale do Reno e 5 mil ciganos.<sup>157</sup>

Eichmann, que era uma pessoa absolutamente obediente e fiel ao Führer, que tinha dificuldades em tomar decisões próprias e que, quando as tomava, procurava estar coberto por ordens – as quais nesse caso tinha em mãos – agora, pela primeira e última vez, tomava uma iniciativa contrária às ordens. Em vez de dirigir o carregamento para o território Russo, Riga ou Minsk, onde os judeus teriam sido fuzilados imediatamente pelos Einsatzgruppen,<sup>158</sup> ele enviou o transporte para o Gueto de Łódź, onde sabia que ainda não havia sido feita nenhuma preparação para o extermínio.

Porém, o encarregado do Gueto, Friedrich Uebelhör,<sup>159</sup> não estava disposto a receber mais gente, nem tinha condição de acomodá-las. Ele ficou contrariado e reclamou com Himmler, dizendo que Eichmann havia enganado a ele e seus homens. Himmler, assim como

---

<sup>156</sup> CESARANI, 2006, p. 86.

<sup>157</sup> ARENDT, 1999, p. 60.

<sup>158</sup> *Einsatzgruppen* foi um esquadrão da morte subordinado a SS, responsável por diversas execuções em massa.

<sup>159</sup> Friedrich Uebelhoer ocupou o cargo de *Brigadeführer* no *Schutzstaffel* (Tropa de Proteção). Em Łódź ele ordenou a construção do gueto judeu, em 10 de dezembro de 1939. Foi demitido de seu cargo como governador de Łódź em dezembro de 1942 depois de ser acusado de desfalque por Arthur Greiseler. As acusações não foram comprovadas. Uebelhoer desapareceu nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial e permaneceu desaparecido. Ele foi declarado legalmente morto em 1950.

Heydrich, protegia Eichmann, e o incidente foi logo perdoado e esquecido. Esquecido, em primeiro lugar, pelo próprio Eichmann, que nunca o mencionou, nem no depoimento à polícia, nem em suas várias memórias.

O episódio poderia ser um argumento que ajudaria a corroborar sua tese de que não nutria ódio pelos judeus; no entanto, ele o esqueceu. Em seu interrogatório, contudo, no intento de defender tal tese, por várias vezes trouxe depoimentos relativos ao seu bom relacionamento com os judeus.

O que atesta em seu julgamento é que não tinha qualquer óbice ao relacionamento e convivência com judeus. Isso fica demonstrado pela proximidade familiar com os amigos judeus da infância e os parentes judeus que lhe fizeram favores. Cabe ressaltar o episódio que envolveu a filha do casal que lhe dera o emprego na empresa de óleo. Por volta de 1943, durante os massacres nos campos de concentração, ela o procurou e obteve a emigração para a Suíça.

Diz Eichmann em seu julgamento:

Só menciono isso para demonstrar que pessoalmente não tinha ódio dos judeus, pois toda a minha formação por parte de pai e mãe foi estritamente cristã; minha mãe, devido a seus parentes judeus, tinha opiniões diferentes das que eram correntes nos círculos da SS.

(EICHMANN, apud. ARENDT, 1999, p. 22)

Durante uma deportação no final do verão de 1943, Helga Weissová-Hoskova observou as condições às quais eram submetidos os judeus em Theresienstadt. A jovem checa relata em seu diário, que foi posteriormente publicado, o cotidiano dos judeus no gueto.

A Gestapo grita e bate nas pessoas, fechando a rua. [...] Há, carregando macas, carrinhos de duas rodas com cadáveres, bagagem. A rua que havia florescido no calor de agosto está envolta em poeira pesada e imunda. Bagagem, macas, cadáveres. É assim que acontece há uma semana... E o que há entre as bagagens, são os cadáveres? Não, um está se movendo, através da nuvem de poeira girando em torno do carrinho. Quem poderia esquecer isso! Nós o encontrávamos todos os dias na cozinha, de muletas, cegos, com uma pequena tigela na mão, bebendo um pouco de café, sopa, raspando as panelas e chaleiras que tinham comida, ou passando por pilhas de apodrecimento.

Sim, é quem é, magro, faminto, miserável, vivo, vivo em carros funerários.  
Quantos deles chegarão ao destino, quantos retornarão?

(WEISSOVÁ-HOSKOVA, 2013, p. 32)<sup>160</sup>

Em 1942, a superpopulação do gueto levou à morte cerca de 16 mil pessoas, incluindo, em setembro, Esther Adolphine (uma irmã de Sigmund Freud).

Eichmann pleiteava para si a ideia do Gueto de Theresienstadt, mas o sistema foi uma “ideia” de Heydrich. O fato é que as soluções estavam se esgotando. Não havia legislação, nem gueto que pudesse dar conta da deportação de tantas pessoas. Quando o projeto Madagascar foi declarado inexecutável, o Reich preparava-se para o passo seguinte: a única “solução” era o extermínio.

Eichmann sabia exatamente o que estava acontecendo, pois visitou Theresienstadt com frequência entre 1942 e 1944.

O relato de Eichmann sobre sua visita a Auschwitz é mais desconcertante, até porque geralmente está ligado ao testemunho e lembranças de Rudolf Höss em Nuremberg. Höss foi o comandante do campo de concentração de Auschwitz desde seu início, em janeiro de 1940, até novembro de 1943.

Em Nuremberg, Höss disse que, no verão de 1941, recebeu ordens diretas de Himmler para preparar instalações para assassinatos em massa. Himmler disse a ele: “O Führer ordenou que a questão judaica fosse resolvida de uma vez por todas e que a SS deveria implementá-la”, e continuou: “Você aprenderá mais detalhes com Eichmann do RSHA, que ligará para você no futuro imediato.” Eichmann informou-o dos transportes que estavam por chegar. “Discutimos as formas e meios de efetuar o extermínio”, que só poderia ser por gaseamento.<sup>161</sup>

Höss relata que Eichmann lhe contou sobre o método de matar pessoas com gases de escapamento de caminhões usadas no Leste. No entanto, relata Höss, esse método não seria eficiente. Eichmann, porém, decidiu tentar encontrar um gás adequado.

Em Israel, Eichmann escreveu uma nota para seu advogado de defesa dizendo “eu preciso provar que Höss é um mentiroso, que eu não tinha nada a ver com ele e suas câmaras de gás e seu campo de extermínio”.<sup>162</sup>

Durante seu interrogatório, Eichmann admitiu que Müller o enviou para Auschwitz para orientar sobre a expansão do Campo de Concentração. De acordo com Eichmann, no tribunal

---

<sup>160</sup> Weiss, Helga. *O diário de Helga*, tradução George Schlesinger, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. O diário de Helga é uma reconstrução a partir de anotações originais feitas durante a guerra.

<sup>161</sup> CESARANI, 2006, p. 102.

<sup>162</sup> Idem.

de Jerusalém, o comandante do campo, Rudolf Höss, se divertia com o desconforto de Eichmann diante do que via. Todavia, Cesarani não vê que o depoimento de Höss merecesse descrédito.

Eichmann viajou para Lublin e viu construções herméticas para o uso como instalações de gaseamento. Um capitão da polícia explicou-lhe que um motor de submarino russo seria usado para bombear o monóxido de carbono nas câmaras de gás. Eichmann também lembrou de ser notificado pelo chefe da Gestapo, SS *Gruppenführer* Heinrich Müller, sobre o uso de caminhões de gás na subdivisão administrativa criada em Chelmno, perto de Lódz, na Polônia. Em vários momentos durante a longa série de entrevistas com Sassen, Eichmann contou outras viagens onde pôde assistir o assassinato dos judeus.

O relato de Eichmann em Jerusalém sobre o tiroteio em massa em Minsk é uma expressão da negação do seu nazismo e da sua ideologia antisemita: “Em Minsk, estão matando judeus por fuzilamento. Quero que você averigüe como está sendo feito”. Ordenou Müller, mandando-o a Minsk. Ele foi e, de início parecia que tinha tido sorte, pois ao chegar “a coisa já estava quase acabada”, por assim dizer, o que o deixou muito satisfeito. “Só havia alguns atiradores mirando nos crânios de mortos numa longa cova”.<sup>163</sup>

Eichmann disse que lhe haviam dito que 5 mil judeus “receberiam o deles”. Foi até lá e assistiu, parado no frio, mesmo vestindo o casaco de couro, os judeus serem forçados a tirar a roupa e caminhar até o poço da morte. Expressa diante dos juízes que ficou “impressionado”, com a cena dos judeus andando em um ritmo constante e saltando para o fosso “sem oferecer qualquer resistência”. Em seguida, continua Eichmann, “os atiradores dispararam no buraco”. Finaliza perguntando-se diante do tribunal:

Por que essa cena demorou tanto na minha memória? Talvez porque eu tivesse filhos. Havia crianças naquele buraco. Eu vi uma mulher segurar uma criança de um ano ou dois no ar, implorando. Naquele momento, eu quis dizer: ‘Não atire, entregue a criança’. Então a criança foi atingida. Eu estava tão perto que depois encontrei pedaços de cérebro respingados no meu longo casaco de couro.

(EICHMANN, apud. CESARANI, 2006, p. 106)

Após o relato dessa cena cruel, Eichmann, em seu depoimento associa a ocasião com outro evento, este de teor diferente. Na volta de Minsk, ele teve a ideia de parar em Lwów.

---

<sup>163</sup> ARENDT, 1999, p. 57.

Relata Arendt que quando ele chegou, “viu a primeira imagem amigável depois dos horrores. Era uma estação ferroviária construída em honra dos sessenta anos de reinado de Franz Josef”.<sup>164</sup> A referência, descreve Arendt, trazia boas lembranças ao depoente, que recordava de histórias bonitas contadas pelos seus pais. Mas a oscilação, ou melhor, a ambivalência de afetos justifica-se porque a essa lembrança “agradável” associa-se outra que é relatada com mesmo tom. Ele faz referência aos judeus, parentes de sua madrasta que foram responsáveis pela indicação ao emprego na Vacuum Oil Company (Companhia de Petróleo a Vácuo). Eichmann, no mesmo contexto em que relata a crueldade em Minsk, evoca a lembrança agradável de Lwów e essa, a dos parentes judeus de sua madrasta. Evidente que poderia estar objetivando demonstrar sua afeição pelos judeus e reforçar a ideia de que era apenas um observador das atrocidades, mas deixa notar essa operação mental. Diz Arendt: “Essa imagem da estação de trem afastou todos os pensamentos horríveis”.<sup>165</sup>

Os disfarces não se resumiram aos seus pensamentos. Próximo ao fim da guerra, as condições dos campos de concentração preocupavam a comunidade internacional. O Reich não queria que isso se revelasse. Foi na ocasião de uma visita da Cruz Vermelha a Theresienstadt, em junho de 1944, que Eichmann dedicou esforços para a “maquiagem” do “acampamento”.

Para desfazer a realidade da superlotação, muitos judeus foram mandados para Auschwitz. Falsas lojas e cafés foram erguidos para encenar o “conforto” dos judeus.

Qual maquiagem seria tão convincente para que os funcionários da Cruz Vermelha garantissem que os nazistas não sofressem qualquer publicidade negativa? Ou, qual maquiagem seria capaz de encobrir o que de fato acontecia lá. Cesarani conjectura que somente a dissimulação e a covardia os fizeram declarar que tudo em Theresienstadt estava de acordo e não representava o “destino final para os judeus”. Os membros da Cruz Vermelha, após suas visitas, levavam consigo o “entusiasmo” pelo cenário que viram. A mensagem dizia que tudo foi feito em “estrita conformidade com a lei, e em acordo mútuo com ‘os judeus’, de uma maneira controlada, ‘correta’ e não-violenta”.<sup>166</sup>

Como parte da maquiagem a delegação assistiu a um filme feito no gueto em agosto de 1944, e não perceberam que a maioria dos que apareceram na filmagem já não estavam mais entre aqueles que eram prisioneiros no “acampamento”.

Sabemos, ainda, que mais de 30 mil judeus morreram ali. Mais de 80 mil sentenciados à morte pelo regime percorreram as estradas que os prisioneiros foram forçados a construir.

---

<sup>164</sup> ARENDT, 1999, p. 57.

<sup>165</sup> Idem

<sup>166</sup> STANGNETH, 2015, p. 206.

No início de 1944, Eichmann estava alheio à “Solução Final”. Berlim havia sido bombardeada e a sede da Gestapo tinha sofrido danos substanciais. Tal golpe levou Heinrich Müller a começar uma operação de descentralização da organização. Eichmann foi designado para supervisionar a construção de uma instalação perto Müncheberg.

O trabalho manual foi realizado por 235 judeus jovens do sexo masculino que Eichmann recrutou em Theresienstadt.

Como continuação dos esforços de “maquiagem”, os trabalhadores foram incentivados a escrever cartas para a família e amigos de que estavam retornando de Theresienstadt. O que esse grupo não sabia é que isso se tratava de mais um dos truques de convencimento que sempre esteve presente nas comunicações de Eichmann com os judeus.

Em janeiro de 1945, Eichmann se ocupou transformando seu escritório em uma fortaleza. Em seu interrogatório à polícia em Jerusalém, fez surgir o herói militar, colocando-se, como de fato poucas vezes o fez numa guerra: “Eu tinha o campo de escombros em torno do meu escritório em Kurfürstenstrasse<sup>167</sup>. Transformei-o em uma posição defensiva, com trilhos de bonde, armadilhas de tanques e ninhos de atiradores de elite”. E ainda, havia escavado quartos subterrâneos e os abastecidos com suprimentos.<sup>168</sup>

O ano de 1945 exigia a ocultação da evidência da “Solução Final”. Essa se tornou uma tarefa urgente. Para isso Eichmann ainda visitou várias vezes Theresienstadt para determinar o destino dos 17.500 judeus confinados.

Durante uma das visitas, Eichmann orientou o rabino Murrelstein, agora chefe do conselho judaico do gueto, sobre o que fazer com grande número de urnas contendo as cinzas de judeus cremados no local. As urnas revelariam a face por trás da maquiagem. Eichmann instruiu o rabino que os corpos deveriam ser enterrados. Murrelstein disse-lhe que não seria possível por causa do lençol freático alto, mas Eichmann se opôs. Como consequência, os corpos dos judeus que morreram nas últimas semanas da guerra foram enterrados, mas logo subiram à superfície do terreno pantanoso nas proximidades. A maquiagem escorre do rosto e revela a face.

---

<sup>167</sup> Kurfürstenstrasse 115, endereço do escritório de Eichmann (Gabinete dos Assuntos Judaicos), atualmente é ocupado por um hotel. Há um pequeno memorial num ponto de ônibus que faz referência ao escritório de Eichmann.

<sup>168</sup> CESARANI, 2006, p. 196.

#### 4.4. É o fim?

Quando a guerra já dava os sinais do seu fim e a Alemanha Nazista buscava apagar as marcas da crueldade, a maioria dos nazistas, inclusive a cúpula do Reich ia se tornando moderada. Eichmann começou a sabotar as ordens de Himmler, pelo menos até o ponto em que sentia que estaria “coberto” por seus superiores. Diz-nos Arendt: “Em todos os momentos, Eichmann fez o máximo para tornar final a Solução Final”.<sup>169</sup> Entretanto, isso não parecia estar em questão para o tribunal em Jerusalém; o que se discutia era se isso atestaria o seu fanatismo, seu ódio ilimitado aos judeus, e se ele havia mentido à polícia e cometido perjúrio no tribunal ao afirmar que sempre obedecera a ordens.

O “discurso de despedida” que Eichmann fez para os seus homens na *Kufurstentrasse* indica que ele não tinha arrependimentos. De acordo com Wisliceny, ele disse: “Eu vou rir quando eu for para a sepultura, porque eu tenho a sensação de que eu matei 5.000.000 judeus. Isso me dá grande satisfação e gratificação”.<sup>170</sup>

No entanto a versão de Eichmann, gravada doze anos mais tarde, foi diferente. Nas suas próprias palavras: “estarei de bom grado e feliz quando for para a sepultura com o conhecimento de que também comigo vão cinco milhões de inimigos do Reich”.<sup>171</sup>

Em Jerusalém, Eichmann refere-se a esse momento com mais algumas maquiagens. Repetiu a contragosto, mas com detalhes, esse momento:

Eu disse aos meus subordinados, que estavam com expressões tristes e deprimidas, que a guerra, na minha opinião, estava definitivamente perdida e não havia mais nada a ser recuperado, eu mesmo estava ansioso pelo Batalha de Berlim. Eu conhecia meu sistema de defesa, parte do qual foi projetado com muito astúcia, e para mim não havia nada de interesse no mundo a não ser lutar até o fim, e pensar apenas em encontrar minha morte nessa luta. Milhões de mulheres alemãs, crianças e idosos, milhões de soldados foram mortos nesta guerra. Durante cinco anos, milhões de inimigos assaltaram a Alemanha e milhões de inimigos também foram mortos. E eu estimo que a guerra custou cinco milhões de judeus. Agora está tudo acabado, o Reich está perdido e, se estiver tudo acabado, eu também vou pular no poço.

(EICHMANN, apud. CESARANI, 2006, p. 197)

---

<sup>169</sup> ARENDT, 1999, p. 90.

<sup>170</sup> Apud. CESARANI, 2006, p. 197.

<sup>171</sup> Apud. STANGNETH, 2015, p. 297.

Embora mais tarde ele tenha argumentado que o discurso fora feito com tristeza, a explicação mais plausível é que, em sua mente, o inimigo judeu também havia pago pesadamente pela guerra. Ele não estava exultando, nem chorava.

Berlim foi para Eichmann a “sala de espera” para o fim da guerra.

As atividades que ocuparam o nazista por tanto tempo, oferecendo a ele a sensação de cumprimento do dever e salvação para os dissabores juvenis, agora eram tomadas pela monotonia de um *status* esvaziado. Segregado pelos outros chefes de departamento do RSHA, que almoçavam sem convidá-lo para se juntar a eles, ele se mantinha ocupado com as instalações de defesa, para estar pronto para a “última batalha” de Berlim, e como único dever oficial prestava visitas ocasionais a Theresienstadt.

Diz Arendt: “Era o fim”<sup>172</sup>.

Eichmann dispensou os homens.

Com essas palavras, Eichmann teve de concluir a autobiografia que fez espontaneamente ao examinador da polícia. Ele teria gostado de continuar, e evidentemente contou o resto da história para a polícia, mas as autoridades do julgamento, por várias razões, decidiram não admitir nenhum testemunho referente ao tempo posterior ao encerramento da guerra.

A oportunidade da última batalha foi negada a Eichmann. Uma ordem de Himmler para evacuar entre 1.000 e 1.200 judeus proeminentes de Theresienstadt para as montanhas tirolesas, onde poderiam ser mantidos reféns, foi sua última tarefa.

Ele tentou telefonar para transmitir essas ordens, mas as linhas foram cortadas e ele teve que dirigir até lá. Então, viajou de carro até Praga e transmitiu as instruções de Himmler ao chefe de segurança. Ele providenciou para que dois hotéis fossem preparados para receber os judeus. Ao tentar voltar para Berlim, foi informado que seria impossível. Então resolveu ir para a Áustria ao encontro de Kaltenbrunner para apresentar seu relatório final. Não conseguiu.

No decorrer desta maratona, Eichmann foi atacado, bombardeado e quase morto. Como uma última indignidade, seu veículo foi destruído e ele foi forçado a usar um pequeno Fiat Topolino para se locomover.

Sua fuga terminou em Rettenbachalm, onde se instalaram em algumas cabanas de montanha. Foi lá que um mensageiro de Kaltenbrunner chegou a eles com ordens de Himmler para não atirar nas tropas americanas ou britânicas.

---

<sup>172</sup> ARENDT, 1999, p. 142.

Quanto a Eichmann, “Esse foi o fim”. Ele desapareceu, visto que evitava contar quem era.

Eichmann desaparece. Em seu lugar, após a queda da Alemanha, foram os disfarces que mantiveram o nazista incógnito. Os americanos capturam Adolf Karl Barth, um nazista de baixo escalão. Mas após os interrogatórios nos campos de prisioneiros de guerra em Ulm, no estado de Baden-Württemberg, e Weiden, em Oberpfalz, ele se transformou em SS *Untersturmführer* (o menor oficial de classificação, comparável com um tenente) Otto Eckmann, de Breslau. Otto Eckmann também não era um oficial e, portanto, isento dos detalhes do trabalho. Sua escolha foi bem pensada: todos os registros em Breslau foram destruídos, e ele mudou sua data de nascimento.

[...] adicionei um ano [...] era mais fácil lembrar esses números, minha assinatura se tornou natural, de modo que mesmo em um momento se eu tivesse que assinar alguma coisa, não seria vítima de qualquer tipo de fiasco.

(EICHMANN, apud. STANGNETH, 2015, p. 57)

As notícias de Nuremberg tornavam suas mentiras no campo de prisioneiros frágeis. Essa situação o motivou a fugir.

Ele não avisou a família sobre sua condição, deixando-os pensar que estivesse morto.

Como fugitivo, foi para o Lüneburger Heide, ao sul de Hamburgo, onde lhe arrumaram um trabalho como lenhador. Durante quatro anos ele ficou ali, com o nome de Otto Heninger. No começo de 1950, conseguiu entrar em contato com a ODESSA,<sup>173</sup> e em maio daquele ano atravessou a Áustria até a Itália, onde um padre franciscano, bem informado sobre sua identidade, arrumou-lhe um passaporte de refugiado com o nome de Richard Klement e o mandou para Buenos Aires. Ele chegou à Argentina em meados de julho, e sem nenhuma dificuldade obteve documentos de identificação e uma permissão de trabalho como Ricardo Klement, católico, solteiro, apátrida, 37 anos de idade — sete a menos do que sua idade real.

Na Argentina trabalhou em vários empregos avulsos — vendedor, funcionário de lavanderia, operário numa fazenda de coelhos — todos mal pagos. Em 1952, trouxe a mulher, Veronika Liebl de Eichmann, e os filhos para viver com ele.

Eichmann conseguiu seu primeiro emprego estável na fábrica da Mercedes-Benz, em Suarez, um subúrbio de Buenos Aires, primeiro como mecânico, depois como chefe de turma.

---

<sup>173</sup> *Organisation der ehemaligen SS-Angehörigen* (Organização de antigos membros da SS)

Em 1960 Eichmann e seus filhos mais velhos terminaram de construir uma casa de tijolos muito simples e rustica num dos subúrbios pobres de Buenos Aires — sem eletricidade, sem água encanada —, onde a família foi morar. As condições da moradia, sua fonte de renda e a inexpressividade do seu trabalho denunciavam a pobreza na qual vivia o ex-*Obersturmhannführer*.

#### 4.5. Conversas com Sassen

O grupo de nazistas na Argentina vivia muito bem, inclusive sob a égide dos adeptos do peronismo. Havia uma revista mensal para difundir suas ideias, a *Der Weg* (O Caminho). A *Der Weg* publicava artigos que, em resumo, defendiam que o Terceiro Reich foi mal compreendido e merecia uma segunda chance.

A revista circulava livremente na Alemanha e somente em 1949 o governo a banuiu — mas ela continuou a chegar de forma clandestina às mãos de seus 3 mil assinantes alemães. A editora da *Der Weg*, *Dürer Verlag*, de Buenos Aires, publicou também o livro de Hitler, *Mein Kampf*, e as memórias de diversos veteranos nazistas.

Na Argentina, por volta do final de abril de 1957, Eichmann foi entrevistado por um ex-nazista, Willem Sassen, que, junto com outros, entre eles Eberhard Fritsch, o editor da revista, sonhava em separar-se da imagem de Hitler e inaugurar um quarto Reich. Em uma dessas entrevistas a Sassen, Eichmann disse que “só lamentava não ter assassinado mais judeus. Eu poderia ter feito mais e deveria ter feito mais”.<sup>174</sup>

As transcrições e correções feitas por Eichmann ressurgiram no final dos anos 90, visto que parte delas puderam ser acessadas no julgamento de Israel. Essa visão mais ampla do material apresentam uma imagem muito precisa dos métodos de trabalho de Sassen. As fitas foram transcritas de forma relativamente rápida por vários ajudantes. Stangneth informa em seu trabalho que teve acesso a cerca de mil páginas da transcrição (incluindo as páginas de correções) e vinte e nove horas de gravações, incluindo duplas de fitas que foram copiadas depois.

Em sua pesquisa Stangneth encontrou os documentos que a família de Eichmann entregou a uma editora suíça, agora nos arquivos do Estado Alemão. O documento é uma carta aberta de Eichmann a Adenauer, escrita da Argentina.

---

<sup>174</sup> Apud. KIMMELMAN, 2011.

É sobre como explicar o passado, como idealizar o nacional-socialismo e minimizar os crimes, para que a Alemanha possa recuperar sua reputação moral e se fortalecer novamente.

(KIMMELMAN, 2011)

Essa carta parece indicar a que sua condição na Argentina, embora aparentemente tranquila, guardava um uma inquietação de retorno ao poder. Afirmo Stangneth que “Eichmann odiava ser anônimo. Ele perdeu o poder. Ele queria ser importante novamente”.<sup>175</sup>

Uma das características depreendidas da participação de Eichmann nas gravações é apontada pela pesquisadora em seu trabalho biográfico. Ela afirma o modo como o nazista categorizava suas vítimas. Diz ela, citando-o:

Sua única preocupação tinha sido ‘judeus de um nível que os tornaram importantes para o Reich’; ‘Um judeu comum ou de jardim não tinha interesse’. Em sua opinião, havia ‘judeus valiosos’ e, depois, judeus ‘velhos e assimilados’ que não tinham utilidade para ninguém. Ainda argumentou, que os judeus queriam preservar ‘sangue judeu biologicamente valioso’. ‘É exatamente o mesmo que quando eu tenho uma granja de galinhas hoje, e eu preciso de cem ou dez mil galinhas poedeiras, na verdade eu devo deixar que duzentos mil frangos nasçam nas incubadoras, porque metade será de galos e metade de galinhas.’.

(STANGNETH, 2015, p. 263)

Quando se referiu à deportação e sua logística, Eichmann disse que

[...] carregar um trem é um negócio complicado, seja com gado ou sacos de farinha... e muito mais difícil de carregar com pessoas, especialmente quando você tem problemas para contar.

(EICHMANN, apud. STANGNETH, 2015, p. 264)

A vida de Eichmann na Argentina lhe permitia, inclusive pela sua participação ao lado de Sassen, que pudesse tomar as últimas gotas de seu veneno embriagante, seu orgulho. Dizia das mortes organizadas por ele que tinham sido necessárias:

---

<sup>175</sup> STANGNETH, 2015, p. 223

O único bom inimigo do Reich é um morto. Em particular, devo acrescentar que, quando recebi uma ordem, sempre cumpri esta ordem como um carrasco, e me orgulho disso até hoje.

(EICHMANN, apud. STANGNETH, 2015, p. 267)

Orgulhava-se de seu trabalho na Hungria, referindo-o como sua obra-prima: “Na verdade, foi uma conquista que nunca foi igualada antes ou depois”.<sup>176</sup>

Estes recortes, tal como estão aqui apresentados, oferecem um contraste àquilo que acima foi indicado a partir das referências de Arendt. O Eichmann de Jerusalém, incógnito até então, proporcionou elementos para as revelações que deram suporte a Arendt para produzir seu *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. O trabalho de Cesarani, publicado 43 anos depois, em 2006, apresenta um Eichmann motivado pela ambição de ser notado. Com os documentos da Argentina, Stangneth confirma as ideias de Cesarani e refuta tantas outras de Arendt e traz detalhes das ambições do nazista.

#### 4.6. Julgamento em Jerusalém

Em seu julgamento em Jerusalém o nazista foi acusado de 15 ofensas criminosas, incluindo a acusação de crimes contra a humanidade, crimes contra o povo judeu e de pertencer a uma organização criminosa.

O julgamento de Eichmann durou um ano e terminou com sua condenação à morte. A execução aconteceu pouco antes da meia-noite de 31 de maio de 1962.

Durante o julgamento em Jerusalém, e também em toda a mídia que o cercou,<sup>177</sup> Eichmann foi apresentado como um psicopata ou mesmo um homem de extremo poder, como uma peça da engrenagem nazista.

Entretanto, a Arendt releva, baseado em alguns depoimentos do próprio nazista, que a ideia de um psicopata não se coadunava com suas atitudes. Declara que “nos depoimentos não demonstrava ser um ardente defensor do nazismo”; que o que transpirava em seu depoimento era uma “incapacidade de pensar”. Tal característica não se apoiava em qualquer dificuldade cognitiva, mas no quanto estava submerso no Sistema do III Reich.<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> STANGNETH, 2015, p. 267.

<sup>177</sup> “The Eichmann Show” é um filme britânico que estreou em 2015 e retrata os bastidores do julgamento de Eichmann sob a ótica do produtor americano de TV Milton Fruchman. <https://www.youtube.com/watch?v=u0uKdGO3LVQ&t=1640s>

<sup>178</sup> ARENDT, 1999, p. 33.

Em seu trabalho, Arendt reproduz a declaração de um dos psiquiatras que atenderam o prisioneiro antes do julgamento. “Meia dúzia de psiquiatras haviam atestado a sua ‘normalidade’ — ‘pelo menos, mais normal do que eu fiquei depois de examiná-lo’”. Outro havia dito que considerara seu “perfil psicológico, sua atitude quanto a esposa e filhos, mãe e pai, irmãos, irmãs e amigos, não apenas normal, mas inteiramente desejável”. Além da visita desse grupo de psiquiatras, o prisioneiro recebeu, após a Corte ouvir seu apelo, um sacerdote que tranquilizou a todos declarando que Eichmann era “um homem de ideias muito positivas”.<sup>179</sup>

Ela se pergunta se aquilo que Eichmann utilizava para apresentar-se era uma forma caricatural, baseada em algum modelo “adequado” a cada situação.

Eichmann sabia que a esmagadora maioria de suas vítimas era condenada à morte. Porém, ele e seus homens não tinham autoridade para dizer quem ia morrer ou quem ia viver. A seleção para os trabalhos era feita por médicos da SS local e as listas de deportados eram geralmente feitas pelos Conselhos Judeus nos países nativos ou pela polícia da Ordem, afirma Arendt. Contudo, a questão no julgamento era saber se ele havia mentido quando afirmou que:

Nunca matei nenhum judeu ou, no final das contas, nunca matei nenhum não-judeu [...] Nunca dei ordens para matar judeu nenhum, nem para matar não-judeu nenhum.

(EICHMANN, apud. ARENDT, 1999, p 131)

Em Jerusalém, na tentativa de argumentar sobre sua assistência e participação na organização do extermínio, além de presenciar tantos crimes, Eichmann disse que sua única alternativa teria sido o suicídio. Mas argumenta Arendt que “isso era mentira, porque sabemos como era fácil para os membros dos esquadrões de extermínio abandonar seus postos sem grandes consequências”.<sup>180</sup>

Com os documentos de Nuremberg, “não se encontrou nenhum caso de membro da SS que tenha sofrido pena de morte por se recusar a participar de uma execução”.<sup>181</sup>

No entanto, o problema que envolvia Eichmann e o Reich é que muitos eram como ele, e “muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais” afirma Arendt.<sup>182</sup> Uma normalidade, contudo, apavorante, pois

---

<sup>179</sup> ARENDT, 1999, p. 19.

<sup>180</sup> Idem, p. 58.

<sup>181</sup> JÄGER, apud. ARENDT, 1999, p 59.

<sup>182</sup> ARENDT, 1999, p. 166.

cometeram seus crimes sob uma atmosfera que os impedia de saber ou sentir se estavam agindo de modo errado.

Eichmann afirmava várias vezes a “atitude pessoal diferente” diante da morte quando “se via mortos por toda parte”, e quando todo mundo olhava a própria morte com indiferença. O último depoimento de Eichmann estava marcado pelo fim das suas esperanças de justiça pretendida por ele. Seus esforços não resultaram no acolhimento de suas “verdades”.

E diz: “Não sou o monstro que fazem de mim”. “Sou vítima de uma falácia.”<sup>183</sup>

Na sexta-feira, 15 de dezembro de 1961, às nove horas da manhã, foi pronunciada a sentença de morte.

---

<sup>183</sup> Apud. ARENDT, 1999, p. 150.

## 5. DE ARMINIUS A EICHMANN: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA PSICANÁLISE

“Deixe Armínio antes conduzi-lo à liberdade e à glória, do que o ímpio Segestes à infâmia da escravidão”.

(Tácito, “O Reinado de Tibério, Dos Primeiros Seis Anais de Tácito”)

As linhas até aqui escritas buscaram contextualizar a hipótese de que alguns fatores pertencentes à cultura alemã contribuíram para formação da mente de um nazista como Adolf Eichmann.

Busquei identificar alguns desses fatores, e o que me pareceu mais imediato se relacionava à figura de um herói que pudesse servir de sustentação à força guerreira do povo alemão. Arminius, chamado “O pai da Alemanha”, era essa representação.

Arminius foi vítima de um assassinato, e se tornou um pai morto; atravessou como herói a história germânica. Ao longo da construção da Alemanha, outros líderes se apropriaram da sua representação para injetar ânimo nas tropas.

O seu assassinato por um germano, ou seja, por um dos irmãos de tribo, consagra a ideia fundadora da cultura germânica. Contra aquele que se coloca na condição de pai fundador, o assassinato! Arminius sucumbe nas relações “familiares” criadas por ele próprio, ressurgindo depois como “O pai da Alemanha”.

Elevado à condição de herói das tribos germânicas, passa a ser cultuado. Sua onipresença será percebida na história dos povos germânicos.

A analogia do fato fundador da Alemanha com o mito freudiano proposto em *Totem e tabu*<sup>184</sup> é visível. De acordo com a ficção freudiana, o parricídio demarca uma nova fase da cultura<sup>185</sup> humana.

Esse parricídio instaura o fantasma que põe em jogo as tensões que compõem o complexo de castração. O pai onipresente e onisciente ameaça as pretensões dos filhos de tornarem-se eles próprios o pai. Segundo Freud, esse jogo de tensões ganhará nas práticas

---

<sup>184</sup> FREUD, 1986v.

<sup>185</sup> Para Norbert Elias o conceito de civilização não é usado da mesma maneira nas diferentes nações europeias. Para ingleses e franceses, civilização é o conceito que expressa o orgulho dessas nações em relação a outras; já para os alemães, o termo usado para designar o orgulho a respeito de suas próprias realizações é Kultur e não Zivilisation.

religiosas a possibilidade do deslocamento das tensões. Será por meio desse tipo de prática que se pretenderá o controle sobre o pai.

Esse tipo de associação entre um pensamento e práticas esotéricas pode ser observado nas pesquisas empreendidas por Freud quando dos estudos sobre os mecanismos que operam na neurose obsessiva<sup>186</sup> e nos rituais religiosos. A característica dos sintomas que se apresentam na formação de ideias obsessivas, originárias de um modo de pensar ruminante diante da dúvida, transformam-se, muitas vezes, em atos obsessivos, em verdadeiros rituais.

A dúvida aqui é expressão do próprio conflito. Freud afirma em seu trabalho *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas*<sup>187</sup> que um sentimento de culpa subjaz às manifestações obsessivas. Diz-nos o psicanalista.

Esse sentimento de culpa origina-se de certos eventos mentais primitivos, mas é constantemente revivido pelas repetidas tentações que resultavam de cada nova provocação.

(FREUD, 1986g, p. 62)

O fiel em sua prática externaliza seu crime. É sua expiação. No cenário da religião trava-se a luta que resultou no assassinato. A composição dessa batalha imaginada não se restringe ao universo religioso. Estende-se pelas diversas histórias que o homem criou fora da prova da realidade.

Pois bem, a culpa subjacente de que fala Freud poderia se referir ao sentimento de ódio que sustenta a ideia do pangermanismo. Nessa proposta encontra-se o elemento absoluto, a identificação com o pai todo poderoso. A raça pura, superior. Essa proposta implica a ilusória abolição das diferenças, dos limites que protegem a convivência.

Vejamos o que sugere Johann Gottlieb Fichte, filósofo alemão, como argumentação ao pangermanismo. Ele afirma que uma das origens desse pensamento está na *filosofia do universal*. Mas, a filosofia do universal, em sua opinião, só seria “alcançada com a nação alemã e exclusivamente com ela, porque somente ela assegura o triunfo do universal”.<sup>188</sup>

Considerando que a intenção do Pangermanismo implicaria a abolição das diferenças, este “mundo” pretendido só poderia existir na ilusão dos seus idealizadores. Um mundo sem diferenças é uma experiência mental anterior ao convívio social. Trata-se de um projeto pré-

---

<sup>186</sup> Freud trata dessa relação, principalmente nos textos “O futuro de uma ilusão”, “Moisés e o monoteísmo”, “As neuropsicoses de defesa”, “Totem e tabu” e “O Mal-estar na Civilização”.

<sup>187</sup> FREUD, 1986g.

<sup>188</sup> VARA BRANCO, 2009.

edípico, o reino da indiferenciação. Portanto, um projeto inexecutável. A diferenciação é uma condição do convívio. Por isso a ruminação e o conseqüente fracasso desses projetos.

Entretanto, a presença do pai, agora sob a forma da culpa, pede a instauração do convívio. A onipresença do pai afirma a instauração da regra social, que, ao mesmo tempo em que protege, demarca os territórios e nações. No mesmo trabalho,<sup>189</sup> Freud aponta que “a repressão de um componente do instinto sexual”, ou seja, o ódio que assassina o pai, “sucumbe à pressão, mas retorna sob a forma de uma ‘consciência especial’”, o próprio superego, a lei interna. Aqui está a passagem de um pai despótico para um pai mental. Da lei externa à lei interna. Essa consciência moral não reina absoluta, está sempre ameaçada pelo instinto reprimido. O desejo persistente de tomar o lugar do pai, ser cada um o absoluto.

Os atos religiosos funcionam como uma proteção, uma defesa ao retorno do que foi reprimido. Diz-nos Freud: “Assim, os atos cerimoniais e obsessivos surgem, em parte, como uma proteção contra a tentação e, em parte, como proteção contra o mal esperado”.<sup>190</sup>

A saída é a projeção desse conflito na construção religiosa ou esotérica. Ao pangermanismo associa-se a Ariosofia, uma seita que pregava o conceito espiritual de evolução, afirmava que o homem das raças superiores pode tornar-se divino ao avançar no processo evolutivo cosmológico. A ruminação de ideias e estratégias para o alcançar o pangermanismo encontra na seita, na prática religiosa, a possibilidade de controle das tensões.

O caráter regressivo dessa projeção, próprio da ambivalência da fase anal, permite a construção fora de si do que o atormenta dentro. Dominar a seita equivale a dominar as tensões. Com a aliança entre o pangermanismo e a Ariosofia, o alemão está identificado com o pai, é o próprio pai. Mas ainda resta a memória do miserável filho que “outrora” foi. Ele tem um lugar na cena pangermânica.

As raças inferiores estão compreendidas na liturgia da Ariosofia. Os judeus, ciganos, negros e eslavos, como sobreviventes da raça inferior, serão considerados pelo nazismo como povos inferiores, subumanos e deverão desaparecer para a evolução plena da raça superior. Além desses, os fisicamente incapacitados, pois a raça superior é perfeita por definição. É a tentativa de fazer desaparecer o miserável que os habita. O filho submetido ao pai despótico.

Assim, por meio desse retorno ao passado, dessa forma de regressão a uma condição anterior, cujas características são a pretensa dominação das forças opositoras à plenitude, do ilusório fim da ameaça de castração, o pangermanismo se constitui como a estrela polar dos germanos. A ilusão da superioridade ariana estaria assegurada.

---

<sup>189</sup> FREUD, 1986g. p. 62

<sup>190</sup> Idem.

## 5.1. Da glória à humilhação

Pois bem: esses fatores encontrados na cultura alemã, somados ao tónus heroico de Arminius, constituíram o oxigênio dos alemães.

No final do século XIX, o Império Alemão já era uma potência europeia, disputando com os outros impérios a superioridade no globo. Porém, tal promessa derrete no calor das bombas lançadas na Primeira Guerra. Uma guerra que terá a Alemanha colocando em ação suas pretensões de domínio, mas que terminam com uma enorme humilhação.

Os guerreiros, até então identificados com Arminius, são lançados à face miserável da experiência com o herói. A identificação perde sua força.

Arminius dorme.

O povo alemão, marcado pelo fracasso de suas pretensões na Primeira Guerra, foi levado paulatinamente a aderir às ideias de um grupo de homens que tinha na pessoa de Hitler o Führer.

Embora o espírito guerreiro de Arminius se fizesse presente durante o III Reich, Hitler prefere espelhar-se nos cézares. Em 1925, Joseph Goebbels, futuro ministro da propaganda da Alemanha Nazista, saudou Hitler com “*Heil Hitler*” (“Salve Hitler”), uma variação da saudação romana “Ave Cesar”, como um sinal da lealdade e culto. Aqui, um passo atrás: antes de Arminius, os cézares.

Os fatores até aqui percebidos podem ser considerados como ingredientes do “caldo” cultural oferecido aos filhos da Alemanha do século XIX.

A história cultural desse povo deixou elementos a serem elaborados por gerações futuras. Toda a tensão da fundação encontrou em representações subsequentes uma forma de expressão. A luta pela identidade germânica atravessou séculos desde Arminius.

Como já pude dizer acima, o conceito de identificação – especialmente trabalhado por Freud em “Psicologia de grupos e análise do ego” – ampara-se no trabalho de Ferenczi acerca da introjeção.

Esse conceito destacado pelo psicanalista húngaro coloca a fonte de satisfação de toda identificação, no próprio mundo interno do sujeito, nos objetos introjetados a partir das experiências vividas, fazendo do objeto de identificação apenas um representante da demanda interna do sujeito.

Os elementos culturais “deixados” à elaboração ao longo dessa história manifestam-se em busca de sentidos. O III Reich é, entre outros fatores, a busca desse sentido. Movimentos de retorno ao passado indicam a insistente busca do povo alemão pela sua identidade. Todavia, na forma da identificação com o pai e não na possibilidade da organização social que contempla a diferença. Passo necessário ao alcance de uma condição edípica.

O III Reich é o cenário dessa luta interna do povo alemão. Os componentes vistos acima, que configuram uma crença que busca afastá-los do filho miserável submetido ao medo do pai, se fará presente nesse período sangrento da história mundial

O filho miserável, assassino do pai, abjeto da sociedade é um personagem na trama mental do alemão. O povo judeu, tomado como raça inferior desde os tempos de Fichte, será perseguido na insana tentativa se fazê-lo desaparecer.

O antissemitismo é levado ao genocídio no cenário dos campos de concentração e culmina com a Solução Final.

O holocausto tem um protagonista: Adolf Eichmann, o Arquiteto da Solução Final.

## **5.2. Eichmann em busca de sentido**

Há, de fato, um vácuo de informações acerca da mãe de Eichmann.

Para uma análise de orientação psicanalítica seria muito importante que informações sobre a relação entre mãe e filho pudessem estar registradas. Mas não é isso que se tem.

Aliás, o que se tem é o que não se tem. Quero dizer com isso que oito anos de relacionamento com a mãe e a chegada de quatro irmãos não resultaram em qualquer registro nas biografias de Eichmann, e isso chama a atenção. O que se tem é a ausência dos desdobramentos desses episódios na vida de Eichmann. O que se tem é a presença da ausência de fatos que indicassem a qualidade da relação com sua mãe. Além da ausência das referências à figura materna, estão ausentes das informações os irmãos de Eichmann. Eles não são citados ao longo dos trabalhos, com exceção feita aos seus nomes.

O mesmo não ocorreu com a chegada da nova esposa do patriarca. Eichmann deu sua impressão dizendo que ela “encaixou maravilhosamente bem” e que era “muito amigável” com ela. No entanto, ele “nunca mencionou seu nome ou o do meio-irmão”<sup>191</sup> diz Cesarani.

Quanto a seu pai, posso dizer que Eichmann esteve sempre à sua sombra.

---

<sup>191</sup> CESARANI, 2006, p. 20.

A imago materna obscurecida, em contraponto à figura forte do pai, me permitirá apresentar algumas considerações acerca das influências recebidas por Eichmann em sua infância e juventude.

O jovem recebeu uma educação rigorosa do seu pai. Ele se refere a ele como um homem exigente, com quem manteve uma relação de submissão aos seus mandos. “Considerarei o meu pai como a autoridade absoluta”.<sup>192</sup> Esse fator parece coadunar-se a preceitos religiosos de conduta – o pai era presbítero na Igreja Evangélica – mas não aos da cultura que começava a se formar na Europa a partir do século XX. A família do início do século XX é aquela que, segundo Giddens,<sup>193</sup> recebe as influências do amor romântico, ou seja, aquele que lança uma perspectiva individual e que vincula amor com liberdade. Pois bem, o extremo oposto do que viverá Eichmann na relação com seu pai.

É possível verificar o domínio do patriarca sobre a vida de Eichmann. Desde cedo, os mandos sobre qual formação deveria ter são indicativos do que se esperava dele. As escolas por onde passou e os trabalhos aos quais se apresentou, sempre dirigidos e indicados pelo velho.

A escolha da família para seus estudos de nível secundário o fizeram ter aula com Dr. Leopold Poetsch, um conhecido nacionalista alemão, um germanista que declarava que judeus e eslavos eram pertenciam a “raças inferiores”. Desde jovem Eichmann recebeu orientações escolares que o alimentaram com pensamentos de forte oposição aos judeus. Não há informações sobre qualquer “senão” do jovem sobre tais ordens.

Ao final do quarto ano dessa escola, o pai de Eichmann o coloca na escola profissional. Aqui também ele não foi bem-sucedido. Ele saiu sem obter a qualificação.

O mesmo vai ocorrer na trajetória profissional: o pai vai lhe indicando os locais de trabalho.

É claro que o seu desempenho, seja na escola, seja no trabalho, não trouxe satisfação à família. Há um silêncio de Eichmann sobre os fracassos escolares e profissionais até aqui. Parece uma parte de Eichmann que é silente. A suspeita que se pode ter é de que ele ainda não apareceu. Eichmann não está aí. O que se registrou nas biografias, foi o insucesso. Como se quisessem mostrar um jovem inapto à escola e ao trabalho. Como se esse fosse o Eichmann. Mas ele ainda não havia aparecido.

É o pai que aparece. Quem deseja é o pai. E diante desse desejo do pai, a vergonha silenciosa pelo insucesso. Esconder essa vergonha é um indicativo da sua existência. Eichmann

---

<sup>192</sup> Idem, p. 19.

<sup>193</sup> GIDDENS, 1993.

faz isso num “Relato Autobiográfico”,<sup>194</sup> em 1939, quando já estava engajado no Partido Nazista. Como já vimos, nesse manuscrito afirma que deixou seu emprego como vendedor na companhia *Elektrobau* “de livre e espontânea vontade” e que seu ingresso na Companhia de Óleo a Vácuo de Viena lhe foi oferecido. Não é exatamente essa a história que nos conta Arendt. Eichmann estava escondendo seu fracasso. O trabalho como vendedor ia de mal a pior, e seu pai, com a ajuda da sua esposa, conseguiram uma indicação na companhia Óleo. Tudo isso aconteceu quando o jovem contava 21 anos de idade.

Esse momento de vida de Eichmann parece sugerir, no mínimo uma inadequação aos planos do pai. Um fracasso ao que era esperado dele como primogênito da família. Mais do que isso, a insatisfação das expectativas que repousavam sobre ele desde o início de sua vida escolar ia apontando para um destino obscuro.

É sugestivo pensar que a relação filho-pai se dava de modo passivo, colocando o jovem como objeto de satisfação do pai. A submissão tem aqui suas marcas. De outro lado, embora seja apenas uma suposição, a vivência interna do jovem deve ter se dado sob a luta contra o fracasso.

### **5.3. O antissemitismo latente**

Adolf Eichmann viveu desde a infância até a juventude em Linz. A cidade foi dominada por nacionalistas alemães de 1900 a 1918 e teve Carl Beurle como prefeito durante todo este período. Beurle mantinha uma articulação pela antipatia por liberais, clérigos e judeus. O antissemitismo na cidade e a educação na escola, porém, não parecia determinar as escolhas do jovem Eichmann. Também como já vimos, por toda a juventude e até mesmo depois de ingressar no partido nazista, Eichmann manteve sua amizade com Mischa Sebba, um judeu cuja família também visitava a casa do patriarca de Eichmann. Seria como dizer que a presença de um pensamento antissemita não estivesse ali.

Vimos ainda que, além disso, o emprego para o qual Eichmann foi indicado contou com a conversa de sua madrastra com um primo, Dr. Friedrich von Haymerke que mantinha relações com judeus pelo seu casamento. A indicação levou o jovem Adolf à empresa de Herr Weiss, que também era judeu. Além disso, ao chegar para a entrevista, foi recebido por Herr Popper, também judeu.

Claro que esses fatos, aparentemente, sugerem que Eichmann não era um antissemita.

---

<sup>194</sup> ARENDT, 1999, p. 22.

Todavia a pergunta se faz: onde estão depositados os fundamentos da sua educação? Onde estão as lições do Dr. Leopold Poetsch?

Além disso, considerando uma cidade governada por um homem contrário aos judeus, onde estavam a força antissemita que se verá cerca de vinte anos depois?

O espaço silente de Eichmann se mistura ao da cidade onde foi criado. O cão do antissemitismo dorme; rosna, mas ainda não morde.

#### 5.4. Eu existo?

No entanto, esse cão, em seu sono, reúne energias.

Após a Primeira Guerra, Adolf Hitler era alguém sem importância. Aos 30 anos de idade, não tinha casa, carreira, esposa ou namorada, nem mesmo um amigo íntimo de qualquer tipo. Tudo o que tinha era uma vida cheia de sonhos frustrados. A carreira de pintor famoso foi rejeitada pela elite de artistas e pelos *marchands* judeus que poderiam lhe fazer ganhar algum dinheiro.

Ele escreve uma carta em setembro de 1919, na qual declara que “os judeus são definitivamente uma raça, e não uma comunidade religiosa”. Esse era um movimento na direção do pangermanismo. No fortalecimento da recuperação da raça ariana, adormecida. Todo o discurso para acordar as mentes que dormiam começa a se fazer. Hitler não se detinha na religião judaica, mas na raça.<sup>195</sup>

Essa informação, que aqui parece estar desconectada do contexto de Eichmann, permite vislumbrar tanto a presença do antissemitismo quanto a semelhança nos insucessos entre os dois. Mais tarde, na prisão, esse homem escreverá *Mein Kampf* e declarará odiar os judeus desde quando lutava para se tornar pintor em Viena nos primeiros anos do século XX. Evidente que a razão do ódio aos judeus não se apoia no seu fracasso como artista.

A luta que parecia ser travada no interior de Eichmann buscava uma solução. O incômodo de não atender ao pai parecia promover movimentos. Ao mesmo tempo, uma gama de sentimentos alimentados, introjetados, em sua formação buscavam um sentido.

O que pretendo mostrar nos próximos parágrafos é a coexistência da insatisfação juvenil mesclada à busca de uma possibilidade de ser reconhecido. Buscarei mostrar que o nazista Eichmann vai se revelando não apenas pela convicção ao propósito nazista, mas sobretudo pela identificação com aquilo que a ascensão no partido poderia lhe oferecer como pessoa.

---

<sup>195</sup> REES, 2018, p. 13.

A adesão inicial dá-se pela imagem que o próprio partido e suas manifestações fazem. É como num trabalho projetivo. O que está introjetado encontra na superfície do objeto os elementos que permitirão a profundidade do trabalho de identificação. Tal como uma criança que deseja ser aquele que admira.

Será no já referido episódio em que desfaz um relacionamento amoroso pela identificação com o nazismo que Eichmann deixará evidente sua projeção. Pela janela de um apartamento Eichmann e sua namorada observam um grupo de “camisas-marrom” marchando pelas ruas. A moça manifesta-se chamando-os de idiotas. Diante de tal desprezo e como se eles fossem ele, o jovem aspirante ofende-se e rompe o namoro.

O rompimento do relacionamento poderia ser configurado pelo fato da moça haver manifestado discordância com o movimento nazista, uma divergência ideológica, talvez. Mas não. É possível afirmar que ali estava a ofensa a ele mesmo, o desprezo a ele mesmo.

A imagem da marcha avistada pela janela e os uniformes despertavam no jovem, não só admiração, mas a expressão do lugar que queria ocupar. A admiração com que os observava era, possivelmente, aquela com a qual queria ser admirado. Evidente investimento narcísico sobre a cena.

O exibicionismo estará presente em diversas situações nas quais Eichmann se envolverá e, sobretudo, fará questão de ser reconhecido.

O reconhecimento não se dará somente pela face superficial, afinal não basta parecer, é preciso ser.

Ernst Kaltenbrunner foi o grande incentivador para que Eichmann se filiasse ao Partido Nacional Socialista e se tornasse integrante da SS. Este momento era muito importante para Eichmann.

Kaltenbrunner tinha admiração por Eichmann. Parecia ver sua angústia por um lugar de reconhecimento. Ao fazer o convite, disse a ele que percebia sua sintonia com o pensamento nazista e que, portanto, devia ser um deles. Eichmann concordou.

Em sua vida pregressa, sob as ordens do pai, não havia conseguido decolar. O partido era uma oportunidade de dar um rumo para sua vida, para os sentimentos de insatisfação que o habitavam. Eichmann, perdido, buscava uma direção. Ali obedeceria às ordens, mas ordens que poderiam levá-lo a algum lugar que não tivesse sido indicado pelo pai. Essa era a oportunidade.

A necessidade de seguir ordens mantinha a relação com seu pai ao nível mental. Inúmeras vezes Eichmann será reconhecido na sua capacidade de organização e planejamento. Não é à toa que alcançará a responsabilidade por toda a logística de deportação dos judeus.

A figura paterna, nas mais variadas formas, o acompanhará por toda sua carreira insana.

O que o aspirante a oficial nazista estava conseguindo nesse momento era exatamente a exteriorização do cenário mental de seu conflito. Uma proteção para aquilo que por pouco mais de 25 anos lutara dentro dele: a tutela do seu pai e a impossibilidade de existir, por si mesmo. A oportunidade, permitiria realizar-se longe dos olhos do pai. Mas sem se dar conta de que o pai, objeto de sua identificação, o habitava.

Em algumas ocasiões, Eichmann elegerá uma figura com a qual estabelecerá uma relação quase paternal. Mas uma relação que contará com a face austera e ao mesmo tempo reconhecedora da sua existência.

A carreira de Eichmann no partido nazista começou em um escritório cujo trabalho envolvia coisas menores. Isso não trazia satisfação. Para sua ambição, era pouco.

Certo dia, o escritório é visitado pelo SS *Untersturmführer* Edler von Mildenstein, indicado por Heydrich para desenvolver os trabalhos sobre a questão judaica.

Mildenstein vê Eichmann em sua rotina. Mostra-se interessado pelo burocrata. O oficial perguntou se ele estava interessado em um novo emprego. Algo diferente se estabelece. Ele não recebeu uma ordem, mas um convite. Foi desejado pelo superior.

O convite pressupõe levar em consideração o que ele próprio queria. Vale ressaltar que a cena não tem par em qualquer momento, no campo da relação entre Eichmann e seu pai, nas biografias pesquisadas. Herr Eichmann não lhe perguntava, mas de modo absoluto, fez as mudanças de escola e trabalho seguindo seu próprio desejo. A cena com Mildenstein parece dar alguma validade aos desejos do jovem.

Eichmann descreve Mildenstein como um “homem aberto, jovem e amigável”. E acrescenta: “Fiquei feliz em trocar o monótono trabalho no museu por outro, e eu disse que aceitava”.<sup>196</sup>

Eichmann é orientado a pesquisar sobre a história do movimento sionista. Porém, como já vimos, Eichmann não era um homem das letras. Essa era, contudo, a tarefa que lhe fora incumbida.

O contato com o oficial proporcionou ao jovem nazista o reconhecimento de suas ideias sobre o nacionalismo alemão e o orgulho racial. O trabalho implicava ter objetivos e ambição. Esses eram ingredientes que não faltavam a Eichmann nesse momento.

Porém, nasce aqui uma questão: onde estavam as concepções nacionalistas e pangermânicas de Eichmann até agora? Adormecidas? À sombra de um pai absoluto?

Possivelmente.

---

<sup>196</sup> Apud. CESARANI, 2006, p. 43.

Lembremos que para Ferenczi a introjeção é o meio pelo qual o sujeito coloca para o interior de si as representações dos objetos externos. E Eichmann se alimentou de tudo isso durante seu tempo de formação juvenil. A cultura que o cercava dava conta dessa alimentação. Faltava apenas a oportunidade de transformar esse alimento em ações.

As ações dar-se-ão por meio das identificações que estão por vir.

A oportunidade chegara. O jovem perdido começa a encontrar fora de si a chance de expandir aquilo que permanecia adormecido. Isso acontecerá a partir da relação com Mildeinstein que orientará em inúmeros trabalhos. Entre eles estava a leitura de *Der Judenstaat* de Theodor Herzl, o famoso clássico sionista, que, segundo Arendt,<sup>197</sup> converteu Eichmann ao sionismo, imediata e definitivamente.

O anseio por ser cada vez melhor aos olhos do oficial esbarra na sua limitação com o hebraico. Então pede aulas particulares do idioma ao pai/chefe. Não foi atendido.

No entanto, o espírito *Volkish*, a boa educação, o racionalismo e a ambição do pupilo, todos afinados aos interesses do Reich, atendiam aos “olhos” de Mildeinstein.

Ali poderiam brotar as sementes plantadas há tempos em Eichmann.

O caminho parecia pavimentado para o alcance da notoriedade que buscava.

## 5.5. Escalando para a existência

Em 1939, Eichmann já era *Hauptsturmführer* Eichmann. Comandava o Escritório Central de Emigração Judaica, no Rothschild Palais. Habitualmente Eichmann exibia-se com seu uniforme entre os judeus que vinham lhe pedir alguma coisa.

Bernhard Lösener, um membro do Partido Nazista, lembrou, após a guerra, como Eichmann caminhava pelo Palais.

Caminhei pelas esplêndidas salas antigas e os corredores dos vários escritórios através dos quais os judeus emigrantes tinham que passar. Não tive coragem de me aproximar deles porque também me senti sob vigilância de Eichmann.

(LÖSENER, apud. CESARANI, 2006, p. 68)

Com seu uniforme impecável, Eichmann caminhava pelos “corredores cheios empurrando para o lado os infelizes humanos que esperavam”.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> ARENDT, 1999, p. 28.

<sup>198</sup> LÖSENER, apud. CESARANI, 2006, p. 68.

O uniforme, a patente e o Palais formavam o quadro de aparente satisfação de Eichmann. A promessa de um império de mil anos do Reich proporcionava isso.

Stangneth indica que, na Argentina, Eichmann fez referência ao fato de ter sido manchete de jornal em 1939. Ele contava, com certo orgulho, a história da primeira vez que leu seu nome em um jornal. Tinha sido “um artigo de destaque, com uma manchete”.<sup>199</sup>

Entretanto, vinte e um anos depois, já na cabine de vidro, em Jerusalém, quando da primeira aparição às pessoas que lotavam o tribunal, Eichmann surge sem o seu uniforme reluzente.

Os crimes atribuídos a Eichmann eram de tal magnitude que se esperava, quando a porta se abrisse para a cabine de vidro, ver algum monstro entrar. Em vez disso, todos foram confrontados com o homem comum. Diz-nos Cesarani que Simon Wiesenthal<sup>200</sup> previra justamente esse efeito. Para combater o engano, ele recomendou que Eichmann fosse forçado a ficar de pé em um uniforme da SS. Isto, obviamente, não aconteceu.

O Eichmann que entra no tribunal era o exemplo do fiel que se submete às leis da sua crença, mas comete seus pecados; reza, vai aos cultos públicos, e continua pecando.

A ambivalência, típica da relação com a religião, e aqui na vida de Eichmann, acompanhou o nazista. Ele sempre obedeceu às ordens – na tentativa de manter o pai fora dele, ao mesmo tempo em que se beneficiaria da identificação com a figura paterna quando ele mesmo dava as ordens.

Esse foi o eixo do julgamento em Jerusalém, na opinião de Arendt: a consciência de Eichmann. Diz-nos a filósofa: “Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia às ordens, ele também obedecia à lei”.<sup>201</sup>

## **5.6. O Reich, um mundo particular**

De Arminius a Eichmann, o que procurei demonstrar foi a manutenção de um tempo mítico. Evidentemente, esse é o tempo da culpa, a qual constrói um mundo particular, com leis próprias, para proteger a onipotência infantil. Regredido às condições pré-edípicas, Eichmann buscará, sem sucesso, encontrar sentido no mundo. Será somente no Reich, cujas características serão alvo da sua identificação, que ele se encontrará.

---

<sup>199</sup> STANGNETH, 2015, p. 12.

<sup>200</sup> Simon Wiesenthal foi um sobrevivente do Holocausto que, no pós-guerra, foi incansável na perseguição e captura de nazistas. Ele foi responsável pela prisão de mais de 1.100 criminosos nazistas e, sobretudo, pela localização de Eichmann na Argentina.

<sup>201</sup> ARENDT, 1999, p. 84.

Eichmann obedecia às ordens. Isso é indiscutível. Cumpria a lei, também é indiscutível. Porém, quais leis?

As leis do Reich. As leis que mantinham a organização em um funcionamento regredido às condições anais. A ordem pré-edípica. As leis da perversão – se é que há leis na perversão.

A perversão, considerada como o negativo das neuroses, expressa a intolerância às interdições impostas pela trama edípica e o recalçamento não se realiza de forma satisfatória.

O ambiente do III Reich, sustentado pela figura do Führer, o pai absoluto, confunde-se com a própria lei. A vontade de Hitler era lei.

O universo criado pelo III Reich comporta a horda primitiva onde o soberano é a fonte de toda a idealização.

Ora, é exatamente essa a cena familiar de Eichmann. Do velho patriarca, ao Führer!

Mas, há uma diferença. Hitler é ao mesmo tempo o pai e o filho. É o pai porque está no poder e é o filho porque se identifica com o miserável na luta pela soberania. O Reich é um projeto. Um projeto que pretende pôr fim àquilo que ameaça a soberania. O sonho pré-edípico.

Como projeto, se oferece àqueles cujos elementos culturais introjetados encontram na ambição a identificação.

É aqui que Eichmann se engaja. Um projeto para dar existência aos traços culturais introjetados, um projeto para o “sucesso”.

Como demonstrei, foram inúmeras as situações onde a imitação (o parece ser) e depois o exibicionismo deram ao aspirante algumas experiências de júbilo.

Ainda que esse exibicionismo, que expressava sua ambição pessoal, tenha se dado inicialmente com os iguais, os nazistas, o que veremos abaixo serão algumas situações nas quais esse mesmo impulso se dará sobre os quais o fantasma do miserável será projetado.

Em 1938, já no Escritório Central de Emigração Judaica, Eichmann faz um comunicado:

[...] a partir de agora nenhum outro escritório poderá distribuir qualquer tipo de permissão aos judeus [...] A Comunidade Religiosa Judaica em Praga [...] garante a Herr Eichmann que 250 judeus por dia irão ao Escritório Central para pedir permissão para emigrar.

(STANGNETH, 2015, p. 19)

Essa condição gerou entre os judeus o desespero. Para o que Eichmann afirmou: “Tenho certeza de que todo judeu encontrará algum modo de emigrar quando for preso duas ou três vezes”.<sup>202</sup> Eichmann, soberano em seu quadrilátero.

Conta-nos Stangneth que Eichmann se gabava de qualquer coisa que parecesse plausível para o engrandecimento de sua imagem:

[...] seus laços íntimos com os mais altos poderes da Hungria; seu contato indireto com os poderes do Terceiro Reich; seu acesso a tudo, desde uma ‘aeronave pessoal’ até o controle direto das câmaras de gás em Auschwitz’. ‘Eu sou um cão de caça!’; ‘Eu colocarei os moinhos de Auschwitz moendo!’; ‘Eu te darei os judeus que você quer.’; ‘Sangue por bens.’; ‘Eu informarei Himmler.’; ‘Eu acabarei com toda a sujeira judaica de Budapeste’.

(STANGNETH, 2015, p. 49)

Em outra ocasião Eichmann mostrava orgulhosamente aos visitantes do Escritório Central as suas ações, juntamente com o número de judeus agredidos, humilhados e empobrecidos, forçados a ir para o exterior para trabalhar como empregadas domésticas e buscar refúgio em outros cantos do mundo.

A experiência jubilosa resultante do exibicionismo de Eichmann confirma a ideia da satisfação vivida na condição da plena fusão com o objeto idealizado. Eu sou o ideal, o ego-ideal, proposto por Freud.

Entretanto, sabemos que a frustração dessa vivência deverá ocorrer para que o ego ideal seja substituído pelo reconhecimento do objeto, na condição de um outro. Assim, o ideal do ego poderá receber o investimento que outrora estava atribuído ao ego ideal. Esta saída reflete uma espécie de passagem do “talvez eu seja” para o “vir a ser”. A passagem do pretense absoluto ao dinâmico.

Claro que essa não era somente a experiência de Eichmann, o mesmo ocorria com o Reich. O “talvez eu seja” não estava seguro. As ameaças precisavam ser eliminadas

Para isso o alto escalão do Reich estava tramando coisas maiores.

---

<sup>202</sup> STANGNETH, 2015, p. 17.

## 5.7. A conferência de Wannsee: o ódio em cena

Em 1942 aconteceu a Conferência de Wannsee. As principais figuras do governo reuniram-se em 20 de janeiro de 1942. Eichmann esteve lá.

No entanto, no tribunal em Jerusalém, ele fez crer aos juízes que não era uma das figuras mais importantes. Disse ao tribunal que, embora tenha participado das reuniões de acompanhamento da Conferência, ele era apenas um relator, sem poderes decisórios.

Mas a Conferência termina com Heydrich instruindo a seus colegas que, em todos os assuntos relacionados com a “Solução Final”, Eichmann deveria ser consultado.

Heydrich oficialmente empossou Eichmann como coordenador de todos os esforços interministeriais para a questão judaica.

Semanas após a conferência, o ambicioso *Obersturmführer* (primeiro-tenente) recebeu a patente de *Obersturmbannführer* (tenente-coronel), tornando-se o chefe do Departamento da Gestapo IVB4, órgão responsável por toda a logística relacionada com os estudos e a execução do extermínio em massa.

Eichmann responderia a Heydrich, mas após seu assassinato, em junho de 1942, o *Reichsführer-SS* (Marechal – a mais alta patente do Reich) Himmler seria aquele a quem Eichmann deveria responder. Himmler, porém, entrega a Eichmann a responsabilidade completa pela tarefa.

No tribunal, o Eichmann que se disse relator na Conferência é questionado por seu advogado Robert Servatius sobre o teor do importante encontro em Wannsee. Eichmann caracterizou a reunião como o resultado da “luta pelo poder entre o Generalgovernment e Heydrich”<sup>203</sup>.

Servatius pediu a Eichmann que explicasse por que dissera a Sassen, na Argentina, que sentia uma “satisfação” quando a reunião terminou. Eichmann respondeu que até então ele havia lutado por uma emigração ordenada, voluntária ou compulsória, e nesse sentido aspirava dar aos judeus terras em Nisko ou Madagascar. Essa fase agora havia terminado, mas ele não foi responsável pelo que se seguiu. Completou dizendo que seu envolvimento na deportação de judeus estava limitado a horários de trens.

As mentiras revelam algumas verdades. De fato, Eichmann foi responsável pela deportação e pelo plano maluco de Madagascar, mas isso não aconteceu sem a experiência de

---

<sup>203</sup> CESARANI, 2006, p. 114.

absoluta humilhação dos judeus. Madagascar não aconteceu e Nisko era um poço de doenças, a antessala da morte.

Evidente que os seus relatos em Jerusalém buscavam a absolvição. Porém, ele não tinha a esperança de convencer o tribunal, pelo contrário, havia dentro dele a certeza de que as leis que norteavam o julgamento não se baseavam naquelas que ele entendia como as corretas.

A organização mental de Eichmann era diferente. Ele concebia que sua “lei” era superior à dos demais. Que seu mundo particular – a superioridade ariana que o alimentou na infância, e depois o Reich – estava acima dos demais. Sua organização mental não permitia que ele sequer pudesse reconhecer outra coisa, senão suas próprias convicções.

De outro modo, as convicções pré-genitais – do absoluto – deveriam fazer desaparecer as condições da genitalidade, esta marcada pela diversidade. A sua organização mental é submetida a um processo de idealização, seu mundo é superior ao demais. Iludido disso, mas não sozinho nesse empenho, a meta é o triunfo sobre os demais. Não há uma perspectiva de desenvolvimento, o ego está congelado na posição idealizada.

Tal convicção ele expressou à esposa em 1952. Eichmann disse a Vera que queria ser julgado na Alemanha e repetiu essa intenção para sua família ao longo dos anos que se seguiram. “Ele considerou entregar-se a um tribunal internacional na Europa”, lembrou seu filho mais tarde. “Estava bem claro que não sairia sem punição, mas não achava que receberia uma sentença dura. Pensou que poderia até mesmo ganhar a liberdade em quatro e seis anos”.<sup>204</sup>

Essa convicção expressa sua confiança na Alemanha, mas numa Alemanha que estava apenas em sua cabeça, visto, por exemplo, que após a guerra ela fora dividida em Ocidental e Oriental, com governos distintos. Ao que acrescenta Arendt: “Em resumo, o reino da legalidade não oferecia nenhuma alternativa para o rapto”.<sup>205</sup>

## **5.8. Dois mundos: o genocídio e a glória**

O “mundo superior” de Eichmann fica evidente após a promoção que coloca em suas mãos o destino dos judeus.

As atrocidades praticadas nos campos de extermínio são a expressão de um dos lados da mente de Eichmann, e o alto cargo na hierarquia nazista, o outro.

---

<sup>204</sup> STANGNETH, 2015, p. 213.

<sup>205</sup> ARENDT, 1999, p. 159.

Em seu mundo particular, um lado não viveria sem o outro. Nesse mundo, a ameaça estava nas mãos dos judeus. Ainda que aprisionados, o extermínio era a única solução definitiva.

Os judeus, eleitos com a miséria projetada, precisavam desaparecer para que a intimidação da própria miséria não se fizesse presente.

Num episódio em Minsk, que Eichmann busca justificar em Jerusalém, ele expõe as duas faces desse mundo particular.

Disseram a ele que cinco mil judeus “receberiam o deles”. Eichmann foi ver de perto.

Ele conta que “ficou parado no frio, vestindo o casaco de couro, enquanto os judeus eram forçados a tirar a roupa e caminhar até o poço da morte”.

Ao tribunal diz que ficou “impressionado” com a cena dos judeus andando em um ritmo constante e saltando para o fosso “sem oferecer qualquer resistência” até que “os atiradores dispararam em todos que estavam no buraco”.

Cesarani enfatiza que a intenção de Eichmann era “negar o seu nazismo e a sua ideologia antissemita”.<sup>206</sup> Imediatamente tendo a concordar. Todavia, a meu ver, essa cena comporta outra possibilidade: Eichmann pode ter associado essa cena à sua própria passividade histórica. O menino silente sob as ordens do pai, caminhando em ritmo constante numa vida sem sentido. Vejamos a passagem mais uma vez:

Por que essa cena demorou tanto na minha memória? Talvez porque eu tivesse filhos. Havia crianças naquele buraco. Eu vi uma mulher segurar uma criança de um ano ou dois no ar, implorando. Naquele momento, eu quis dizer: ‘Não atirem. Entregue a criança’. Então a criança foi atingida. Eu estava tão perto que depois encontrei pedaços de cérebro respingados no meu longo casaco de couro.

(EICHMANN, apud. CESARANI, 2006, p. 106)

Quem era aquela criança que lhe causou essa fixação?

Ele mesmo? Ou talvez um dos seus irmãos, que já bem cedo roubaram-lhe a esperança de ser ele mesmo o filho único?

O leitor se lembrará que em alguns parágrafos acima perguntei-me por que não há registros dos irmãos de Eichmann em suas memórias. Reforço a pergunta: terá sido o seu

---

<sup>206</sup> CESARANI, 2006, p. 106.

sadismo manifestado quando em qualquer momento da educação desses irmãos o pai severo os tenha humilhado com a severidade que era habitual?

Bem, Freud, em seu raciocínio exposto em “Uma Criança é Espancada”,<sup>207</sup> desenvolve, em três etapas, a ideia do sadismo transformado em masoquismo.

Culpado pela expressão de satisfação ao “ver” a cena, ele transforma seu sadismo em masoquismo a fim de ser ele mesmo objeto da punição que lhe causara satisfação.

Pois bem, Eichmann diz em sua exposição que quis dizer “entregue a criança”. Não o fez. Satisfação? Sim. Mas as marcas dos pedaços de cérebro em sua elegante roupa tingiram seu “triumfo”. Uma possibilidade. O recuo pela inversão do sadismo em masoquismo é mais uma manifestação do seu aprisionamento num mundo particular, pré-genital.

A possível ambivalência de sentimentos de Eichmann com a criança assassinada expõe uma possibilidade de compreensão dessa relação tão cruel. Freud enfatiza essa crueldade infantil no trabalho citado acima.

Em 1985, em seu livro *O coração informado: autonomia na era da massificação*, Bruno Bettelheim relatou suas experiências em campos de concentração e trouxe para o interior das reflexões psicanalíticas elementos importantes sobre a relação entre prisioneiros e soldados nazistas. As suas observações ilustram a relação regredida de soldados e prisioneiros em dois campos de concentração.

Embora muitos prisioneiros passassem vários dias sem ser molestados, quase não se passava uma hora em que eles ou seus companheiros não fossem ameaçados com um açoitamento. A imensa maioria dos presos passava pelos campos sem uma chicotada em público, mas a ameaça gritada de que iam levar as 25 lambadas no traseiro ecoava-lhes nos ouvidos diversas vezes ao dia. Ter de aceitar e acostumar-se ao fato de estar constantemente sob ameaça de um castigo tão infantil tornava muito mais difícil conservar a autoimagem adulta do que qualquer surreal.

Ameaças como essas, e também os palavrões com que a SS e os capatazes xingavam os prisioneiros, estavam ligadas quase que exclusivamente a esfera anal. “Merda” e “cu” eram tão comuns que raramente se chamava um prisioneiro de outra coisa parecia que se estavam envidando todos os esforços para rebaixar os presos ao nível em que estavam antes de aprenderem a usar o banheiro.

Por exemplo eram forçados a ficar molhados de urina e a defecar nas calças. No campo, toda a eliminação era estritamente controlada, era evento diário

---

<sup>207</sup> FREUD, 1986w.

importante, analisado em detalhes. Em Buchenwald, repetidamente proibiam-se os presos de defecar durante todo o horário de trabalho. Porém quando se abriam exceções, o prisioneiro tinha de pedir permissão a um guarda e depois contar a ele que tinha terminado, de uma forma que abalava a seu respeito próprio.

(BETTELHEIM, 1985, p. 108)

A cena proporciona uma dupla visão. Uma estratégia que levava à submissão, visando ao controle dos prisioneiros, e a proposição de uma “regressão” forçada. As agressões infringidas aos presos visavam um ataque direto contra o eu, forçando-os a uma condição de dependência infantil. Só que essa estratégia de ataque psicológico coincidia com a exortação dos conteúdos regredidos dos próprios soldados. Essa regressão forçada, banhada no mais influente sadismo, proporcionava a satisfação que aprisionava também os soldados no próprio mundo mental infantil. Lembremos que a “criança espancada” é, em certa medida, o próprio agressor.

A cena colocou Eichmann perto demais do horror. Eichmann era um homem que preferia os louros da guerra, mas longe das batalhas.

Tinha consciência de que a “confirmação” de seu louro vinha pela própria guerra. Ele reconhecia que sua “fama” havia surgido por causa da guerra.

Mas, quando afirma isso, está na Argentina, em 1950.

### **5.9. De volta às origens: Eichmann sem uniforme**

No final da guerra, Eichmann entra em uma espécie de caleidoscópio até chegar na Argentina. Serão três identidades diferentes para garantir a sua segurança.

Ironicamente, o Coronel da SS visita a miséria proporcionada pela falta de trabalho e só encontra abrigo em subempregos.

Será somente na Argentina, já com sua família, que o nazista procurado se estabilizará com um trabalho na empresa alemã Mercedes Benz.

Apesar do conforto de sua família, Eichmann parece não se encontrar. Aquele emprego que o jovem tentava conseguir, aproximadamente trinta anos antes, agora havia conseguido na empresa automobilística, mas, provavelmente do mesmo modo que em Linz, não fazia sentido.

Um trabalho simples nunca foi suficiente para Eichmann. Ele precisava do seu uniforme.

Aqui retomo a imagem proporcionada por Machado de Assis que apresentei no segundo capítulo, “O espírito introjetado”. Eichmann, além do uniforme, precisava do espelho.

O encontro com o chamado Círculo de Sassen proporcionou isso. O nazista acreditava, de modo silente, que com seu status, ainda que agora de um criminoso procurado, poderia conquistar a admiração de todos. Seu orgulho, altamente investido narcisicamente, o colocava fora do mundo. “Eu era um idealista”, repetia Eichmann às pessoas – “e um idealista trabalha pela honra e pela causa, não por dinheiro e esplendor”. Pelo menos em teoria, contesta Stangneth.<sup>208</sup>

Mas o espírito germânico, pulverizado entre aqueles que se identificaram com ele, abriu as portas para o encontro com Willem Sassen.

As entrevistas pretendiam recontar a história do III Reich. A atenção de Eichmann, para a nova versão da história, estava nos números do Holocausto. A sua matemática era “milagrosa”: fazia ressuscitar homens, mulheres e crianças assassinados nos campos de extermínio.

Os números de Eichmann eram bem diferentes daqueles que a história nos revelou. Disse, num desses encontros, que o número de mortos não chagou a um milhão – como se isso fosse pouco – mas que as deportações foram maiores.

Todavia, ainda existiam judeus no mundo. Por isso esses encontros ainda pretendiam revigorar o ideal nazista e para isso uma nova versão. Parece ter aprendido com Goebbels a manipular os fatos

Eichmann queria escrever um livro e publicar com a *Dürer Verlag*, de propriedade de um argentino de ascendência alemã. O projeto envolvia Willem Sassen, Eberhard Fritsch (o dono da editora) e Eichmann. Mesmo que fossem idealistas, queriam ganhar dinheiro.

A persistência de seu sistema de autorreferência o impulsionava a ser visto. Precisa a todo custo, mesmo arriscando sua identidade, ser visto e reconhecido por seus pares.

Apesar de sustentar a identidade de Ricardo Klement na cidade e no trabalho, Eichmann estava reaparecendo no espelho. Além disso, a caçada pelo nazista continuava desde Nuremberg, em 1946.

Em 1953, Simon Wiesenthal teve acesso, por meio de um colecionador de selos, a uma carta da Argentina que continha um notável *Post scriptum*: “Você nunca vai adivinhar quem eu

---

<sup>208</sup> STANGNETH, 2015, p. 125.

vi aqui [...] aquele porco miserável Eichmann, que estava no comando dos judeus. Ele mora perto de Buenos Aires e trabalha para uma empresa de abastecimento de água”.<sup>209</sup>

O homem que ele estava procurando estava escondido na Argentina. Wiesenthal correu para casa e escreveu uma carta datada de 24 de março de 1953 para Arie Eschel, o cônsul israelense em Viena, contando-lhe sobre o incidente.

Desse momento até a captura pelo Mossad serão muitas investigações até encontrar a exata localização e a maneira de leva-lo a Israel.

A equipe autorizada pelo primeiro ministro de Israel, David Ben-Gurion, capturou Eichmann perto da sua casa, a 20 km ao norte do centro de Buenos Aires, em 11 de maio de 1960.

Em Israel, Eichmann aguardou seu julgamento por nove meses na sede da polícia, em Yagur.

Esse tempo foi suficiente para que o prisioneiro pudesse receber a visita de psiquiatras que o examinaram, e, como afirmou Arendt: Eles “atestaram a sua ‘normalidade’ — ‘pelo menos, mais normal do que eu fiquei depois de examiná-lo’, exclamou um deles”.<sup>210</sup>

É de se notar que a revelação em etapas da personalidade de Adolf Eichmann obedece ao acesso as informações que, por muito tempo, ficaram guardadas. Do Eichmann de Arendt ao Eichmann de Stangneth, vai se descobrindo um homem, tanto quanto ele mesmo pode se descobrir.

As gravações que apresentam o Eichmann que “explodiu” depois de 1942 fazem contraste com a personalidade daquele de Linz. E elas também confirmam o quanto suas ambições ganham potência quando ele está na presença de alguém que reflete seus anseios.

Mas, no ano 2000, por ocasião do julgamento “Irving versus Lipstadt”,<sup>211</sup> a respeito da polêmica negação do Holocausto, o governo israelense considerou uma oportunidade conveniente para permitir acesso às “Memórias” de Eichmann, escritas na prisão. Curiosamente, as “Memórias” do nazista que, de diversas formas negou o Holocausto, seriam utilizadas contra sua negação.

---

<sup>209</sup>“O último caçador de nazistas”. Jornal O Globo, 21/09/2005, Caderno O Mundo, p. 28. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/393590/noticia.htm?sequence=1>

<sup>210</sup> ARENDT, 1999, p. 19. Não tive acesso aos resultados desses testes, senão sob a forma de artigos de revistas não especializadas, o que não me fez sentir-me autorizado em registrá-los. Entretanto, utilizarei de informações de um desses artigos para saber um pouco desses últimos dias de Eichmann.

<sup>211</sup> LIPSTADT, 2017. O leitor poderá assistir ao filme baseado no livro: “Negação” (2016). Dirigido por Mick Jackson.

O julgamento “Irving versus Lipstadt” foi um processo por difamação que o polêmico e duvidoso historiador britânico David Irving havia apresentado contra a americana Deborah Lipstadt, contestando o Holocausto.

As “Memórias” de Eichmann<sup>212</sup> contêm relatos do extermínio de judeus, e poderia servir para defesa combater as reivindicações que visavam a negação. Porém, o manuscrito de Eichmann não chegou em tempo de ser utilizada pela defesa, que, apesar disso, obteve sucesso em seu trabalho.

Para o meu propósito, as “Memórias” são um documento curioso. Eichmann escreveu-as na solidão de sua cela, à sombra da forca.

Ele pretendia que o documento pudesse explicar e servir de desculpas pela sua participação na Solução Final e absolvê-lo da responsabilidade pelo genocídio.

O prisioneiro, em sua busca pela visibilidade, pretendia que as “Memórias” fossem publicadas na forma de um livro, e chegou a fazer sugestões para a cor da capa.

Nesse documento o que se pode ver é o nazista apresentar os “Eichmanns” que o habitava.

Como pude demonstrar algumas vezes nesse trabalho, havia um Eichmann educado, sedutor, oriundo de uma boa casa de classe média, e outro que afirmou que “pularia rindo na sua sepultura, porque a sensação de ter matado seis milhões de judeus era extraordinária”.<sup>213</sup>

Algumas passagens do manuscrito são ilustrações perfeitas dessa divisão da mente de Eichmann. Diz ele no manuscrito:

A própria atitude, a própria reação aos eventos do dia, está sujeita a uma auto-observação espiritual, na qual meu eu externo exerce um tipo de diálogo com o meu “eu” interior - que também poderia ser chamado consciência. Então, com base nessa "conversa", meu “eu” interior assume sua posição, uma posição que eu registro como "calmante" ou “perturbador”. Dependendo da minha condição psíquica, sinto uma ressonância na minha condição física. Se alguém aprecia a calma interior e uma certa harmonia pulsante, como eu, ou usar uma expressão familiar de meus anos pré-guerra, se alguém aprecia “serenidade interior silenciosa” mais do que qualquer outra coisa, então tudo será feito para restaurar a ordem no interior da desordem, ou pelo menos tente fazê-lo.

(EICHMANN, apud. BRUNNER, 2000, p. 32)

---

<sup>212</sup> BRUNNER, 2000.

<sup>213</sup> CESARANI, 2006, p. 197.

Na antessala da sua sentença, quando as esperanças estavam no fim, a expressão da sua trajetória se faz escrita em suas memórias. Aquele que, nas palavras de Arendt, parecia não pensar, revela suas reflexões.

### **5.10. Tornando-se um psicopata**

Em “Personagens Psicopáticos no Palco”,<sup>214</sup> Freud argumenta que a finalidade do drama, exposto nas páginas de uma obra literária ou levadas à cena, num palco, visa a despertar o “terror e a comiseração” àqueles que se sentem atraídos pelas suas tramas.

Pois bem, o nome desse trabalho, que aqui vai chegando às suas considerações finais, indica Eichmann como alguém que se tornou um psicopata. Por essa indicação, inadvertidamente, o leitor pode ter procurado nas páginas que leu até aqui as descrições clínicas que o caracterizassem como um psicopata, ou as razões fundamentadas na sua infância para tal desfecho. Mas, o que encontrou foi o destaque para algumas condições socioculturais que revelaram e, por que não dizer, ofereceram os elementos identificatórios para a expressão dos impulsos perversos do nazista.

Portanto, por meio da consideração das referências biográficas apresentei um homem que, no encontro de suas características psicológicas e o cenário do III Reich, tornou-se o viabilizador dos assassinatos em massa.

Freud, no trabalho citado acima, indica na tragédia de Hamlet uma situação semelhante.

O primeiro desses dramas modernos é Hamlet. Seu tema é a maneira como um homem até então normal torna-se neurótico devido à natureza particular da tarefa com que se defronta, ou seja, um homem em quem uma moção até ali recalcada com êxito esforça-se por se impor.

(FREUD, 1986q, p. 161)

O assíduo leitor de Shakespeare não se dedica nesse trabalho ao exame profundo da tragédia de Hamlet, mas oferece, ao propósito do ensaio, três características que identificou na estratégia do escritor para levar o leitor ao seu objetivo.

A primeira delas refere-se à apresentação do herói. Diz Freud: “O herói não é um psicopata, transformando-se em tal apenas no decorrer da ação”.<sup>215</sup>

---

<sup>214</sup> FREUD, 1986q.

<sup>215</sup> Idem, p. 161.

O mesmo vimos nos registros biográficos de Eichmann. Ele foi uma criança normal. Não apresentou sinais de qualquer perturbação. No entanto, ao longo de sua vida, os contextos nos quais esteve inserido proporcionaram aquilo que Freud evidencia na segunda característica da obra literária: a mobilização do recalcado.

Uma parcela do recalcado é aquilo que permite a todos, pelo menos à maioria de nós, nos desenvolvermos. A possibilidade da civilização está nesse recalque. No entanto, a teoria psicanalítica nos instruiu sobre a força insistente desse material contido. O recalque, de valor fundamental, sofre com a ação do recalcado sobre a consciência.

A linha tênue que se faz entre a mobilização do recalcado, com fins ao desenvolvimento, e a sua expressão de forma bruta com fins à satisfação narcísica, revela-se na forma de um território de conflitos intermediado pela castração.

O espectador de Hamlet identifica-se com o herói ao mesmo tempo que mergulha nesse território de conflitos.

Freud destaca as várias situações que “aguçam” esse material recalcado. Entre elas está a trama apresentada pelo escritor. O leitor, ou o espectador da apresentação teatral, está diante da contestação desse recalque quando ele é apresentado na trajetória de um personagem “normal”, como qualquer um que assiste ao espetáculo. Freud conclui seu raciocínio dizendo que

[...] essas duas características facilitam que nos reconheçamos no herói; somos susceptíveis ao mesmo conflito que ele, pois ‘quem não perde a razão em certas circunstâncias não tem nenhuma razão a perder’.

(FREUD, 1986q, p. 161)

Ainda que errante em seus propósitos profissionais, o jovem Eichmann tinha uma razão a perder, e a perdeu quando encontrou a notoriedade que idealizou desde sua infância.

A linha tênue foi atravessada sem o propósito do desenvolvimento civilizatório.

No período de 1937 a 1941, Eichmann recebe as promoções que lhe deram a visibilidade que os anos anteriores apenas prometiam como “solução” à sua existência obscura. A Conferência de Wannsee, em 1942, coroou essa busca.

As promoções e a missão recebidas na Conferência proporcionaram a identificação com o herói que habitava Eichmann. Da mesma forma que Freud pensou aquilo que é oferecido ao espectador, ou seja, a identificação com a figura do herói e que dá vazão aos seus fantasmas perversos.

O herói introjetado em Eichmann refere-se à sua tragédia pessoal – não conseguir atender às expectativas do pai como o bem-sucedido filho primogênito; as promoções dentro do Reich não visavam o Reich, mas sua ambição particular. E aqui mora a perversão do nazista.

As intenções pré-edípicas de Hamlet se atualizam na identificação com o tio que assassina o irmão e casa com a mãe do príncipe da Dinamarca.

Ainda nesse mesmo trabalho, Freud indica uma terceira característica. Diz-nos que a ação perversa não é revelada como tal, está disfarçada na tarefa heroica do personagem. O disfarce permite que o espectador reviva suas intenções perversas sem percebê-las como tal.

O antissemitismo, a purificação da raça e a recuperação da “soberania” do povo alemão, expressa na superioridade ariana, foram, inúmeras vezes, apresentadas como “missões” naturais do povo germânico. Posso dizer que a perversão de cada um se identificava com os discursos nazistas.

O discurso nacionalista, que tinha grande adesão da população, dissimulava o caráter perverso do extermínio do diferente, até porque, inicialmente, era apenas uma “disfarçada” deportação.

O fenômeno nazista, o regime perverso, mobilizava a todos. Eichmann não foi o único a relatar de forma tranquila e “normal” o genocídio. O julgamento de Nuremberg atestou largamente isso. A população alemã, alheia ao genocídio praticado nos campos de concentração, concordava com a humilhação e a “*Judenrein*”.

Roudinesco descreve o fenômeno apontando para o caráter perverso do sistema:

O que choca nos depoimentos dos genocidas nazistas é que a pavorosa normalidade de que eles dão prova é efetivamente o sintoma não de uma perversão no sentido clínico do termo (sexual, esquizóide ou outra), mas de uma adesão a um sistema perverso que sintetiza, sozinho, o conjunto de todas as perversões possíveis.

(ROUDINESCO, 2008, p. 109)

Freud, abordando a estratégia do escritor em viabilizar a identificação com os motivos do herói enfatiza:

Poupa-se desse modo, sem dúvida, uma certa dose de resistência, tal como a que encontramos no trabalho analítico, onde os retornos do recalçado, por provocarem uma resistência menor, chegam à consciência, ao passo que o próprio recalçado não consegue fazê-lo.

(FREUD, 1986q, p. 161)

É dessa maneira que a trajetória de Eichmann culmina com o gerenciamento da viabilização do extermínio. O genocídio, igualmente o assassinato do pai de Hamlet – desejo assumido pelo herói em seus delírios – configuram a psicopatia de Eichmann e Hamlet.

Todavia, a sublimação pela arte permite que autor e leitor vivenciem suas perversidades. Mas, com Eichmann e a Alemanha foi diferente: eles a tornaram ato.

A psicopatia de Eichmann difere da proposta na literatura shakespeariana pela efetivação do genocídio.

Porém, não precisamos abandonar Shakespeare para pensar essa passagem ao ato.

Em um trabalho posterior, “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”,<sup>216</sup> de 1916, Freud se utiliza de outra obra do dramaturgo inglês para enfatizar o caráter “atraente” dos elementos perversos.

No monólogo inicial do futuro rei da Inglaterra, Ricardo III, o dramaturgo apresenta suas imperfeições físicas e o quanto a natureza foi injusta com sua existência.

Eu, [...] desprovido de todo encanto pela pérfida natureza; disforme, inacabado, enviado por ela antes do tempo para este mundo dos vivos; terminado pela metade e isso tão imperfeitamente e fora de moda que os cães ladram para mim quando paro perto deles.

(SHAKESPEARE, *Ricardo III*, Ato I Cena I)

Enfatiza Freud que esse é o convite para a identificação. O espectador, que invariavelmente se sente injustiçado pela natureza, encontra em Ricardo III um semelhante.

Agora, sentimos que nós mesmos poderíamos ficar como Ricardo; que em pequena escala, realmente, já somos como ele. Ricardo é uma enorme ampliação de algo que encontramos em nós mesmos. Todos nós pensamos que temos motivo para repreender a Natureza e o nosso destino por desvantagens congênicas e infantis; todos exigimos reparação por antigos ferimentos ao nosso narcisismo, ao nosso amor-próprio.

(FREUD, 1986c, p. 163)

---

<sup>216</sup> FREUD, 1986c.

Ainda que a fórmula shakespeariana, bem revelada em Hamlet, tenha sua origem no período em que escreve Ricardo III, o que se vê é o convite do escritor para a identificação com aquele que se tornará um tirano.

Eichmann não deve nada a Ricardo III e Hamlet no que diz respeito a oferecer-se como objeto de identificação da injustiça.

Em Jerusalém, nas entrevistas preliminares ao seu julgamento, declara que seus pais

[...] não teriam se enchido de alegria com a chegada de seu primogênito se fossem capazes de ver que, na hora de meu nascimento, para provocar o gênio da felicidade, o gênio da infelicidade já estava tecendo os fios de dor e tristeza em minha vida. Porém um véu suave e impenetrável impedia meus pais de enxergar o futuro.

(EICHMANN, apud. ARENDT, 1999, p. 39)

O que devo retirar, inicialmente, dessa trama do último rei dos York, do príncipe da Dinamarca e do Arquiteto da Solução Final são suas habilidades em convencer sua plateia aos seus propósitos. Utilizar-se de suas deformidades, seus infortúnios para magnetizar os equivalentes em seu alvo.

Enéias Farias Tavares aponta para o uso de falsidades e mentiras no jogo argumentativo que compõe o personagem de Shakespeare.

Ricardo não é apenas um mestre da falsidade e da maquinação política e criminosa, mas também é um hábil artífice da conversa verborrágica e do convencimento por meio da linguagem.

(TAVARES, 2008, p. 125)

Eichmann, motivado pela sua forte necessidade de colocar-se diante do outro como objeto de admiração, começou seus trabalhos com os líderes judeus convencendo-os a dar-lhe informações sobre seus hábitos e costumes, além de argumentar sobre as “vantagens” da deportação.

A ânsia pelo reconhecimento, que em nada tem a ver com as propostas nazistas, encontra na posição de membro da SS uma oportunidade. A farda oferecida pelo sistema o coloca diante dos judeus e entregue aos impulsos perversos.

Logo ao chegar no Escritório Central da Emigração Judaica, tratou de procurar os representantes da comunidade judaica, que estavam todos presos. Libertou-os para abrir

negociações sobre a emigração.<sup>217</sup> A relação que, de um lado está marcada pela “negociação”, guarda em seu subterrâneo a satisfação da usurpação do outro com quem “negocia” em nome do Reich.

Nessa mesma linha de ação, é bom lembrar que a deportação para Nisko em 1939, um esgoto a céu aberto, foi uma obra de convencimento. Conta o oficial da SS, Erich Rajakowitsch, que Eichmann levava as ordens de Hitler aos judeus:

“[...] o Führer tinha prometido aos judeus uma nova pátria”. No entanto, revela o oficial sobre suas conversas com os prisioneiros: “Não há moradias, não há casas. Se vocês construírem, haverá um teto sobre suas cabeças. Não há água, os poços de toda a região estão contaminados com cólera, disenteria e tifo. Se cavarem e encontrarem água, terão água”.

(ARENDDT, 1999, p. 49)

Com Nisko Eichmann atendia a duas missões: o cumprimento das ordens de Hitler e impressionar os seus chefes.

Além desse episódio, descrevi outro próximo ao final da guerra.

Em 1944, Eichmann foi designado para supervisionar a construção de uma instalação perto Müncheberg. Ele recrutou 235 judeus em Theresienstadt que realizaram a tarefa manualmente. Os trabalhadores-prisioneiros foram incentivados a escrever cartas para a família e amigos informando de que estavam retornando de Theresienstadt. A mentira visava a convencê-los de que estariam sendo libertados do campo.<sup>218</sup> Nada disso.

Em outra situação, esta na condição de réu em Jerusalém, ele tenta colocar-se de forma “colaborativa” com os juízes. Ainda que se deva levar em consideração que um réu, com grandes chances de ser condenado à morte, pudesse ver na “colaboração” a mínima chance de ter sua pena atenuada, Eichmann não colabora dessa forma. Ao ser solicitado, no início do julgamento, que jurasse sobre a bíblia, ele se recusa alegando ser um *Gottgläubiger*.<sup>219</sup> Além disso, não parecia ser essa a intenção de Eichmann – ter sua pena atenuada – mas poder “convencer” a corte de sua inocência. A forma para isso: colaborar de forma a ser identificado como uma pobre alma que apenas obedecia às ordens. Tal como qualquer um que ali estava e que, como afirma Freud, sente-se injustiçado pela natureza.

---

<sup>217</sup> ARENDT, 1999, p. 31.

<sup>218</sup> CESARANI, 2006, p. 160.

<sup>219</sup> Cf. ARENDT, 1999, p. 20: *Gottgläubiger* é termo nazista usado para aqueles que haviam rompido com o cristianismo.

Para isso se utiliza dos mesmos recursos que colocou em prática tantas vezes com os judeus que levou à morte.

Diz no julgamento: “Um dos poucos dons com que o destino me abençoou é a capacidade para a verdade, na medida em que ela depende de mim”.<sup>220</sup>

Entretanto, sabemos que suas convicções antisemitas que o levaram a viabilização do extermínio, desqualificadas no tribunal, poucos anos antes estavam sendo exaltadas nas conversas com Sassen.

Ricardo III assassinou o próprio irmão e convenceu a viúva a desposá-lo. E, depois, se pergunta sobre sua façanha: “teria algum dia alguma mulher sido cortejada assim?”<sup>221</sup>

No tribunal, a linha de raciocínio de Eichmann seguia na direção que apontava para: “eu apenas cumpri ordens!” Nas palavras de Arendt: “Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia a ordens, ele também obedecia à lei”.<sup>222</sup>

Ricardo III, quando se aproximou da viúva do seu irmão, com intenções de desposá-la, ouviu do coração ferido da jovem terríveis palavras:

Ana – Demônio imundo vai-te por amor de Deus, e não nos atormentes; que da terra feliz fizeste o teu inferno, encheste-a com gritos de maldição e com profundos clamores. Se te deleitas em contemplar teus feitos odiosos, põe os olhos neste exemplo de tua consciência.

(SHAKESPEARE, *Ricardo III*, Ato I Cena II)

Mas este mesmo demônio, quando perguntado sobre o assassinato do marido da mulher que deseja, responde:

Ricardo – Não matei o teu marido.

Ana – Então é que ele está vivo.

Ricardo – Não está morto, e foi abatido pela mão de Eduardo.

Ana – Maior mentira nunca o mundo ouviu. A rainha Margarida viu a tua lamina assassina fumegante do seu sangue, a mesma que apontaste contra o peito seu mas cuja ponta os teus irmãos desviaram.

Ricardo – Fui provocado pela língua injuriosa da rainha que lançava a culpa que eles tinham sobre os meus ombros sem culpa.

---

<sup>220</sup> Apud. ARENDT, 1999, p. 36.

<sup>221</sup> SHAKESPEARE, *Ricardo III*, ato I cena II.

<sup>222</sup> ARENDT, 1999, p. 84.

Ana – Foste provocado pelo teu espírito perverso que nunca sonha com mais nada senão carnificinas. Não mataste este rei?

Ricardo – Concedo-vos que sim.

[...]

Ricardo – Melhor para o Rei dos céus que o tem agora.

Ana – Está nos céus, onde tu nunca entrarás.

Ricardo – Deixai que ele me agradeça para lá tê-lo enviado, pois era o seu lugar, mais esse que na terra.

(SHAKESPEARE, *Ricardo III*, Ato I Cena II)

Eichmann condenando à morte milhares de pessoas e Ricardo III assassinando o irmão e manchando de sangue o reino; o nazista buscando atingir a notoriedade e o Rei conquistando a viúva Anne; tudo isso nos leva a perguntar sobre as razões de seus crimes.

O poder? Não. Creio que as ações de ambos foram apenas meios para usurpar os túmulos, dançando sobre eles ou, como Ricardo III, seduzindo a jovem viúva.

As intenções mantêm-se no exercício próprio da habilidade de domínio sobre o outro. Ter a admiração, construir frases de efeito, são artifícios para essa experiência que destitui o outro do seu lugar de alteridade.

No que se refere à civilização, Roudinesco adverte que a perversão é um fenômeno “político, social, psíquico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas”.<sup>223</sup> Ou seja, a perversão não está esquecida na origem da civilização. A alteridade é sempre um limite que se tenta transgredir.

O recalque dos impulsos perversos, nas palavras de Roudinesco, garante à “espécie humana a subsistência de seus prazeres e transgressões”<sup>224</sup>. A psicanalista pergunta: “o que faríamos sem Sade, Mishima, Jean Genet, Pasolini, Hitchcock e muitos outros que nos deram as obras mais refinadas possíveis?”. E continua: “que faríamos se não pudéssemos apontar como bodes expiatórios — isto é, perversos — aqueles que aceitam traduzir em estranhas atitudes as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?”.<sup>225</sup>

Mas, uma coisa é viajarmos em direção ao lado mais obscuro de nós mesmos por meio da literatura, outra é assistirmos aos genocídios e apenas tornar seus autores insanos, bodes expiatórios ou até mesmo, tal como a hipocrisia religiosa, chamá-los de demônio.

---

<sup>223</sup> ROUDINESCO, 2008, p. 11.

<sup>224</sup> Idem.

<sup>225</sup> Idem.

A perversão de Eichmann, concluiu, encontrou no “enredo” nazista a possibilidade de expressão. Um psicopata? Sim, tornou-se um.

Antes mesmo de levá-lo ao necessário julgamento, são as formas totalitárias quem carecem de nossa atenção.

Assim, encerro com as palavras de Roudinesco:

Sejam sublimes quando se voltam para a arte, a criação ou a mística, sejam abjetos quando se entregam às suas pulsões assassinas, os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos.

(ROUDINESCO, 2008, p.11 )

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, Karl. *Teoria Psicanalítica da Libido*, Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ADORNO, T. W. “A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda”. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4127202/mod\\_resource/content/1/ADORNO-Theodor-W-a-Teoria-Freudiana-e-o-Modelo-Fascista-de-Propaganda.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4127202/mod_resource/content/1/ADORNO-Theodor-W-a-Teoria-Freudiana-e-o-Modelo-Fascista-de-Propaganda.pdf) , 2012.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, 1ª edição, São Paulo: Ed. Boitempo, 2008.
- AGUIRRE-ESCAMILLA, Virgínia; MALISHEV-KRASNOVA, Mikhail. “Hannah Arendt: Totalitarismo e seus horrores (parte um)”, *The Hive* , [SI], n. 70, p. 5-17, out 2017. Disponível em: <https://lacolmena.uaemex.mx/article/view/5697>
- ALBUQUERQUE, M. C.; SILVA, D. G. G.. “Hail Arminius! O Pai dos Alemães!: a construção mítica da Unificação Alemã entre 1808 e 1875”, *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, pp. 330-355, maio/ago, 2017.
- AMORIM GARCIA, Claudia; PENNA, Carla. “Reflexões em torno do conceito de inconsciente social”, *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 15(1): 46-56, abril, 2015.
- ANZIEU, Didier. *O grupo e o inconsciente: o imaginário o imaginário grupal*, 1ª edição, São Paulo: casa do psicólogo, 1993.
- ARANTES, Maria Auxiliadora de Almeida Cunha, “Crimes contra a humanidade – reflexões a partir de Nathalie Zaltzman”, *Boletim do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae*, n. 11, novembro de 2009.
- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Origens do totalitarismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (1949).
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.
- BARROSO, Gustavo. “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, resumo do texto traduzido e apostilado, 1936.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.
- BETTELHEIM, Bruno. *O coração informado: autonomia na era da massificação*, Paz e Terra, 1985.

BERRY, Nicole. *O sentimento de identidade*, 1ª edição, São Paulo: ed. Escuta, 1991.

BREPOHL, Marion (org.) *Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois*, 1ª edição, Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BRUNNER, José. “Eichmann's Mind: Psychological, Philosophical, and Legal Perspectives”. Vol 1, No 2, The Buchmann Faculty of Law, Tel Aviv University, 2000.

CANETTI, E. *Massa e poder* (1960), 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CESARANI, David. *Becoming Eichmann: rethinking the Life, Crime, and Trial of a 'desk murderer'*, United States: da Capo Press., 2006.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *El ideal del yo: ensayo psicoanalítico sobre la 'enfennedad de idealidad'*, 1ª edição, Espanha: Amorrortu editores, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Ideal de Ego*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1992.

CROCE, B. *Historia de Europa en el siglo XIX*. Buenos Aires: Ediciones Imán, 1950.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*, 7ª edição, Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DOS SANTOS, Paulo César. “Um olhar sobre as exposições universais”, XXVII Simpósio Nacional de História. RN, 2013 disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918\\_ARQUIVO\\_CesarANPUH1.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362520918_ARQUIVO_CesarANPUH1.pdf)

ECO, Umberto. “O Fascismo Eterno”, in: *Cinco Escritos Morais*, Tradução: Eliana Aguiar, Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

ELIAS, Norbert, *Envolvimento e alienação* (1983), 1ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Vol. 1 e Vol. 2, 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ETCHEGOYEN, R. “Identification and its vicissitudes”, *International Journal of Psychoanalysis*, 66, 1985, pp. 3-19.

EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich* (tradução Lúcia Brito), 1ª edição, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Terceiro Reich no poder*, 1ª edição, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FERENCZI, Sándor. *O conceito de introjeção*, in. *Obras completas Sándor Ferenczi*, vol. I, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

\_\_\_\_\_. *‘Psicologia de Grupo e Análise do Ego’ de Freud* in. *Obras completas Sándor Ferenczi*, vol. III, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

\_\_\_\_\_. *Sugestão e Psicanálise*, in. *Obras completas Sándor Ferenczi*, vol. I, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991c.

\_\_\_\_\_. *Transferência e introjeção* in. *Obras completas Sándor Ferenczi*, vol. I, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991d.

FLACKSMAN, Dora (trad.) *Sigmund Freud e Lou Andreas-Salomé: Correspondência Completa*, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FERNANDES, Marisa. “O Papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na I e na II Guerras Mundiais”, *Revista Nação e defesa* nº 129, Lisboa, 2011.

FREUD, Sigmund. “A Distorção nos Sonhos”, In. *A Interpretação dos Sonhos* (1900) ESB vol. 4. 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986a.

\_\_\_\_\_. “Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo” (1925), ESB, vol. XIX, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986b.

\_\_\_\_\_. “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, ESB vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1986c.

\_\_\_\_\_. “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909), ESB Vol. X, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986d.

\_\_\_\_\_. “As neuropsicoses de defesa” (1894), ESB, Vol. 3, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986e.

\_\_\_\_\_. “A Psicopatologia da vida cotidiana” (1901). ESB, vol. 6, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986f.

\_\_\_\_\_. “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), ESB, Vol. 9, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986g.

\_\_\_\_\_. Conferência XXXI: “A dissecação da personalidade psíquica (1933a [1932]), ESB vol. XXII, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986h.

\_\_\_\_\_. “Conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais 1916-1917”, ESB, Vol. 16, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986i.

\_\_\_\_\_. “Construções em Análise” (1937) ESB vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1986j.

\_\_\_\_\_. “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância” (1910) ESB, Vol. 11, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986k.

\_\_\_\_\_. “Linhas de progresso na terapia psicanalítica” (1919 [1918]) ESB Vol. XVII, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986l.

\_\_\_\_\_. “Luto e Melancolia” (1917[1915]), ESB, Vol. XIV, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986m.

\_\_\_\_\_. *Manuscrito inédito de 1931*, 1ª edição, São Paulo: Ed. Blucher, 2017.

\_\_\_\_\_. “Moisés e o monoteísmo” (1939), ESB, Vol. 23, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986n.

\_\_\_\_\_. “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise: Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung” (1933a [1932]) ESB, Vol. XXII, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986o.

\_\_\_\_\_. “O futuro de uma ilusão” (1927c), ESB, Vol. 13, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986p.

\_\_\_\_\_. “Personagens Psicopáticos no Palco” (1942 [1905 ou 1906]), ESB, Vol. VII, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986q.

\_\_\_\_\_. “Por que a guerra?” (1933). In ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1986r.

\_\_\_\_\_. “Psicologia de grupo e a análise do ego” (1921), ESB Vol. XVIII, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986s.

\_\_\_\_\_. “Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar” (1893), ESB vol. 2, 1ª edição, Rio de Janeiro, Imago, 1986t.

\_\_\_\_\_. “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução” (1914), ESB, Vol. XIV, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986u.

\_\_\_\_\_. *Thomas Woodrow Wilson, um Estudo Psicológico*. RJ: Ed. Graal. 1984.

\_\_\_\_\_. “Totem e tabu” (1912-13), ESB, vol. 13, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986v.

\_\_\_\_\_. “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões”, ESB, vol. XVII, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986w.

\_\_\_\_\_. “Uma neurose demoníaca do século XVII” (1923[1922]), ESB, Vol. 19, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986x.

FROMM, Erich. *Medo à Liberdade*, 14ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *O mal radical em Freud*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GAY, Peter. *A cultura de Weimar*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Freud: uma vida para nosso tempo*, 1ª edição, São Paulo: Companhia das letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O coração desvelado: A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*, 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GELLATELY, Robert; GOLDENSOHN, Leon. *Entrevistas de Nuremberga*, 1ª edição, Lisboa: Edições tinta da china, 2006 (2004).

GIDDENS, Anthony. *A transformação da identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 1ª edição, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *The Occult Roots of Nazism*, Londres: Tauris Parke Paperbacks, 2004.

\_\_\_\_\_. *The Occult Roots of Nazism: secret Aryan cults and their influence in Nazi ideology*, Nova York: NY University Press, 1985.

GREEN, André. *Narcisismo de vida, Narcisismo de Morte*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Escuta, 1988.

GUIMARÃES, S. P. “Nação, nacionalismo”, Revista de informação legislativa, v. 45, n. 179, p. 245-256, jul./set., 2008.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf* (1925), versão on-line, disponível em: [www.InLivros.net](http://www.InLivros.net) .

JÄGER, Herbert. “Betrachtungen zum Eichmann-Prozess”, in. *Kriminologie und Strafrechtsreform*, 1962, apud. ARENDT, *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Jornal O Globo, “O último caçador de Nazistas”, Caderno O Mundo, p. 28. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/393590/noticia.htm?sequence=1>, 21/09/05

KATZ, Chaim Samuel. “Nazismo e Psicanálise e outras relações”, in *Psicanálise e nazismo*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1985.

KEEGAN, John. *Uma história das guerras*, 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KHAN, Laurence. *Ce que le nazisme a fait à la psychanalyse*, 1ª edição, Paris: PUF, 2018.

KIMMELMAN, Michael. “50 Years After Trial, Eichmann Secrets Live On”. The New York Times, 05 de setembro de 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/05/09/arts/anniversary-of-adolf-eichmanns-trial-sheds-light-on-postwar-germany.html>

KLEIN, Melanie. “Sobre a identificação” (1955), in *Melanie Klein: Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEMPERER, Victor. *LTI: A linguagem do terceiro Reich* (Tradução Miriam Bettina Oelsner), 1ª edição, Rio de Janeiro: Contraponto editora, 2009.

LA BOÉTIE, Étienne. *Discurso da servidão voluntária* (1546 - 1555), 2ª edição, São Paulo: Martin Claret, 2009.

LAGACHE, D., *La psychanalyse et la structure de la personnalité*, in *la Psychanalyse*, Paris, PUF, VI, 1958, p. 39

LAPLANCHE, Jean. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*, 1ª edição, Rio Grande do Sul: Artes Médica, 1988.

\_\_\_\_\_. *Vida e morte em psicanálise*, 1ª edição, Rio Grande do Sul: Artes Médica, 1985.

LE GOFF, J. *Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIPSTADT, Deborah E. *Negação* (tradução de Mauricio Tamboni), 1ª edição, São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

LONGERICH, Peter. *Heinrich Himmler: uma biografia*, editora Objetiva, 2013.

LOROT, P.; THUAL, F. *La Géopolitique*. Paris: Montchrestien, Paris: Montchrestien, 1997.

MACMILLAN, Margaret. *A Primeira Guerra Mundial, que acabaria com as guerras*, 1ª edição, São Paulo: Editora Globo, 2014.

MANNONI, Maud. *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

MASSON, Jeffrey Moussaieff (org.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, Ricardo. *A Sombra de Don Juan e outros ensaios*, 1ª edição, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. *A vingança da esfinge: ensaios de psicanálise*, 2ª edição, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. “Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi” in. Revista *Percurso*, nº 10 /1 1993. p. 23, São Paulo: Departamento de Psicanálise Instituto Sedes Sapientiae, 1993.

\_\_\_\_\_. *Freud: Pensador da Cultura*, 5ª edição, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. *Intervenções*, 1ª edição, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Sociedade, cultura, psicanálise*, 1ª edição, São Paulo: Ed. Blucher, 2017.

MIRANDA, Carmen Lúcia Sales. *Identidade: Síntese das múltiplas identificações*, 1ª edição, São Paulo: ed. Cabral, 1998.

NUNES, Wander Luiz Demartini. “1986 – “Do nacionalismo cultural ao anti-hitlerismo: a evolução dos escritos políticos de Thomas Mann (1914 - 1945)”, Universidade Federal do Espírito Santo, 2017. Dissertação de mestrado.

OHLER, Norman. *High Hitler: como o uso das drogas pelo führer e pelos nazistas ditou o ritmo do III Reich*, 1ª edição, São Paulo: Editora Planeta, 2017.

PAOLA, Heitor de. “A Tradição Teutônica e as Raízes Ocultistas do Nazismo”, Parte 6. Disponível em: [http://rplib.com.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=3871:do-alto-do-meu-sof%C3%A1&Itemid=545](http://rplib.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=3871:do-alto-do-meu-sof%C3%A1&Itemid=545)

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O julgamento de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém: o cinema como fonte, prova documental e estratégia pedagógica*, 2014. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann\\_nuremberg\\_israel.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf)

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de Psicanálise*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1998.

REES, Laurence. *O Holocausto: Uma nova história* (trad. Luis Reyes Gil), 1ª edição, São Paulo: Vestígio, 2018.

RIVERA, Tania. “Entre dor e deleite”, Resenha de Freud, Sigmund; Kehl, Maria Rita; Peres, Urania T.; Carone, Modesto e Carone, Marilene (tradução de Marilene Carone), São Paulo, Novos estudos: CEBRAP n 94, 2012.

ROSA, Miriam Debieux. “A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica”, Revista *Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. IV, n. 2., pp. 329 – 348, set. 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANTNER, Eric L. *A Alemanha de Schreber: a paranoia à luz de Freud, Kafka, Foucault, Canetti, Benjamin*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SHAKESPEARE, William. *Ricardo III*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Difel (Editora Record), 2010.

SHEFFER, Édith, *Les enfants d'Asperger*, 1ª edição, Paris: Flamarion, 2018.

SLAVUTZSKY, Abrão. A “banalidade do mal” é banal. Disponível em <https://jornalgggn.com.br/artigos/a-banalidade-do-mal-e-banal-por-abrao-slavutzky/>, 2019

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. Editora Contexto, 1ª edição, 2013.

STANGNETH, Bettina. *Eichmann before Jerusalem: the unexamined life of a mass murderer* (traduzido do alemão por Ruth Martin), 1ª edição, United States: Vintage Books, 2015.

SUSEMIHL, Elsa Vera Kunze Post. “Manuscrito inédito de 1931: Breves notas sobre um texto de Freud até há pouco desconhecido, e recém-traduzido para o português”, *Jornal de Psicanálise*, 51, 2018.

SZKLARZ, E. *Nazismo: como ele pode acontecer*, 1ª edição, São Paulo: Editora Abril, 2015.

TÁCITO. *The Reign of Tiberius, out of the first six annals of Tacitus* (Tradutor do original para o inglês: Thomas Gordon). Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/7959/7959-h/7959-h.htm>

TAVARES, Enéias Farias. “Ricardo III, de Shakespeare: gênese da vilania sedutora via linguagem”, *Revista Querubim*, revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, Ano 04, Nº 07, 2008.

VARA BRANCO, A. M. “O Nacionalismo nos séculos XVIII, XIX e XX: O Princípio construtivo da modernidade numa perspectiva história – Filosófica e Ideológica. Um caso

Paradigmático: A Alemanha”, Viseu – Portugal: Millenium – Journal of Education, Technologies and health (<https://revistas.rcaap.pt/millenum/index> ), número 36, maio 2009.

VIVES, J. *Tratado General de Geopolítica. Barcelona: Editorial Vicens-Vives* (1972), apud. FERNANDES, Marisa. O Papel da Geopolítica na Posição da Alemanha na I e na II Guerras Mundiais, Revista Nação e defesa nº 129, Lisboa.

VILLA, François. “A psicanálise tem meios para refletir sobre o mal? Estudo feito em torno do livro *O espírito do mal*, de Nathalie Zaltzman”, Reverso Belo Horizonte, ano 33, n. 61, p. 47 – 58, jun/2011.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Cartas entre Freud e Pfister: Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã (1909-1939)* (tradução), 1ª edição, ed. Ultimato, 1998.

ŽIŽEK , Slavoj. Alguém disse totalitarismo? Cinco intervenções no (mau) uso de uma noção. 1ª edição, São Paulo, Boitempo, 2015.

ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem. Memórias de um europeu*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2014.

## ANEXOS

### a. Abreviações e nomes próprios

Na tabela abaixo, encontram-se traduzidos e esclarecidos os termos e as siglas em alemão mais relevantes citados ao longo deste trabalho.

Tabela 1:

AS (Sturmabteilung)	Força paramilitar do Partido Nazista. Ela desempenhou um papel significativo na ascensão de Hitler ao poder.
Campos de concentração	Bergen-Belsen · Bogdanovka Buchenwald Dachau · Gross-Rosen Herzogenbusch Janowska · Jasenovac Kaiserwald Maly Trostenets Mauthausen-Gusen Neuengamme · Ravensbrück Sachsenhausen · Sajmište Salaspils · Stutthof Theresienstadt Uckermark · Varsóvia
Campos de extermínio nazistas	Auschwitz-Birkenau Belzec Chelmno · Majdanek Sobibor · Treblinka
Einsatzgruppen	“Grupos de implantação”, os esquadrões paramilitares da morte de Schutzstaffel (SS) que eram responsáveis por homicídios em massa, principalmente por tiroteio.
Hermannsdenkmal	Monumento Hermann
IKG	Israelitische Kultusgemeinde, ou Comunidade Israelense
Judenrein	“limpo de judeus”
NSDAP	Partido Nazista (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães)
Papiermark	Marco de papel. Nome genérico dado à moeda alemã até 1948.
Pogroms	Causar estragos, destruir violentamente. Historicamente, o termo foi usado para

	denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada durante a ocupação nazista contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas.
Rassenschande	Desgraça racial – Política racial da Alemanha Nazista
Reichsmark	Moeda oficial na Alemanha de 1924 até 1948.
Reichssicherheitshauptamt ou RSHA	Gabinete Central de Segurança do Reich
Schutzstaffel	A Schutzstaffel, abreviada como SS, organização paramilitar ligada ao partido nazista.
Völkisch	O Movimento populista völkisch, esteve presente entre o final do século XIX e o período nazista. O termo völkisch, que significa "étnico", deriva da palavra alemã Volk, correspondente a "povo".
Zentralstelle	O Escritório Central de Emigração Judaica (em alemão Zentralstelle für jüdische Auswanderung).

## b. Patentes da SS e do Exército Nazista

Na tabela abaixo, encontram-se traduzidas as principais patentes da SS e do exército nazista, para os seus equivalentes em português.

Tabela 2:

<b>Patentes da SS e do Exército Nazista</b>	
<b>SS</b>	<b>EXÉRCITO</b>
Reichsführer-SS	Generalfeldmarschall (General Marechal de Campo)
Oberstgruppenführer	Generaloberst (Coronel-General)
Obergruppenführer	General der Panzertruppe (General)
Gruppenführer	Generalleutnant (Tenente-General)
Brigadeführer	Generalmajor (Major-General)
Oberführer	Brigadegeneral (General-de-Brigada/Brigadeiro-General)
Standartenführer	Oberst (Coronel)
Obersturmbannführer	Oberstleutnant (Tenente-Coronel) (patente mais alta alcançada por Adolf Eichmann)
Sturmbannführer	Major
Hauptsturmführer	Hauptmann (Capitão)
Obersturmführer	Oberleutnant (Primeiro-tenente)
Untersturmführer	Leutnant (Segundo-tenente)
Sturmscharführer	Stabsfeldwebel (Subtenente)
Hauptscharführer	Oberfeldwebel/Oberfähnrich (Sargento-ajudante)
Oberscharführer	Feldwebel (Primeiro-sargento)
Scharführer	Unterfeldwebel/Fähnrich (Segundo-sargento)
Unterscharführer	Unteroffizier)

	(Terceiro-sargento)
Rottenführer	Obergefreiter (Primeiro-cabo)
Sturmmann	Gefreiter (Segundo-cabo)
Oberschütze Obermann	Oberschütze (Soldado de primeira-classe)
Schütze Mann	Schütze (Soldado)

(Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_patentes\\_da\\_SS](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_patentes_da_SS))

### c. Lista de vídeos

Na tabela abaixo, encontra-se uma lista de vídeos e referências audiovisuais sobre Eichmann, sobre o Nazismo e sobre a Primeira Guerra Mundial.

Tabela 3:

<b>SOBRE EICHMANN</b>
A Quick Message From Hannah Arendt (1964): Entrevista concedida pela filósofa após a publicação do seu polêmico trabalho “Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal”: <a href="https://youtu.be/DmdK-XnR63s">https://youtu.be/DmdK-XnR63s</a>
“A solução final” (2009) O filme é baseado no depoimento final de Adolf Eichmann, feito antes de ser executado em Jerusalém: <a href="https://youtu.be/ql0InAaojns">https://youtu.be/ql0InAaojns</a>
Adolf Eichmann Biography: O arquiteto do holocausto (documentário): <a href="https://youtu.be/kMA97zbgwtw">https://youtu.be/kMA97zbgwtw</a>
Eichmann Trial - Session No. 1 - Imagens do início do julgamento de Eichmann. <a href="https://youtu.be/Fv6xbeVozhU">https://youtu.be/Fv6xbeVozhU</a>
Hitler e Sua Corrente do Mal - Adolf Eichmann (documentário): <a href="https://youtu.be/9-2vFpmMZNg">https://youtu.be/9-2vFpmMZNg</a>
“Operação Final” (2018) Último filme sobre a captura, julgamento, condenação e execução de Adolf Eichmann. Trailer: <a href="https://youtu.be/G7V1O922Efs">https://youtu.be/G7V1O922Efs</a>
“The Eichmann Show”. É um filme britânico que estreou em 2015 e retrata os bastidores do julgamento de Eichmann sob a ótica do produtor americano de TV: <a href="https://youtu.be/u0uKdGO3LVQ">https://youtu.be/u0uKdGO3LVQ</a>
<b>SOBRE O NAZISMO</b>
As Doutrinas Nazistas (documentário): O Programa explora a psique distorcida do estado nazista, trazendo à tona suas estranhas bases ocultas: desde a ideia de Himmler da SS como uma ordem de cavaleiros antigos até as crenças sexuais surpreendentes impostas pelo poder nazista. <a href="https://youtu.be/NtaQ7E9I9io">https://youtu.be/NtaQ7E9I9io</a>
“Hitler e sua corrente do mal” - Hans Frank (documentário): <a href="https://youtu.be/R25oovAcuyY">https://youtu.be/R25oovAcuyY</a>
Joseph Goebbels: O maestro da propaganda (documentário): <a href="https://youtu.be/tbak304MA6g">https://youtu.be/tbak304MA6g</a>
Leni Riefenstahl: Triumph des Willens (1935). O documentário estreou em 28 de março de 1935. O filme retrata o 6º Congresso do Partido Nazista, realizado no ano de 1934 na cidade de Nuremberg e que contou com a presença de mais de 30.000 simpatizantes do Nazismo: <a href="https://youtu.be/4NGjuNNcvPE">https://youtu.be/4NGjuNNcvPE</a>
Leni Riefenstahl - Vida e Obra. (documentário): Leni Riefenstahl foi uma cineasta alemã, considerada a cineasta do Nazismo: <a href="https://youtu.be/1NabXm8OooA">https://youtu.be/1NabXm8OooA</a>

<p>“Negação” Deborah E. Lipstadt é uma pesquisadora do Holocausto que, em seu livro, se contrapõe de forma veementemente ao historiador David Irving, que prega que o Holocausto não existiu e é uma invenção dos judeus para lucrar. Trailer: <a href="https://youtu.be/M1xwtrlrmjn0">https://youtu.be/M1xwtrlrmjn0</a></p>
<p>“O Senhor das Moscas”: O filme trata das disputas de poder entre dois grupos de jovens isolados na selva.: <a href="https://youtu.be/mnYc1Yi0cmE">https://youtu.be/mnYc1Yi0cmE</a></p>
<p>“Olympia Festival of Nations” (1936) Olympia é um documentário escrito, dirigido e produzido por Leni Riefenstahl. Trata-se do registro das Olimpíadas de Verão de 1936, realizadas no Estádio Olímpico de Berlim, na Alemanha: <a href="https://youtu.be/DN86EzMIL74">https://youtu.be/DN86EzMIL74</a></p>
<p>Paris 1940 - Ocupação alemã: <a href="https://youtu.be/qHxkmSiKu4I">https://youtu.be/qHxkmSiKu4I</a></p>
<p>Reinhard Heydrich: O açougueiro de Praga (documentário): <a href="https://youtu.be/i74CY3QDwO0">https://youtu.be/i74CY3QDwO0</a></p>
<p>Victor Klemperer – documentário: <a href="https://youtu.be/CE4MPu6A5MM">https://youtu.be/CE4MPu6A5MM</a></p>
<p><b>SOBRE A 1ª GUERRA MUNDIAL</b></p>
<p>Documentário biográfico de Thomas Woodrow Wilson, disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=lkHGR-G8l-c">https://www.youtube.com/watch?v=lkHGR-G8l-c</a></p>
<p>Documentário com imagens do encontro em Versalhes. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=iSTr1kBlnu4">https://www.youtube.com/watch?v=iSTr1kBlnu4</a></p>
<p>Documentário sobre os resultados da 1ª Guerra Mundial. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&amp;v=4j3hbR03enY&amp;feature=emb_logo">https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&amp;v=4j3hbR03enY&amp;feature=emb_logo</a></p>
<p>Imagens da Feira Universal – Paris - disponíveis em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=fxXdsk-_VZS">https://www.youtube.com/watch?v=fxXdsk-_VZS</a></p>
<p>Imagens de Paris em 1900 disponíveis em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mdrO__Nb9-I">https://www.youtube.com/watch?v=mdrO__Nb9-I</a></p>
<p>Segredos de Paris - Exposição Universal de 1900: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Q4W8RNop8kk&amp;t=78s">https://www.youtube.com/watch?v=Q4W8RNop8kk&amp;t=78s</a></p>



Figura 2:

EXTRANJERO

**SOLICITUD DE CEDULA DE IDENTIDAD CIVIL**  
(LEY 5004)

Número **1378538**

LUGAR Y FECHA Florida 3-8-1950 E4333  
12322

SEÑOR DIRECTOR DE IDENTIFICACIÓN CIVIL Y ESTADÍSTICA GENERAL.

Me dirijo a Vd. solicitándole quiera disponer se me expida la Cédula de Identidad Civil común \* a cuyo fin declaro bajo juramento que mis datos personales son los siguientes:

NOMBRE Ricardo APELLIDO Klement  
hijo de don \_\_\_\_\_ y de doña Hna Klement  
domiciliado en la calle Monasterio N° 1429 Localidad Itze López Partido \_\_\_\_\_  
Provincia de Bs Aires nacido el día 23 del mes de Mayo del año 1913 en Bolzano  
Provincia \_\_\_\_\_ Nación Alemania Matricula N° \_\_\_\_\_ D. M. \_\_\_\_\_ Estado civil Soltero  
de profesión, oficio u ocupación Mecánico Nombre y apellido de la esposa \_\_\_\_\_  
Número de hijos \_\_\_\_\_ Nombres \_\_\_\_\_

Estudios cursados Secundarios Justifico estas circunstancias con los siguientes documentos Pasap. Internacional de la Cruz  
Llegué al país el 14 de Julio de 1950 al puerto de Bs. Aires procedente del puerto Geneva  
Nombre del vapor "Gigama Q"

OBSERVACIONES: (1) Paga Visa de por Consul Arg. en  
Geneva el 14-7-1950 y sello de Inmigración.  
Le devolvió al Cons. de la rep. para trad. de lo público.

Saludo a Vd. atentamente, sendugo  
18-3-50

CAMBIOS DE ESTADO CIVIL

Unia. Acosta. Res. de Extranjero en Legarido  
27-7-1950 cumplida. Res. 27-7-50  
en pie. aplica de seguir para qd

(1) Indicar en caso de pobreza ante que Juez se justificó.  
(2) Defectos Físicos: Sordomudo, ciego, rengo; (derecha-izquierda). Manco: (derecha-izquierda).  
\* TACHESE LO QUE NO SE DESEE.

Firma del solicitante: Klement Ric.  
Fecha de otorgamiento 27-10-50  
Fecha del vencimiento 27-10-60  
Firma del funcionario: Osvaldo Beltrami

OSVALDO BELTRAMI  
JEFE

Sellado N° 2804413 - 6,50 \$ O.S. Fogliani

DIRECCION DE IDENTIFICACION CIVIL Y ESTADISTICA GENERAL  
PROVINCIA DE BUENOS AIRES

515488864

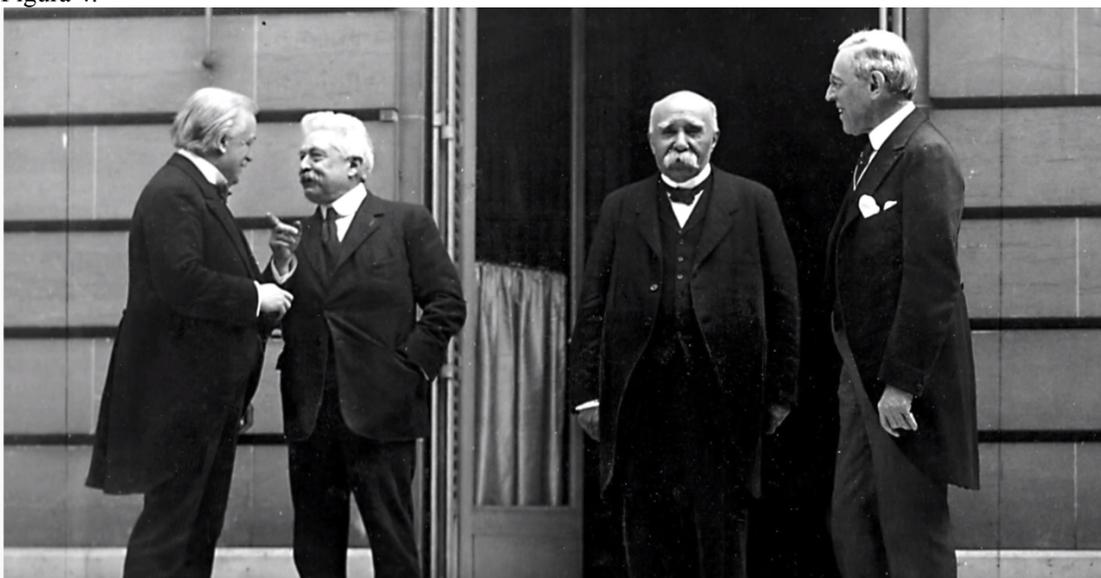
Documento de Identidade de Ricardo Klement (Adolf Eichmann)

Figura 3:



Assinatura do tratado de Versalhes. Sala de Espelhos – Versalhes.

Figura 4:



Os signatários do Tratado de Versalhes. À direita Thomas Woodrow Wilson.  
Disponível em <https://www.thinglink.com/scene/628959172347559938>

Figura 5:



Adolf Eichmann em 1940 – Memorial do holocausto

Figura 6:



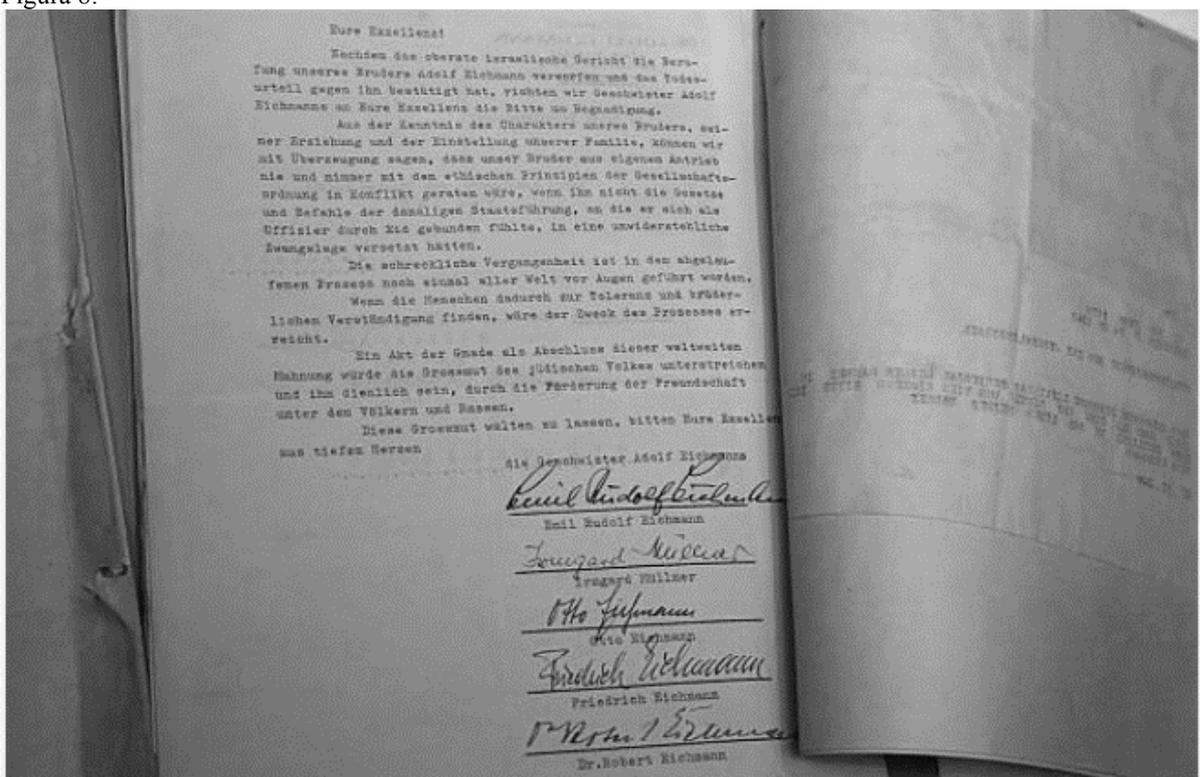
Passaporte que Eichmann usou para entrar na Argentina / domínio Público

Figura 7:



Registro com digitais feitas em Jerusalém.

Figura 8:



Uma foto tirada em 27 de janeiro de 2016 mostra um documento dos arquivos do Departamento Jurídico da Presidência de Israel, apresentado ao público em cerimônia que marca 55 anos do julgamento de Eichmann. O documento é uma carta dos irmãos Adolf Eichmann enviados ao presidente israelense Yitzhak Ben Zvi para pedir a clemência de Eichmann no Holocausto, apenas dois dias antes de ele ser executado. A carta diz em alemão: “Meritíssimo! Depois que o Supremo Tribunal de Israel rejeitou o apelo de nosso irmão Adolf Eichmann, nós - os irmãos de Adolf Eichmann - solicitamos um apelo por clemência em seu nome. Conhecendo a natureza de nosso irmão, sua educação e a posição de nossa família, podemos dizer com convicção que os impulsos de nosso irmão não conflitam com os princípios éticos da ordem social. Foi apenas por obrigação de seu juramento como oficial que ele se sentiu obrigado a seguir as regras e regulamentos estabelecidos pela liderança do país na época, que o forçaram a uma situação impossível de enfrentar. Durante o julgamento final, o passado terrível foi novamente apresentado ao mundo inteiro. Se a tolerância e a compreensão da irmandade são o resultado deste teste, então o objetivo do teste foi alcançado. A conclusão dessa reprovação global, através de um ato de bondade, destacará a magnanimidade do povo judeu e ajudará na promoção da amizade entre povos e raças. Para permitir que essa magnanimidade prevaleça, procuramos a sincera consideração de Honor. "O texto é assinado pelos" irmãos de Adolf Eichmann: Emil Rudolf Eichmann, Irmgard Molnar, Otto Eichmann, Frederick Eichmann, Dr. Robert Eichmann. Disponível em <https://www.handelsblatt.com/politik/international/ns-verbrecher-israel-veroeffentlicht-gnadengesuch-adolf-eichmanns-12887470.html?ticket=ST-23347-Peh6ShwcNaI2ZcYMSM9P-ap3>

Figura 9:



Monumento a Hermann: <http://www.dronestagr.am/hermannsdenkmal-detmold/>. Acesso em maio de 2019.

Figura 10:



Detalhe da espada de Hermann: <https://volksbetrugpunkt.net.wordpress.com/2014/04/25/deutsche-einigkeit-meine-starke-das-schwert-des-hermannsdenkmals/> Acesso em 3 maio 2019.

Figura 11:



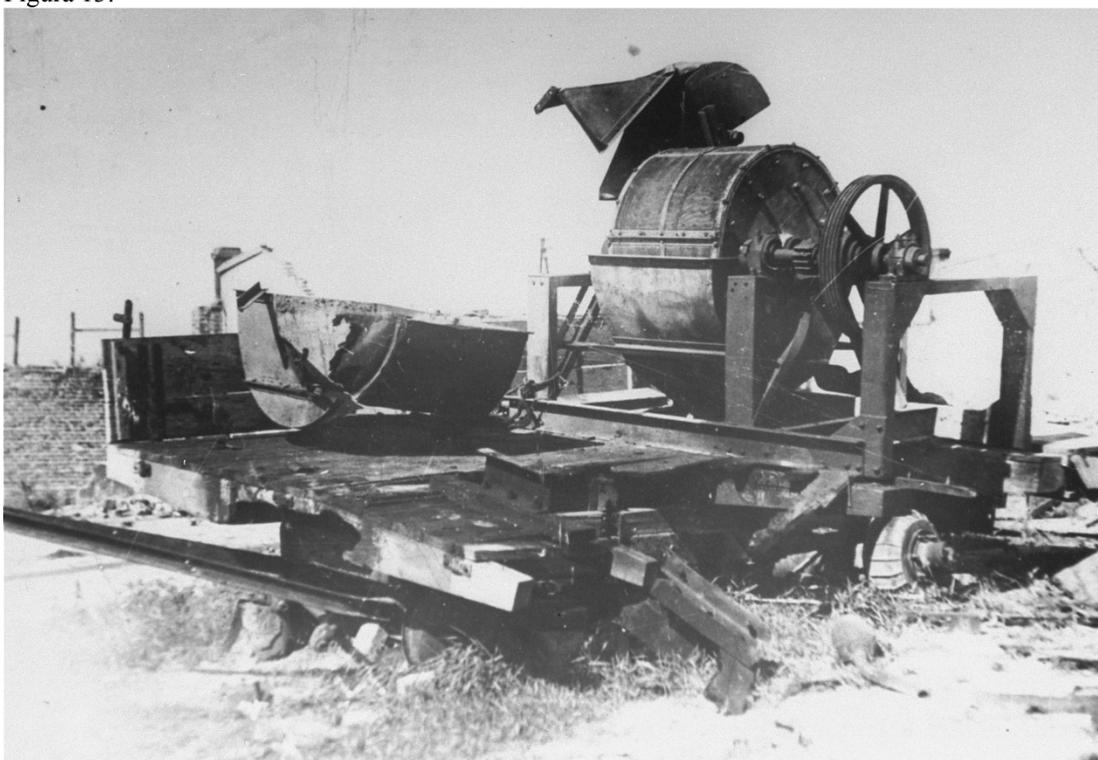
Horst Wessel lidera sua formação de SA pelas ruas de Nuremberg durante o quarto Congresso do Partido Nazista 01 de agosto de 1929 - 04 de agosto de 1929. Disponível em <https://www.ushmm.org/> acesso em aio de 2019.

Figura 12:



Dois policiais militares escoltam o tenente-general Ernst Kaltenbrunner de Nuremberg. Disponível em <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1141427>

Figura 13:



Vista da máquina de esmagar ossos usada por Sonderkommando no campo de concentração de Janowska.  
Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/tags/en/tag/forced-labor-camps>